5561 - ANO 05 - Nº 04 - 1998 - EDIÇÃO 53 - C$ 140,00

JUNHO BIZZ

EDITORA AZUL

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

PAUL IN RIO
ANTES, DURANTE
E DEPOIS

RENATO RUSSO
NO ENTREVISTÃO

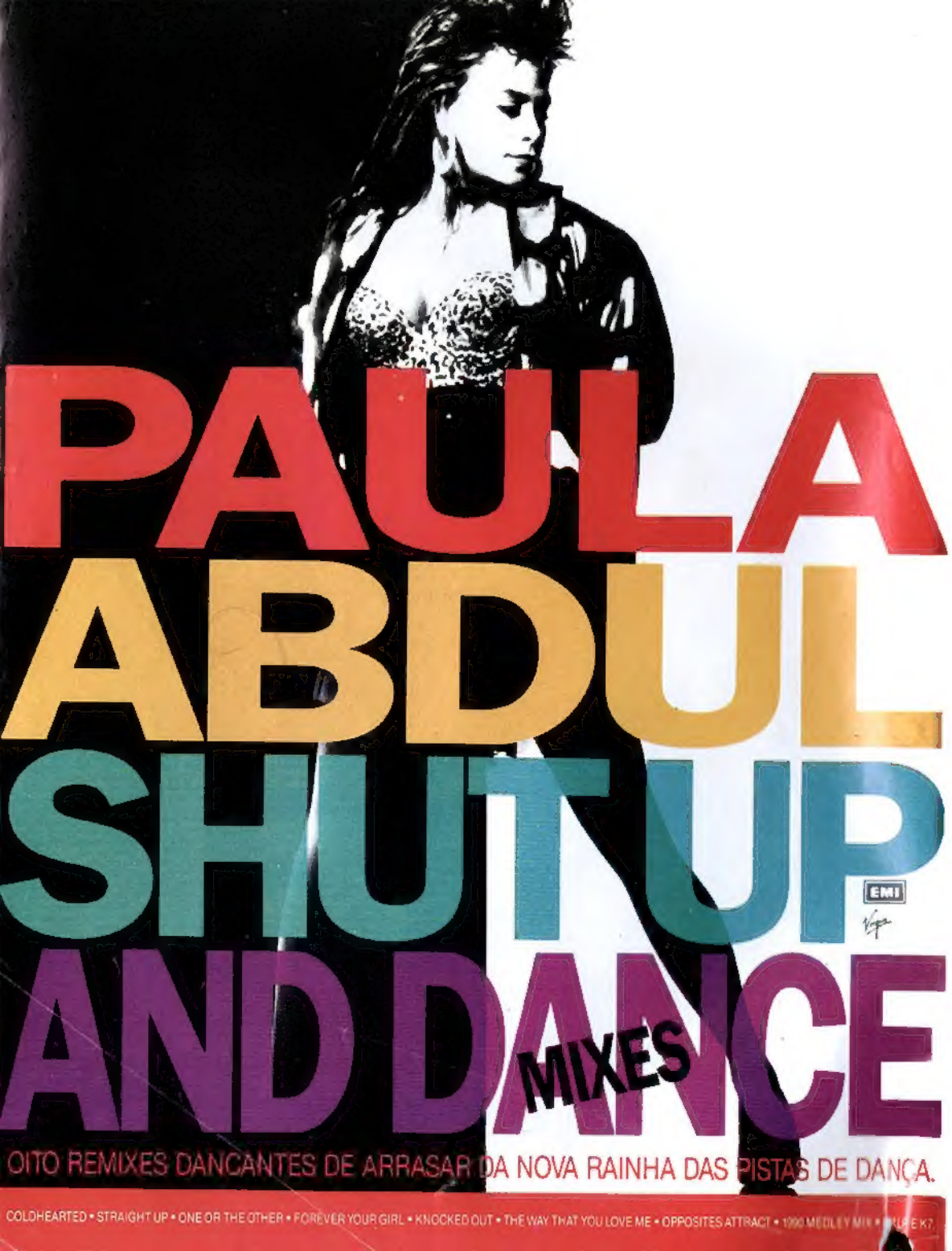
ERASURE NO BRASIL
AO VIVO + ENTREVISTA

NEIL YOUNG
LIÇÕES DO PÓ DA ESTRADA

TIM MAIA
MINHA FAMA DE MAU

⊕ EVANDRO • DAVID BOWIE
ENGENHEIROS • OINGO BOINGO

É, são os B-52's!



Não, nós não estamos em 84, e sim, é o B-52's mesmo na capa. Não é uma edição nostálgica nem um presente para os órfãos da new wave. O ano é 1990, e o B-52's está na capa por puro merecimento.

Pare para pensar. O ano de 1989 foi empesteado por ressurreições de todos os tipos e calibres. Como aconteceu em 88 com o Pink Floyd, a turnê mais lucrativa foi a de um dinossauro, os Rolling Stones. E, por mais divertidos que alguns *comebacks* possam ter sido, não se engane: os caras estavam de olho no seu bolso, exclusivamente.

Roberto Siqueira Azul

Aí aparece o novo disco do B-52's, e ninguém na indústria ou na mídia dá a mínima. Mas o público não é bobo: seis meses depois de lançado, *Cosmic Thing* chega aos primeiros lugares do mundo inteiro, na moral e sem trambique algum. Tudo graças à persistência do grupo — e porque o disco é ótimo. Na pág. 24.

Aliás, esta edição está cheia de *outsiders* que comeram o pão que o diabo amassou, não se renderam e acabaram dando a volta por cima. É o caso das trajetórias dos veteranos **Tim Maia** (pág. 30) e Neil Young (pág. 34), e mesmo do aparentemente despreocupado Erasure, que teve e continua tendo de enfrentar preconceitos pesados (pág. 52). E o entrevistão com **Renato Russo** (pág. 43) é um raro ato de coragem e honestidade. Leia e comprove. E se inspire no exemplo das pessoas acima e nas imortais palavras de Jorge Ben: não desista. Mês que vem tem mais.

Marcos Bonisson Azul

Foto de Capa: VEJA

ÍNDICE

4 **SHOWBIZZ**
O fim dos Simple Minds, Madonna, Rita Lee

14 **A NOVA VANGUARDA DO METAL**
e mais Tek Nou, Queen Latifah e Magal

43 **ENTREVISTÃO**
Oito páginas com o líder da Legião Urbana

52 **ERASURE**
Enfrentando os machões da América Latina

58 **DANCE MUSIC**
Duas páginas com o melhor das pistas

60 **CONEXÃO BRASIL**
Humberto Effe, underground gaúcho

62 **AO VIVO**
McCartney, Bowie, Engenheiros, Boingo

73 **DISCOS**
Changesbowie, Sundays, Quincy Jones

84 **PARADA**
Whitesnake e Titãs em primeiro

86 **LETRAS TRADUZIDAS**
"Fame", David Bowie

88 **CARTAS**
Os leitores detonam Ed Motta

90 **DISCOTECA BÁSICA**
"*Stand!*", Sly Stone

FLOYD REUNIDO?

E a queda do muro de Berlim continua tendo efeitos milagrosos. Foi anunciado que o Pink Floyd vai tocar a ópera-rock *The Wall* num megashow beneficente que acontecerá este verão em Berlim e sera transmitido via TV para o mundo todo. Outros astros deverão participar do evento. Bom, e cadê o milagre? Acontece que o organizador da coisa é um sr. Roger Waters, o que quer dizer que há enormes chances de o Pink Floyd se reunir, pelo menos por uma noite. Se isso acontecer, será a primeira vez que o grupo toca *The Wall* desde 1980 e o primeiro show com Waters desde 82. Agora so falta Syd Barrett...

ACID EXPRESSO

Um dos papas da primeira geração da *acid house*, **Mark Moore** reativou o **S'Express** e está gravando seu segundo disco, *Intercourse*. Segundo Mark, o LP será bem diferente da estréia do grupo, *Original Soundtrack* (88) que rendeu os hits "Hey Music Lover", "Theme From S'Express" e "Superfly Guy": "comparo o novo disco com *Sweet Dreams*, dos **Eurythmics**, e *Dare!*, do **Human League**". O primeiro single será "Supersonic Lover". Em 1989, Mark Moore andou ocupado com sua outra "profissão": a de caçador de talentos para o selo de dance music Rhythm King. Foi ele quem contratou **Baby Ford**, **Beatmasters**, **Cookie Crew** e **Renegade Soundwave**.

OZZY APOSENTADO

Ozzy Osbourne anunciou que vai parar de excursionar. Sua proxima tour, que começa em julho na Inglaterra, será a última. Enquanto isso, outros veteranos caem na estrada ao velho estilo: é o **Kiss**, que vai voltar a usar suas tradicionais maquiagens na turnê *Hot In The Shade*. E descabelem-se, meninas: a revista *Kerrang* noticiou que **Jon Bon Jovi** quebrou o pau com seu braço-direito, **Richie Sambora**, e pode anunciar o fim do Bon Jovi a qualquer momento.

MISS VERÃO 90

O verão americano de 90 já tem dono, e seu nome é Madonna. Miss Ciccone está na maior superprodução da temporada, *Dick Tracy*, e também na trilha sonora *I'm Breathless: Music Inspired By The Film Dick Tracy*, em que canta composições do teatral **Stephen Sondheim e faz duetos com dois astros do filme, o mocinho **Warren Beatty** e o bandidão **Mandy Patinkin**. Madonna também lançou moda nas pistas de dança, popularizando um estilo de dançar no clip de "Vogue". E sua turnê mundial *Blonde Ambition*, iniciada em abril no Japão, pode aterrissar no Brasil em julho com abertura do **Technotronic**, trazida pela Mills/Niemeyer.**

RÁDIO CENSURADA

A Constituinte de 88 pode ter acabado com a censura, mas tem gente que não ficou sabendo. O juiz da 2.ª Vara de Família de Campos (RJ), Carlos Azeredo de Araújo, proibiu as rádios da cidade de tocarem músicas que "induzem ao sexo explícito *(sic)* ou que claramente usam expressões de baixo nível".

A justificativa legal para a censura é o artigo quinto do Código de Menores, que trata da proteção do menor. Segundo Araújo, essas músicas são lesivas à formação das crianças.

Numa pesquisa realizada pelo jornal *A Cidade*, de Campos, 90% dos entrevistados se declararam contra a censura, que atingiu músicas como "Chiclete", do **Ultraje A Rigor**, e "Tô Tristão", da **Casseta E Planeta**.

DEXTER GORDON

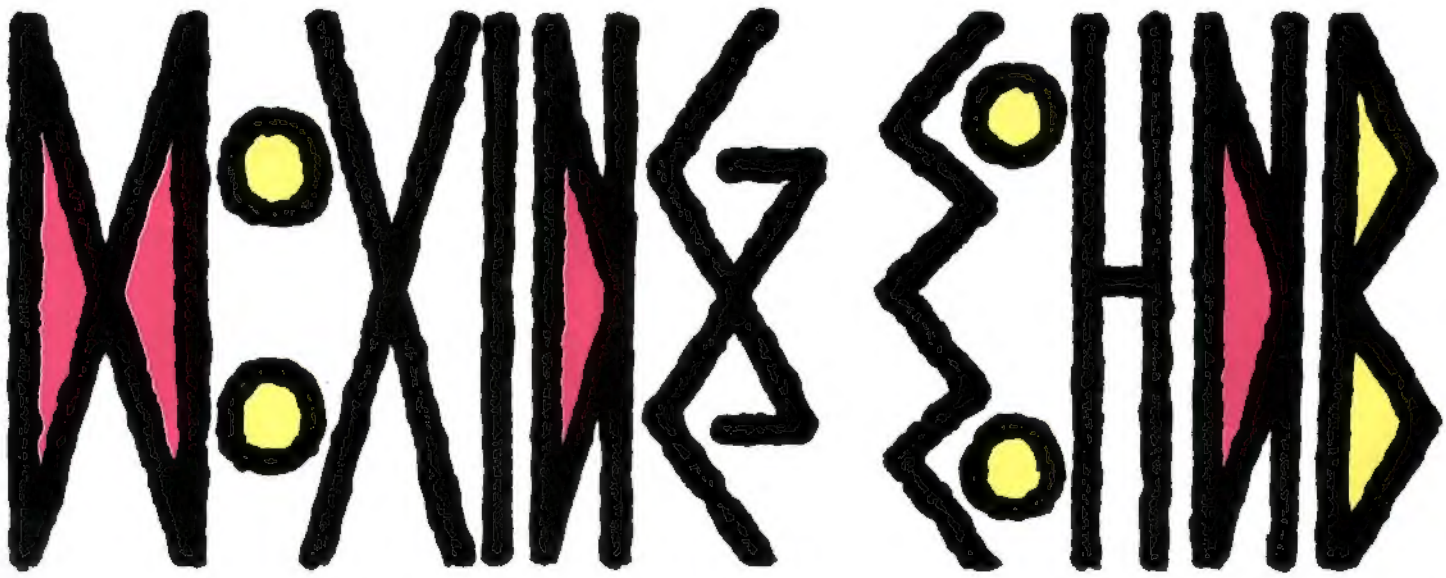
Morreu aos 67 anos, de uma crise hepática, o sax tenor Dexter Gordon. Parceiro de monstros como Charlie Parker, Lester Young e Wayne Shorter, Dex passou por vários estilos, do bebop ao cool jazz. Ele foi indicado para o Oscar de melhor ator em 86, por seu trabalho em *Round Midnight*.

FOTOS TROCADAS

Na matéria "Renascença Psicodélica", da BIZZ 58, duas fotos saíram trocadas. Na página 32: a foto do dramaturgo e presidente tcheco Vaclav Havel deveria estar no lugar de Alexander Dubcek e vice-versa.

A MORTE DA DIVINA SARAH

O jazz perdeu uma de suas maiores cantoras com a morte de **Sarah Vaughn** aos 66 anos, de câncer pulmonar. Sarah começou cantando em corais de igreja em New Jersey. Em 1944, montou sua própria orquestra com futuros astros do então nascente bebop. Nos anos 50, Sarah cristalizou sua técnica de *scat singing*, vocalizando as melodias do bebop. Nos 60, trabalhou com a *big band* de Count Basie. Veio ao Brasil oito vezes e chegou a gravar dois discos só de músicas brasileiras, *O Som Brasileiro De Sarah Vaughn* (77) e *Brazilian Romance* (87).



Dobre aqui e ...

LÍNGUA DO TEMPO. CHIP DOS MAIAS. UMA COISA É CERTA: NADA SERÁ COMO ANTES.

... dobre-se ao novo.

PHILIPS

dobre-se ao novo.

Moving Sound é um som que não precisa explicar por que veio. Porque você não preci-

sa ter um motivo para ouvir música. Você curte e quer ouvir música. E só. Todo tipo,

em qualquer lugar, em qualquer volume. E se essa música tiver uma imagem enlouquecida,

melhor. Moving Sound. O som para uma geração em movimento.

MOVING SOUND

SOM·LINGUAGEM·MOVIMENTO

Dobre aqui e ...

VINIL FRESCO

Já saiu na metade civilizada do planeta *The Good Son*, o disco que **NICK CAVE** gravou em São Paulo. A crítica adorou • Aliás, a crítica inglesa deu para gostar de novo de *guitar bands* independentes. Na leva mais recente estão o **SONIC BOOM**, com *Spectrum*; o **LOOP**, com *A Gilded Eternity*; o **RIDE**, com *Play*; os **PALE SAINTS**, com *The Comfort Of Madness*; o **LUSH**, com *Scar*; e os **INSPIRAL CARPETS**, com *Life* • Três quase veteranos com discos novos são o **HOUSE OF LOVE**, com *House Of Love*; o **BAND OF HOLY JOY**, com *Positively Spooked*; e o grebo **GAYE BYKERS ON ACID**, com *Cancer Planet Mission* • Velhos de guerra com vinis quentinhos: **CARLY SIMON** (*My Romance*), **RUSH** (*Presto*), **GARY MOORE** (*Still Got The Blues*), e **MARIANNE FAITHFUL** (*Blazing Away*) • O mês foi bom para *new wavers* renitentes. Saíram LPs dos **ASSOCIATES**, *Wild And Lonely*; uma coletânea completíssima dos **GO-BETWEENS**, *1978-1990*; os novos de dois herdeiros do Rockpile, **DAVE EDMUNDS** (*Closer To The Flame*) e **NICK LOWE** (*Party Of One*) e dois solos de ex-integrantes do Television, **RICHARD HELL** (*Funhunt*) e **TOM VERLAINE** (*The Wonder*). O troféu "título mais cretino" vai para **BOB GELDOF**, por *Vegetarians Of Love* • A classe de 86 demonstra estar ativa com *Good Afternoon Fix*, do **CHURCH**, e *Chemicrazy*, do **THAT PETROL EMOTION** — que, à maneira de outras *guitar bands* como o Primal Scream e os Happy Mondays, caiu de vez para o lado da dance music. O patrono maior dessa conexão é o ex-house-martin Norman Cook. Seu novo grupo, o **BEATS INTERNATIONAL**, estréia em LP com *Let Them Eat Bingo* • E para quem acha que ninguém faz música para dançar como quem tem sangue africano, já saíram lá fora os novos de **LEE "SCRATCH" PERRY**, *From The Secret Laboratory*, e **SALT'N'PEPA**, *"Black's Magic*. Entre as estréias, tem *Feeling Free*, de **SIDNEY YOUNGBLOOD**; *Automankk*, de **A GUY CALLED GERALD**; *People's Instinctive Travels And The Paths Of Rhythm*, do **A TRIBE CALLED QUEST**. E, fechando, três discos indispensáveis: uma antologia dos **NEVILLE BROTHERS**, *Treacherous*; *Fear Of A Black Planet*, do **PUBLIC ENEMY**; e o novo do **SOUL II SOUL**, *Volume Two: 1990 New Decade*.

Ricardo Siqueira Assi

NICK CAVE

Kevin Mazur/LFI

O FÃ DE BOWIE

Numa entrevista à revista britânica *Kerrang*, **Axl Rose** disse que já está em estágio final a produção do esperadíssimo novo disco do **Guns N'Roses**. Segundo Axl, já foram superados os problemas com o baterista Steven Adler, que chegou a ser chutado da banda por problemas com drogas. Na entrevista, Axl desafiou o vocalista do Motley Crue, Vince Neil, para um duelo — Neil socou o guitarrista do GNR, Izzy Stradlin, na saída do MTV Awards —, se defendeu pela milionésima vez da acusação de racismo por causa da música "One In A Million", disse que quer trabalhar com Jeff Lynne (ELO, Traveling Wilburys) e encheu a bola de David Bowie: "Nunca conheci ninguém tão cool e pirado e doente em toda a minha vida".

OUÇA ESSA

Saí do Echo porque todo mundo na banda arrumou namorada e se casou."
Ian MacCulloch, que fez a mesma coisa

"O **Sonic Youth** e o **Jesus & Mary Chain** não são nada mais que o som do Velvet, retrabalhado. Os **Pixies** são da mesma escola dos **Talking Heads**, aquele tipo de humor de escola de arte. **Bruce Springsteen** tem pretensões e ilusões de ser **Bob Dylan**. Já o **Guns N'Roses** é o máximo do americanismo — todo aquele lance do **Norman Mailer** de ser machão, beber paca, ter raiva de bichas." *David Bowie*

"Cara, meu envolvimento com drogas foi *pesado*. Cheirei meus carros, minha mansão, meu avião. Foi tudo para o espaço."
Steven Tyler, Aerosmith

"Para mim, **Neneh Cherry** é a personificação da mãe-natureza perfeita para os anos 90. E olhe que ela consegue ter essa imagem usando calças colantes e sutiãs de renda!"
Wendy James, Transvision Vamp

NAS LOJAS

Depois de passarem março e abril encolhidas por causa do choque, as gravadoras retomaram — com algum atraso — suas planilhas de lançamento. Já saíram *I Do Not Want What I Haven't Got*, de **Sinéad O'Connor**; *Blue Sky Mining*, do **Midnight Oil**; *Brigade*, do **Heart**; *Colours*, dos **Christians**; *Missing, Presumed Having A Good Time*, dos **Notting Hillbillies**, nova banda de **Mark Knopfler**; *Days Of Open Hand*, de **Suzanne Vega**; *10*, dos **Stranglers**; o primeiro disco solo de **Lloyd Cole** sem os Commotions, o bom *Lloyd Cole*; as estréias de um novo herói do arena rock, com *Michael Bolton*, e de **Basia** (ex-Matt Bianco), em *London, Warsaw, New York*; e reedições de discos do **Three Dog Night**, **Otis Redding** e **Four Seasons**, além de uma coletânea de **Alice Cooper**.

RÁPIDO E RASTEIRO

A Laurie Records lançará até o fim do ano trinta (!) discos inéditos de **Charlie "Bird" Parker** ⊗ o **Chic** foi reformado ⊗ O ex-Clash **Paul Simonon** montou uma banda, o Havana 3AM ⊗ Ao estilo de Bowie, a excursão de verão de **Prince** será de *greatest hits* ⊗ **Dee Dee Ramone** está num grupo com **Stiv Bators**. Nome provisório: The New Lords Of The New Church ⊗ O **De La Soul** já iniciou as gravações de seu segundo disco ⊗ Slash e Duff McKagan, do **Guns N'Roses**, tocam em quatro faixas do próximo disco de **Iggy Pop**, que tem produção de Don Was ⊗ Dois clássicos estão na parada inglesa de *dance trax* em novas versões: **"Strawberry Fields"**, reinventada pelo Candy Flip, e **"Walk On The Wild Side"**, por Jamie J. Morgan.

CD SINGLE NO BRASIL

O CD single chegou ao Brasil — mais ou menos. A WEA produziu uma edição limitadissima em compact disc de "Medo", dos **Titãs**. Mas o CDzinho, que veio com letra e tudo, não será colocado à venda: é um *promo*, distribuido exclusivamente para a imprensa.

PREPARE-SE PARA VIAJAR DE DISCO

Origem: *PHILIPS*. Nome: *CD SOUNDMACHINE*. Código de série: AZ8391. Especificação: destinado a viagens de curta, média e longa duração, a um simples toque de botão. Identificação: fácil.

O design não é deste planeta. Movido a: som puro, especialmente laser. Recursos: muitos. É melhor você ler aí embaixo. *LEITURA DE BORDO.* ▶ *CD PLAYER PROGRAMÁVEL COM INTROSCAN.* Primeiro, você tem a alternativa de selecionar até 20 músicas na seqüência que quiser. Com o Introscan isso fica mais simples e preciso. Este sistema dá automaticamente uma amostra dos primeiros segundos de cada música. ▶ *CD LINE OUT.* Além de máquina de som portátil, o CD SoundMachine pode ser utilizado como instrumento de bordo do equipamento de som HiFi de sua casa, conectando-o através da saída CD Out. ▶ *DOUBLE DECK & AUTO-REVERSE.* Os dois decks-cassete funcionam conjugados ou independentemente. De um jeito você copia de fita para fita, inclusive em alta velocidade (High Speed Dubbing). Do outro jeito você pode ouvir suas melhores fitas, sem ter que parar para mudar o lado. O sistema é auto-reverse e você pode ainda dar um comando para que ele se desligue no final. E ele obedece. *OUTROS DETALHES.* ▶ Tem muitos, como o *GRAPHIC EQUALIZER, RÁDIO AM, OC e FM ESTÉREO e DYNAMIC BASS BOOST.* Mas as explicações não cabem no anúncio. O melhor é voar até o revendedor Philips mais próximo e ver - e sentir - essa emoção de perto.

COMPACT disc DIGITAL AUDIO

PHILIPS CD SOUNDMACHINE

▶BEM-VINDO AO FUTURO. BEM-VINDO À PHILIPS.◀

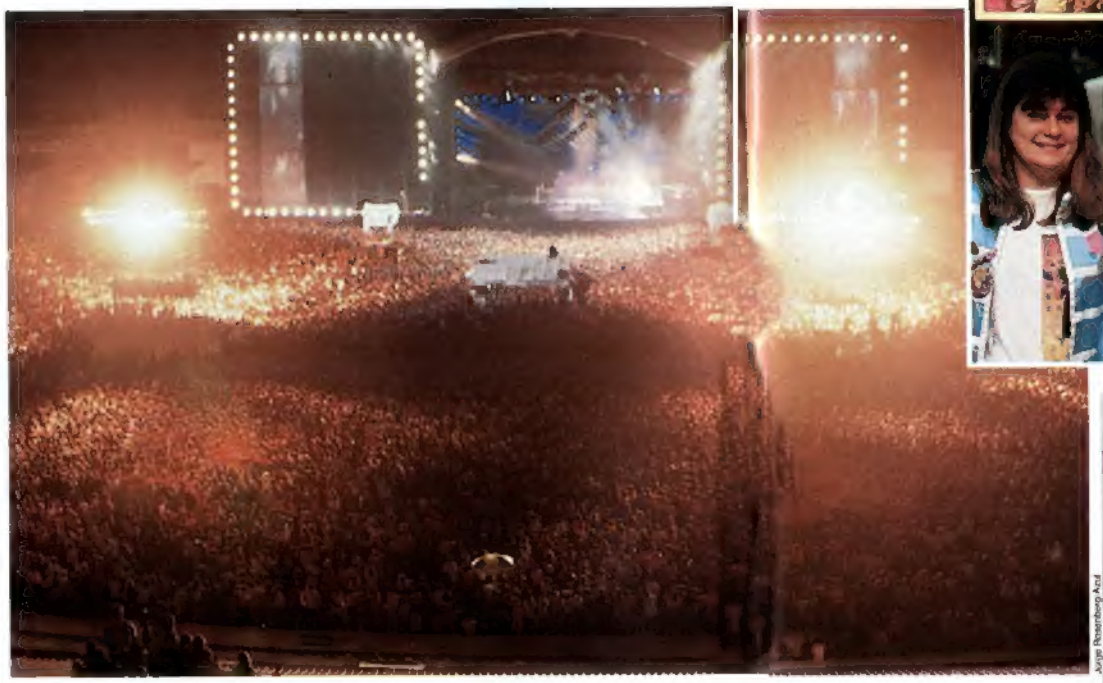
PHILIPS

PAUL IN RIO: ANTES, DURANTE E DEPOIS

Enquanto os fãs esperavam no saguão do aeroporto (à esq.), Paul e Linda fugiam direto da pista em uma perua

Ronaldo Kohn Azul

Cristina Meyer Azul



Jorge Rosenberg Azul

Quarta-feira, 18 de abril, cinco horas da manhã. Pouco mais de sessenta pessoas — entre jornalistas e fãs, na mesma proporção — aguardavam a chegada de Paul McCartney na área de desembarque do Aeroporto Internacional do Rio, amparadas por um pomposo — embora desnecessário — esquema de segurança. A notícia, veiculada na véspera pela TV, de que Paul iria direto da pista de aterrissagem para um helicóptero provavelmente desmotivou o comparecimento da maioria dos fãs. Só mesmo os mais fanáticos dispuseram-se a madrugar na esperança de ver seu ídolo pisando solo pátrio. Um cortejo pequeno, mas bem representado — talvez, o exemplo mais fiel que restou do sonho. Um casal vestido à la Sgt. Pepper dividia as atenções com os rapazes do Molho Inglês, grupo de covers dos Beatles, que, de violão em punho, entoaram "All My Loving" e "Can't Buy Me Love" repetidas vezes. Enquanto o presidente do fã-clube Revolution, de São Paulo, Marco Antonio Mallagoli, registrava algumas cenas em sua câmera de vídeo portátil, a cantora Lilian Knapp (conhecida na época da jovem guarda pela dupla Leno & Lilian) lamentava ser a única artista presente no local. Já o músico Francisco Bustamante, integrante da banda Beatles Forever, orgulhava-se de ter adquirido o primeiro ingresso para o show de Paul no Brasil. Alguns fãs pré-adolescentes confessaram que pegaram carona na beatlemania através de irmãos e amigos mais velhos, alegando manter a idolatria de outrora. O clima de tradição-família-nostalgia ficou por conta das gêmeas Solange e Sueli Ribeiro. Acompanhadas dos filhos menores e de uma amiga, diziam-se beatlemaníacas legítimas, desde 64. Só não estavam mais eufóricas que a jovem pernambucana Cláudia Tapety, "a fã número zero", que gastou todas as suas economias para não perder este raro momento. Aproveitando a deixa, desfiou um rosário de queixas do pouco espaço dado aos Beatles na revista BIZZ. Mas os Beatles já acabaram, argumentei. "Os fãs, não", justificou a moça.

Já passava das seis horas quando chegaram notícias de que Paul havia desembarcado com a mulher e dois filhos, sendo imediatamente conduzidos por uma simples kombi de transporte de bagagem até o estacionamento interno, de onde seguiram, num ônibus especial, para o Hotel Rio Palace, em Copacabana.

Ao contrário do que foi divulgado anteriormente, Paul trocou o isolamento de uma ilha em Angra dos Reis por uma suíte presidencial, onde também ficou hospedada sua equipe de 120 pessoas, incluindo um mordomo e quatro "tutores" para os filhos. O andar ocupado pela família McCartney ganhou flores de perfume suave, duas geladeiras abastecidas com litros e litros de leite e, a pedido de Linda, liquidificador, torradeira e cafeteira. Paul preferiu entreter-se com vídeos recentes, com a única exigência de que não contivessem cenas de violência contra animais. À tarde, por volta das dezesseis horas, Paul, vestindo a camisa 10 da Seleção Brasileira, acenou da varanda para os fãs de plantão à frente do hotel.

Quinta-feira, 19 de abril Devido ao temporal que desabou sobre a cidade durante toda a noite, o show de Paul McCartney foi transferido para sexta-feira. O ex-Beatle permaneceu no hotel, dando uma escapada misteriosa por volta das três da tarde pela saída dos fundos.

Sexta-feira, 20 de abril Precedida por um discurso do prefeito Marcelo Alencar, a entrevista coletiva começou com quase uma hora de atraso. O hall do Parque Aquático Júlio Delamare, no Maracanã, foi disputado por fãs, jornalistas, alguns transfigurados num mix das duas categorias. Apesar dos esforços dos organizadores, que preveniram que o próprio Paul escolheria seus interlocutores, o ambiente parecia uma sala de aula. Tio Macca surgiu às 17:50 e, lépido e fagueiro, disse: "Bom-dia" e não economizou sorrisos e caretas, idênticas às que fazia quando ainda era um garoto de Liverpool. Finalmente, revelou onde foi na quinta-feira à tarde: "Velejei debaixo de chuva pela baía de Guanabara". Será? O assunto Beatles evidentemente mereceu destaque. "Voltei a usar o contrabaixo Hofner por nostalgia. Com os Beatles, aprendi música, tive muito divertimento e amizade." Confirmou sua aparição em vídeo ao lado de Ringo no show em homenagem a Lennon, realizado em maio, em Liverpool e comparou o assassinato do parceiro ao do presidente John Kennedy. Disse que apesar disso não precisou reforçar suas medidas de segurança. Bocejando, esclareceu que foi um erro não ter adquirido os direitos autorais das músicas dos Beatles, hoje nas mãos de Michael Jackson. "Na época", contou Paul, "Yoko Ono tentou regatear o preço, vinte milhões de libras. Tempos depois, eles passaram a valer cinqüenta milhões".

Entre os projetos de Macca estão um filme sobre a trajetória dos Beatles, intitulado *The Long And Winding Road* e um trabalho orquestral a ser apresentado no próximo ano, na catedral de Liverpool. Sobrou tempo para falar de ecologia e questões sociais, com críticas ao desinteresse dos governantes.

Satisfazendo a curiosidade de um jornalista sobre o segredo de sua união com Linda, Paul respondeu: "Tivemos muita sorte. Nós nos amamos e olhe que é muito difícil um homem dizer isso em público". Discordando de outro jornalista que disse ser o rock um estilo musical de raízes negras, mas tendo nos brancos seus grandes intérpretes, Paul citou vários artistas negros, "inclusive Michael Jackson, que é quase negro". Mantendo o tom de brincadeira, explicou seu "processo" de composição: "Cruzo os dedos e começo a tocar. 'Yesterday', por exemplo, surgiu depois de um sonho". Sobre a proposta de compor com algum músico brasileiro (*sic*), ele alegou falta de tempo... E mais não disse, despedindo-se às 18:15 com um "obrigado" em português canhestro.

Sábado, 21 de abril Pouco antes do início do segundo show, Paul recebeu alguns jornalistas para mais uma entrevista, em que falou novamente sobre ecologia, governo Collor, fãs, Beatles e John Lennon. "Ele era um gênio, mas não um santo."

Domingo, 22 de abril Antes de partir para o aeroporto, Paul acenou mais uma vez da varanda do hotel, enquanto Linda atirava flores para os fãs. A derradeira imagem de Paul no Rio foi emblemática: coincidiu com o nome do seu último LP, *Flowers In The Dirt*.

LORENA CALABRIA

NOTAS

- O filme que Richard Lester está fazendo sobre a tour não terá cenas dos shows no Rio, só da cidade e da platéia. E os shows não fecharam a tour: há datas marcadas na Europa, em junho.
- Correu pelo Rio o boato de que o casal McCartney iria visitar uma "típica família brasileira". Só boato.
- Presentes de Paul e Linda para Collor: um disco *Flowers In The Dirt* autografado, um livro de receitas culinárias vegetarianas de Linda. Do presidente para o ex-beatle: três volumes de aquarelas e desenhos sobre a expedição do naturalista russo Barão de Langsdorf ao Brasil.

OS NÚMEROS DA TURNÊ

- Custo estimado: oito milhões de dólares
- Número de integrantes da equipe: 120
- Técnicos: sessenta
- Preço que a Globo pagou para fazer o especial sobre o show: trezentos mil dólares, em anúncios
- Público no show de sexta: oitenta mil
- Público no show de sábado: 180 mil
- Preço de uma camiseta "Paul In Rio": Cr$ 500,00
- Preço de uma cerveja no gramado: de Cr$ 35,00 a Cr$ 70,00
- Números de atendimentos médicos nas duas noites: 108 (a maioria por alcoolismo)
- Prisões dentro do Maracanã: nenhuma
- Prisões fora do Maracanã: 180 (quase todos cambistas)
- Lixo retirado da região do Maracanã: 120 toneladas

BARULHO!

SUB POP

Um selo independente de Seattle concentra a nova vanguarda do heavy metal

Mudhoney

Steve Double Rocks

A cidade que deu ao mundo Jimi Hendrix agora sedia o metal não-animal. De Seattle — no extremo Noroeste dos EUA, perto da divisa com o Canadá — vem o que de melhor o som pesado tem hoje para oferecer. Fique ligado nos nomes: Mudhoney, Soundgarden, Tad, Nirvana e Thee Hypnotics. O negócio desses caras é detonar mesmo. Se uma flor metaleira do tipo Motley Crue ou Cinderella aparecer na praia deles, toma tanto cascudo que nem vai conseguir achar o caminho de volta para a Califórnia.

Um selo independente catalisa o movimento. Nome: Sub Pop. O dono é Bruce Pavitt, ex-crítico de música que, de tanto receber demos no jornal, resolveu abrir uma gravadora para abrigar os renegados do mainstream. Com cerca de dez bandas assinadas, o Sub Pop passou a ser referência obrigatória.

Soundgarden e Mudhoney se destacam. O primeiro saiu da Sub Pop, mas mantém o espírito. O Mudhoney já se chamou Green River, foi a primeira banda da gravadora e influenciou toda a leva de grupos de Seattle que veio na cola.

Na verdade, o Mudhoney é uma espécie de cruzamento entre o Black Sabbath e o Fall. Muito barulho, vocais cavernosos, melodias estranhas, repetitivas. O peso não se limita a guitarras distorcidas à moda do pop inglês. No caso do Mudhoney, a bateria ensurdece e o baixo induz tremores.

Entre uma e outra barbaridade, os caras do Mudhoney — Dan Peters (bateria), Matt Dakin (baixo), Steve Turner (guitarra) e Mark Arm (vocais) — aproveitam para malhar a indústria do disco. Arm disse na revista americana *Pulse* que "é estranho ver outras bandas fazendo de tudo para entrar para uma gravadora grande, tipo dizendo já estamos de quatro, é só enfiar".

Duas bandas: Mudhoney e Soundgarden. Uma tem o cantor favorito de Axl Rose e a outra mistura Fall com Black Sabbath

Se o cantor do Mudhoney quis mandar um recado para o Soundgarden, errou de alvo. Essa banda saiu da Sub Pop, assinou com a gigante A&M e perpetrou *Louder Than Love*, uma bomba inigualável.

Refrão da faixa "Big Dumb Sex": "I know what I'm gonna do/I'm gonna fuck, fuck, fuck you". Desnecessário traduzir. Outras pérolas de finesse — "Você vai matar sua mãe, mate a sua mãe" ("Bands All Over"), "Estou pensando numa coisa/que a gente pode fazer com um revólver" ("Gun") e "Já fui surdo/agora quero barulho" ("Loud Love").

O Soundgarden diz tudo isso sem apelar para clichês de speed e thrash. Nada de bateria acelerada ou meio acorde de guitarra. Prepare-se para ouvir um metal de muito peso, em uma fórmula inovadora que fez Michael Corcoran, da revista *Thrasher*, comparar *Louder Than Love* ao surgimento do AC/DC, em 1974. Além disso, os vocais estão a cargo de Chris Cornell — na opinião de Axl Rose, o melhor cantor do rock atual.

No time intermediário da Sub Pop, Tad e Thee Hypnotics pontificam. Tad ataca de hardcore. O Tad do nome é o vocalista — gordaço que faz Bo Diddley parecer Zezé Macedo. O LP de Tad teve produção do genial Steve Albini (ex-Big Black, atual Rapeman).

Thee Hypnotics — que são ingleses — fazem um tipo mais "cabeça". Segundo o cantor Jim Jones (epa!), o objetivo deles é recuperar o rock do início dos anos 70, que estava ficando "cada vez mais barulhento", mas acabou corrompido pela linha glam. Recomendado para fãs de Stooges e Velvet Underground.

No mês passado, Tad e Thee Hypnotics tocaram em Boston. Zero de roadies: eles mesmos montaram o equipamento. Quando Tad ia começar, estourou um cano do banheiro e o clube ficou alagado. O show parou. A galera foi transferida para o andar de cima (o clube, Rat, fica em um porão). Enquanto isso, tentavam secar o chão com dois aspiradores de pó. No fim, o show acabou rolando no meio do aguaceiro.

Para seu registro, outras bandas do selo, ainda obscuras: Nirvana ("esses caras vão nos enriquecer", diz Bruce Pavitt), Skinyard (acid metal), The Fluid, Afghan Whigs, Walkabouts e Dickless (impossível nome melhor para uma banda só de mulheres). O endereço da gravadora Sub Pop é 1932 First Avenue, Suite 1103, Seattle, WA, USA, 98101.

ÁLVARO PEREIRA JÚNIOR

NEON JUDGEMENT

A Electronic Body Music, onde se inclui o Neon Judgement, é, essencialmente, um gênero mal-humorado: sessões rítmicas irritadas, seqüências gélidas de teclados e letras inconformadas com a abertura de mais um McDonalds em Bruxelas. Os que fazem essa música são basicamente universitários esquerdistas que andam de coturno e vivem entediados de morte com a tranqüilidade social e econômica da Europa Ocidental. A EBM é muito popular nas pistas da Alemanha (o país que nos deu Hitler e o X-Mal Deutschland) e da Bélgica, e, no Espaço Retrô, uma tumba gótica que esqueceram de lacrar no centro de São Paulo.

TB Frank e Dirk Da Davo formaram o Neon Judgement em 1980, en Leuven, na Bélgica. Têm três LPs de estúdio, *Mafu Cage* (86), *Horny As Hell* (87) e *Blood & Thunder* (89), mais vários EPs, mini-LPs e singles, uma boa parte reunida na compilação *1981-1984*.

O que distingue o grupo do resto da "música de bode eletrônica" é, além do fato de ser um precursor do gênero, a progressiva incorporação de instrumentos acústicos nas suas gravações. Para o próximo LP (cujas gravações acontecem neste momento), Dirk, no telefone com a BIZZ, garante muitas guitarras. Explica-se: as músicas que mais tem ouvido nos últimos tempos são "The Slider", do T. Rex, e "Sympathy For The Devil", dos Stones.

Perguntei o porquê de tanto mau humor permeando seus discos. "A situação geral da Europa hoje é deprimente, não há nada para celebrar."

"Sei que tentam passar uma imagem de que tudo vai muito bem aqui, mas não é verdade. Não existe motivo para ser otimista com a Europa."

É como tirar leite de pedra falar de política com Dirk. Mudemos de assunto. O que ele acha do New Beat, um filho bastardo da EBM?

"O New Beat não tem nada a ver com a EBM. É lixo puro, música comercial ao extremo. Não vejo valor nenhum nessa música."

Por que tanto mau humor? "É a Europa que está deprimente"

Dirk Da Davo e TB Frank

Stiletto

Ops, também não fui muito feliz nessa. Por que os grupos de EBM não vendem muito, Dirk?

"A Electronic Body Music é um tipo de música de difícil acesso. Ela não se preocupa em fazer sucesso e, portanto, não tenta ser acessível."

A Stiletto está lançando a coletânea *Generate*, do selo belga Play It Again Sam, que contém uma faixa do Neon Judgement, "Kid Shyleen", entre outras de Young Gods, Grumh, Cassandra Complex e outros nomes da Electronic Body Music. **CAMILO G. ROCHA**

HOT LATINO!

NASCIDO PARA LAMBAR

Com quatro discos de ouro, um LP em espanhol e a imagem de amante cigano no currículo, SIDNEY MAGAL está de volta. Se dinossauros roqueiros como os Stones e o Who podem, por que não o papa do brega 70?

Após sete anos sem gravar, Magal deu a volta por cima com pinta de vencedor. Seu novo disco, majoritariamente lambadeiro, foi (bem) produzido pelo hitmaker Max Pierre (Rosana, Oswaldo Montenegro e Guilherme Arantes) e inclui versões para "Lança Perfume" e "Meia-Lua Inteira". Será lançado pela gigante CBS nos EUA, Japão e Europa. O LP dever ser promovido nos EUA com uma tour em que Magal será acompanhado por músicos e duas backing-dançarinas. Os figurinos e o novo visual de Magal saíram da prancheta de Cristina Franco, editora de moda da TV Globo. E, como se você não soubesse, o Brasil inteiro ouve a voz de Magal todo dia, na abertura de *A Rainha da Sucata*. Nada mal para quem em 77 era chamado de Travolta tupiniquim, astro de proveta e "bicha louca".

A verdade é que Magal é perfeito. Se formou na noite, cantando de Sinatra a bossa nova. Estudou canto cinco anos. É alto, forte, bonito, rico e tem a melhor das desculpas para embarcar na onda da lambada: Magal sempre fez o gênero latino bailarino. Tem boas chances, portanto, de desbancar o Kaoma. Menos mal.

LORENA CALABRIA / A. F.

CBS

Acima, o novo layout. Abaixo, o mais perto que o Brasil chegou de Elvis

José Maia

ALTA ROTAÇÃO

A Redação recomenda

JAMMIN' *A melhor coletânea de reggae desde Rebel Music* (selo Trojan 78, inédita no Brasil). As covers de "Bed's Too Big", "Easy" e "Wonderful Tonight" dão de 1001 nos originais. **(J.A.L.)**

MOTHER'S MILK, The Red Hot Chili Peppers A boa surpresa da faixa instrumental "Pretty Little Ditty" não esconde outra péssima: a supressão de quatro das doze faixas do LP na edição nacional. **(C.P.)**

STARS OF HOLLYWOOD, Judy Garland Quem acha Janis a mais dilacerada voz branca do século nunca ouviu Judy. Só por "Poor Little Rich Girl" e "That Old Black Magic", já vale o investimento. **(A.F.)**

JAMMIN' Talvez a melhor compilação da música jamaicana, este álbum duplo traz preciosidades como "Israelites", gravada por Desmond Dekker em 68 e "Johnny Too Bad", dos Slickers. **(C.M.)**

COLUMBIA RIVER COLLECTION, Woody Guthrie A agulha pousa no vinil e, de repente, você está num rancho no interior dos Estados Unidos, batendo o pé e cantarolando junto com Woody Guthrie pequenas pérolas folk. Um raro prazer. **(M.A.G.)**

CBS

OLD NEW WAVE

Os PSYCHEDELIC FURS sempre passaram raspando no alvo

De suas origens como êmulos de Bowie em 1980 aos trabalhos realizados sob a produção de gente como Steve Lillywhite (*Talk Talk Talk*, de 81), Todd Rundgren (o ousado *Forever Now*, de 82, que mostrou o grupo reduzido a um trio — o vocalista Richard Butler, seu irmão Tim no baixo e Jon Ashton na guitarra) e Keith Forsey (*Mirror Moves*, de 84, e *Midnight To Midnight*, de 87), os Furs atravessaram todas as fases imagináveis. Uma hora gravavam com os zappeanos Flo e Eddie, em outra flertavam com o estrelato na trilha sonora de *A Garota De Rosa Shocking* — tudo sem perder seu estilo único, mas também sem produzir nenhum clássico.

Agora é hora de *back to basics*: o novo LP da banda, *Book Of Days*, tenta recuperar as raízes dos Furs. Tim Butler, ao telefone com a BIZZ, concorda. De Nova York, Tim conta a história de *Book Of Days*: "Depois de *Midnight To Midnight*, nosso maior sucesso comercial, não sabíamos o que fazer musicalmente. Nossa saída foi sumir durante algum tempo e repensar a banda. Acabamos voltando ao nosso estilo inicial, nas composições e nas guitarras. E demos a sorte de trabalhar com Dave Allen como produtor. Dave foi sempre um auxiliar, não queria mandar em tudo como Keith Forsey".

"Não precisamos ser comerciais. As *college radios* nos sustentam"

Richard e você mudaram para Nova York há oito anos. Que é que há? A Inglaterra anda chata?

"Na verdade, anda, desde o final do punk. Toda essa cena de dance music é um saco, odeio rap. Meus preferidos no momento são guitar bands, como Happy Mondays e o Wonder Stuff."

Eu sei que os Furs são fortes no circuito universitário, mas você não acha que *Book Of Days* periga ser considerado difícil por quem comprou *Midnight To Midnight*?

"É um risco que nós tínhamos de correr. E, depois, por que o público deveria receber tudo mastigadinho?"

ANDRÉ FORASTIERI

NOVA RAINHA

Queen Latifah foi o nome assumido por uma ex-campeã de basquete de New Jersey. Latifah foi um apelido recebido de uma prima muçulmana negra, quando ela tinha oito anos de idade. É árabe. Quer dizer "sensível". Queen, claro, é "rainha", em inglês.

Pois Queen Latifah não podia ter um nome mais apropriado. Há alguns meses, aos dezenove anos, ela lançou seu primeiro LP, *All Hail The Queen*, um caldeirão fervente de reggae, jack swing e hip house que contou com a colaboração de luminares do novo hip hop, como De La Soul, KRS-One e Prince Paul. O DJ Mark The 45 King, que remixou o último single de Madonna, "Vogue", estudou na mesma classe que Latifah e é o principal produtor do LP. *All Hail The Queen* vai muito bem, puxado pelo single "Ladies First" — uma história da contribuição das mulheres à causa negra. Para completar, Latifah foi escolhida por David Bowie para fazer um rap na nova remixagem de seu clássico, "Fame" (cuja letra está na página 86).

Combinando feminilidade com afrocentrismo, credibilidade de rua com bons conhecimentos de história, Latifah é a primeira rapper mulher a operar no mesmo nível de relevância política dos Public Enemy e Ice-T da vida, e sem apelar para "macharias". Já estava na hora. **A.F.**

DA

TEK NOIR

Mark Rhiley, Philip Ashley e o produtor Mark Brydon

Jorge Rosenberg | Abril

"O problema do rock nacional é que ele é extremamente conservador. E os maiores responsáveis por isso são os produtores. São todos ruins, e não têm interesse por coisas novas."

Mark Rhiley se sente à vontade para apresentar seu diagnóstico do rock brasileiro — já que, na sua opinião, o Tek Noir "é um grupo à parte". Para produzir seu LP de estréia, *Alternative*, a dupla tecnopop formada por Mark (teclados) e Phillip Ashley (vocais) — nomes "artísticos" para Marcelo e Filippo — deu preferência a um profissional estrangeiro: o inglês Mark Brydon, trazido ao Brasil pela gravadora Stiletto. Especialista em dance music, o produtor tem no currículo gravações com Yazz, Eric B & Rakim e Cabaret Voltaire (co-produtor de *Code* e do próximo LP).

Nada mau para um grupo com apenas dois anos de existência, que teve ainda a chance de abrir o show do Information Society no Ibirapuera (SP), no ano passado. "Foi uma grande experiência", lembra Phillip, "apesar da impaciência da platéia".

No dia em que as FMs decidirem colocar no ar "Drawings Of Sorrow", muitos ouvintes ficarão confusos. Será o mais recente lançamento dos Pet Shop Boys? "Parece mesmo", admite Mark, fã confesso da dupla britânica. Ele nega, porém, que o Tek Noir seja apenas um similar nacional para seus ídolos. "Em termos de mercado, sim, porque usamos a fórmula básica do pop. Mas há coisas experimentais, nos teclados, efeitos de estúdio..." **MARISA ADÁN GIL**

XUTOS

Mesmo reclamando do calor, os portugueses do grupo Xutos e Pontapés enfrentaram algumas semanas no Rio, em março, para gravar no Nas Nuvens o LP *Gritos Mudos* — o sexto de uma carreira de onze anos. Tim (voz e baixo), Zé Pedro (guitarra), João Cabelera (guitarra), Kalu (bateria) e Gui (sax) gostaram da idéia de gravar no Brasil "por ser diferente", garantiu o empresário Nuno, num semidisfarce para o motivo real dessa vinda: ter como produtor Paulo Junqueiro. Constantemente plugado no Nas Nuvens, trabalhando com quase todo o cast da WEA, Paulo já havia produzido em Portugal o LP *88*, lançado aqui como *Xutos 90*.

Depois de várias tentativas infrutíferas de entrevistar a banda, resolvi checar com o empresário deles. Por acaso eles não gostam de dar entrevistas? Nuno tinha a resposta pronta: "Gostam sim, mas só para revistas internacionais (!)". Pois é, o mundo gira e esses lusitanos rodam... **LORENA CALABRIA**

SCHIAVON

Nem sempre quem aparece mais num grupo é sua espinha musical: é o caso do falecido RPM, como comprova a nova banda de Luiz Schiavon, Projeto S. Em seu show de estréia no Dama Xoc (SP), o "supergrupo" — nove músicos — mostrou que possui todos os requisitos para preencher o vazio deixado pelo RPM, passeando entre o rock energético e a pompa progressiva. Zaga Silus, o vocalista principal, sugere os primórdios de Paulo Ricardo — e ainda mantém seu estilo pessoal, o desgraçado. Para os órfãos de 86, o show teve covers das boas "Olhar 43" e "Louras Geladas", e da chata "Alvorada Voraz". Com nome retró e tudo, queria eu ter uma gravadora para contratar logo os caras. Ganharia muita grana e ainda dormiria com a consciência tranqüila. ANDRÉ FORASTIERI

Rui Mendes | Abril

Fernanda, ex-Blitz, posando de rainha da discoteca; bonitinha, mas não ordinária

Fábio Colker

DISCO QUEEN

Esqueçam a Fernanda Abreu ou a Fernandinha da Blitz. Quatro anos após a dissolução da banda, ela transformou seu sobrenome Sampaio de Lacerda Abreu numa sigla e batizou seu LP de *SLA Radical Dance Disco Club*. Confessamente inspirado numa antiga paixão — a disco music. Envolvida com a dança desde os oito anos de idade, a preparação da nova Fernanda incluiu aulas de canto, guitarra e teoria musical.

Paralelamente aos estudos, Fernanda fez ainda algumas incursões pelo showbiz. Ao lado de Fausto Fawcett, nos seus discos e shows, ou à frente de uma banda de covers da disco music, em duas concorridas temporadas no Rio e em São Paulo. Foi essa banda que a acompanhou no estúdio: Fernando Vidal, na guitarra; Aurélio Dias, no baixo; Bodão, na bateria; e Fábio Fonseca nos teclados e na produção, dividida também com Herbert Vianna e a própria Fernanda. Ela concorda que a maioria da disco music era armação. Mas "existe um preconceito generalizado. Não a considero uma submúsica. Há coisas muito boas como K.C. & Sunshine Band, Funkadelic, Chic e Michael Jackson, que hoje é ridicularizado."

"Na época da Blitz, eu não interferia"

Uma das "pérolas" da era *disco*, "Got To Be Real" (de Cheryl Lynn), recebeu de Fernanda e Fausto uma letra em português.

Nem mesmo as possíveis comparações com Madonna ou Paula Abdul parecem preocupar Fernanda Abreu. "Já relaxei com a imprensa. Não me incomodo, podem me chamar do que quiserem, apesar de achar que não tem nada a ver com o conceito do meu disco. Acho que existem dois lados: o da Fernandinha da Blitz, bonitinha e *pin-up*; e o lado musical que eu desenvolvi e estou aqui para discuti-lo com qualquer um. Tenho completo domínio sobre o que fiz." **LORENA CALABRIA**

NÃO RELIGIÃO

chegou um pouco atrasado ao hardcore, em 87, mas logo cavou um espaço no underground paulistano. O grupo participou de duas coletâneas do selo Ataque Frontal, venceu o festival *Boca Livre*, da TV Cultura, e lançou um LP pela Eldorado. Pistas do "sucesso" do Não Religião: o vocalista Tatola era parceiro de um dos donos da Ataque Frontal, Redson (do Cólera), no programa de rádio *Independência ou Morte*. Kid Vinil, que apresentava o *Boca Livre*, assinou o release do LP — que compara o grupo aos Dead Kennedys e Tatola a Jello Biafra. E, apesar de se dizer "hardcore", a banda escolheu "Coração De Papel", de Sérgio Reis, como carro-chefe do LP. Deu para entender? CELSO MASSON

José Rosenberg | Abril

APÓS A QUEDA

Os discos mais comprados em Berlim pelos alemães orientais, desde a queda do Muro:

- *Led Zeppelin IV*
- *L.A. Woman*, **The Doors**
- Qualquer coisa do **Depeche Mode**
- *Kill'Em All*, **Metallica**
- Mais qualquer coisa do **AC/DC**, **Bon Jovi** e **Billy Joel**

OS MELHORES SINGLES

A morte do compacto mexe no imaginário pop

Quando perguntaram ao crítico Dave Marsh por que ele optou por escrever um livro sobre seus mil e um singles prediletos, sua resposta foi "porque nunca vi ninguém assobiando um álbum". Ou seja: o single sempre foi a unidade básica do pop. Essa história de álbuns "conceituais" é muito recente: começou com *Sergeant Pepper's...* em 67, e acabou virando uma desastrosa instituição na década de 70.

O início dos 90 encontra o compacto com seu poder de fogo reduzidíssimo. No hemisfério norte, ele quase sempre é um artifício promocional, ponta de um iceberg de marketing que inclui vídeos, remixes, CDs, fitas e LPs. No Brasil, nem se fala: há muito tempo as gravadoras enterraram os compactos, dificultando qualquer ousadia maior.

Para lembrar os "anos dourados" do compacto, a BIZZ compilou algumas listas de *top singles*, além dos prediletos de Morrissey, Robert Plant e Brix Smith (Fall, Adult Net).

Time Out

1 "Let's Get It On", Marvin Gaye
2 "I Heard It Through The Grapevine", Marvin Gaye
3 "Walk On The Wild Side", Lou Reed
4 "Kiss", Prince
5 "Dancing Queen", Abba
6 "Strawberry Fields Forever", The Beatles
7 "Tracks Of My Tears", Smokey Robinson and the Miracles
8 "I Say A Little Prayer", Aretha Franklin
9 "Sexual Healing", Marvin Gaye
10 "Walk On By", Dionne Warwick

MORRISSEY

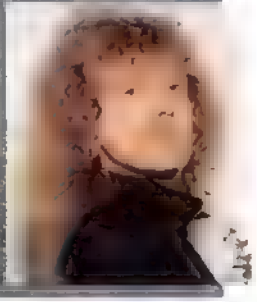
2 "Don't Take Lovers From The World", Shirley [illegible]
3 "What A Nice Way To Turn Seventeen", The C[illegible]
4 "There, I've Said It Again", Sam Cooke
5 "Loneliness Remembers What Happiness Forgets", Dionne Warwick
6 "Strange, I Know", Marvelettes
7 "Third Finger, Left Hand", Martha Reeves and The Vandellas
8 "I Take It Back", Sandy Posey
9 "Heart", Rita Pavone
10 "Shoes", Reparata

Rolling Stone

1 "(I Can't Get No) Satisfaction", Rolling Stones
2 "Like a Rolling Stone", Bob Dylan
3 "I Want To Hold Your Hand", The Beatles
4 "I Heard It Through The Grapevine", Marvin Gaye
5 "I Want You Back", Jackson 5
6 "Respect", Aretha Franklin
7 "Sittin' (At The Dock Of The Bay)", Otis Redding
8 "Fortunate Son", Creedence Clearwater Revival
9 "Born To Run", Bruce Springsteen
10 "Stop (In The Name Of Love)", The Supremes

ROBERT PLANT

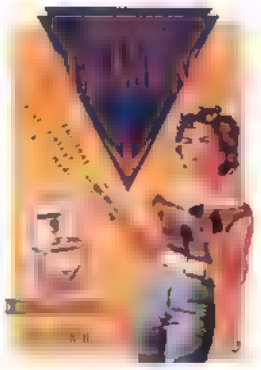
1 "Moulty", The Barberians
2 "Love Me", The Phantom
3 "Scream", Ralph Nelson & The Chancellors
4 "Shop Around", The Miracles
5 "When Doves Cry", Prince
6 "Lullaby", The Cure
7 "Life's Rich Pageant", REM
8 "I Hate The White Man", Roy Harper
9 "Highway 61 Revisited", Bob Dylan
10 "Big Hunk Of Love", Elvis Presley
11 "I Should Be So Lucky", Kylie Minogue



BRIX SMITH

1 "Hey Joe", Jimi Hendrix
2 "Summer", Nigel Kennedy
3 "Sunshine Superman", Donovan
4 "Woman's Work", Kate Bush
5 "Raspberry Beret", Prince
6 "Mrs. Robinson", Simon & Garfunkel
7 "Itchycoo Park", Small Faces
8 "Take It To The Limit", Eagles
9 "In A Broken Dream", Python Lee Jackson
10 "Good Vibrations", Beach Boys

OS 1001 MELHORES



Todo mundo tem seus dez singles prediletos. Dave Marsh tem mil e um, o número de músicas analisadas no livro *The Heart Of Rock & Soul*. Você pode até discordar de uma compilação centrada na Motown, que coloca "Anarchy In The UK" em centésimo lugar e ignora David Bowie. Mas a seleção é, no mínimo, bem informada: Marsh foi editor da *Creem Magazine*, colunista da *Rolling Stone* e escreveu doze livros sobre rock. O *top five* de Marsh: "I Heart It Through The Grapevine", Marvin Gaye; "Johnny B. Goode", Chuck Berry; "Papa's Got A Brand New Bag", James Brown; "Reach Out I'll Be There", Four Tops; e "You've Lost That Lovin' Feeling", The Righteous Brothers.

SPIN

1 "Stairway To Heaven", Led Zeppelin
2 "Love Will Tear Us Apart", Joy Division
3 "I Can't Get No (Satisfaction)", Rolling Stones
4 "Pride", U2
5 "Anarchy In The UK", Sex Pistols

Õ BLÉSQ BLOM

E NAO DEU OUTRA. NA PREMIAÇAO OS MELHORES DO ANO" DA RE VISTA BIZZ O GRUPO TITAS COM O LP **Õ BLESQ BLOM** DEITOU, ROLOU E PAPOU TODOS OS PREMIOS DA CRITICA ESPE CIALIZADA E DE LEITORES

MELHOR SHOW/LEITORES
MELHOR SHOW/CRITICA
MELHOR GRUPO/LEITORES
MELHOR GRUPO/CRITICA
MELHOR CAPA/CRITICA
MELHOR CAPA/LEITORES
MELHOR LETRISTA CRITICA
[illegible]
MELHOR BAIXISTA/LEITORES
MELHOR TECLADOS/LEITORES
MELHOR BATERISTA/LEITORES
MELHOR GUITARRISTA/LEITORES

O MELHOR MESMO E COMPRAR O DISCO E CONFERIR

PARABENS TITAS!

Õ BLÉSQ BLOM

TRADUÇÃO: OS TITÃS DEITAM E ROLAM

wea

A VOLTA POR CIMA

A última vez que o B-52's excursionou pela Austrália foi em 1980. Era o topo da popularidade da banda — hits contagiantes, como "Rock Lobster" e "Private Idaho", guarda-roupa neo-retrô, perucas "bolo-de-noiva", danças abiloladas e uma instrumentação tecnoplástica haviam feito do B-52's o principal darling do que naqueles tempos se chamava new wave. Eles eram engraçados, energéticos, entusiasmantes e muitíssimo divertidos, a quintessência da farra definitiva.

Dez anos mais tarde, o B-52's está prestes a retomar aos territórios australianos. Com o devido desconto que se deve dar à década que separa as duas ocasiões, mesmo assim nem de longe esta é a mesma banda de então.

Neste espaço de tempo, o B-52's caiu em desgraça junto à mesma ala da crítica que o havia entronizado no primeiro momento — o que era "refrescante" virou coisa do passado —, despencou da escadaria íngreme do

O inacreditável renascimento do B-52's

sucesso comercial, perdeu-se em experimentos mal orientados (a colaboração com David Byrne, *Mesopotamia*) e, o golpe de misericórdia, perdeu para a Aids seu mais indispensável integrante, o compositor/guitarrista/arranjador Ricky Wilson, morto em 1985.

A falta de perspectivas futuras para a banda, no entanto, virou a mais espetacular história de ressurreição

artística dos últimos anos. Quando aterrissar na Austrália — e de lá partir para Nova Zelandia e Japão —, o B-52's será, sim, uma banda muito diferente daquela da primeira excursão. Será uma banda com uma popularidade ainda muitíssimo maior, energizada por uma recente tour por 55 cidades norte-americanas; dois megahits nos Estados Unidos ("Love Shack" e "Roam"); vendas superiores a um milhão de unidades do álbum-alavanca do *comeback*, *Cosmic Thing*; e uma dose cavalar de autoconfiança injetada pelo desempenho de todos os integrantes da banda em sua primeira empreitada sem Ricky, talvez a principal chave da identidade e da assinatura musical do B-52's.

Numa virada de maré dramática, o B-52's passou de uma cambada de já-eras, que só conseguiam uma platéia de 1.500 pessoas por show, para astros que lotam quadras com públicos dez vezes maiores.

"Não tínhamos a mínima idéia de que isso poderia acontecer do jeito que aconteceu", admite calmamente Keith Strickland, espécie de herdeiro da batuta supervisora que antes era de Ricky, com quem ajudou a fundar a banda em 77. Keith está descansando numa casa em Woodstock, no interior de Nova York, após o final apoteótico da excursão norte-americana, com um show no Radio City Music Hall, em Manhattan. "So interrompeu o retiro para filmar o novo clip da banda, "Deadbeat Club", uma canção autobiográfica (como pode ser interpretado, também, todo o restante do álbum) que fala sobre o início da amizade entre Ricky, Keith e os demais colegas do B-52's — Fred Schneider, Cindy Wilson (irmã de Ricky) e Kate Pierson —, quando costumavam ficar bebericando café e jogando conversa fora em sua cidade-base, Athens, na Georgia.

"Talvez até pudéssemos ter tocado em lugares maiores no início da excursão, mas, como as turnês são organizadas com muito tempo de antecedência, preferimos ser mais conservadores."

A banda tinha motivos de sobra para ter expectativas conservadoras em julho do ano passado. Lançado o primeiro single do álbum, "Channel Z", a repercussão era tímida, para não dizer desanimadora. "Muitas das grandes estações de FM se recusavam a tocar 'Channel Z' porque achavam que estávamos fazendo uma gozação com elas, por causa do prefixo Z (Nos Estados Unidos a maioria dos prefixos das emissoras FM começam com um Z), o que não era, em absoluto, a nossa intenção. Depois disso, as estações menores não tocavam porque achavam que se tocassem estariam fazendo propaganda das concorrentes que tivessem um prefixo começado em Z. Uma coisa ridícula."

A reação da MTV, no entanto, foi favorável; "Channel Z" ganhou um bom espaço na programação diária e foi eleito "Hip Clip Of The Week" (troninho de pretensa modernidade a que são conduzidos os clips mais, bem moderninhos do *playlist*).

Mas foi só quando saiu "Love Shack", prossegue Keith — que as pessoas se tocaram da existência do álbum. Acho que foi preciso aquele elemento visual para que as pessoas entendessem o que estávamos tentando fazer. Daí é que as rádios começaram a tocar, e a coisa toda explodiu."

Embora a repercussão maior tenha ocorrido no final do ano passado (coube ao B-52's fechar os anos 80 e inaugurar a nova década na festa de fim-de-ano da MTV), foi em meados de 87 que começou a se operar o retorno do B-52's à ativa.

"Depois que Ricky se foi", explica Keith com sua tradicional calma atenciosa, "passamos por um período de lamentação. Não tínhamos certeza se queríamos ou não prosseguir sendo uma banda. Cindy não estava certa se deveria continuar sem Ricky. Foi um período muito difícil para ela. Para todos nós, porque perdemos uma pessoa que amávamos muitíssimo.

"Durante esse período — porque é assim que eu reajo — eu contribuí compondo, e isso foi muito terapêutico para mim. Eu não estava compondo necessariamente para o B-52's. Era só uma coisa que eu precisava fazer."

A melodia que hoje faz parte de "Deadbeat Club" nasceu nesta época, sob um outro nome: "There Is A River". "Eu tinha algumas bases instrumentais prontas, toquei algumas coisas com Cindy, Kate e Fred, e todos começamos a pensar seriamente na possibilidade de compormos juntos. Quando fizemos 'Junebug', a primeira música que compusemos juntos, começamos a achar que talvez fosse possível ir adiante."

Era preciso, antes, operar um saneamento burocrático: o B-52's trocou simultaneamente de empresário, contador e gravadora. Após dez anos na Warner Brothers, o grupo mudou-se para uma subsidiária mais enxuta e visionária, a Reprise.

"Não tínhamos certeza se seríamos capazes de compor sem Ricky", relembra Strickland. "Ele sempre foi tão fundamental em todo o processo de composição e arranjo. Sempre participávamos do processo de composição, mas era ele que arrematava tudo."

Ajudou também a romper esta inércia inicial um convite feito para a banda ser mestre-de-cerimônias num *benefit* (evento beneficente) organizado pela PETA (People For The Ethical Treatment Of Animals), organização que defende os direitos dos animais. A banda não tocaria, apenas apresentaria os convidados para o show em Washington D.C. "Foi ótimo, porque vimos toda aquela gente de novo, e eles nos estavam vendo também depois de tanto tempo. Mas era frustrante, ao mesmo tempo, porque não tínhamos uma banda pronta nem nada, não podíamos tocar."

Pelo menos ali tivemos a certeza de que ainda tinha gente interessada em nos ouvir. E isso nos inspirou imensamente. Foi o divisor de águas.

Grande parte da responsabilidade que era de Ricky recaiu sobre Keith. Ele era o único que conhecia a fundo o estilo de guitarra personalíssimo de Wilson (geralmente tocando com apenas quatro cordas, sempre usando afinações particularíssimas), e, mesmo sendo oficialmente o baterista da banda, acumulou a função de guitarrista quando concluiu que não seria fácil encontrar alguém que conhecesse o estilo de Ricky tão bem quanto ele próprio.

Faltava completar a banda com um baterista (função assumida por vários *sessionmen*) e uma baixista fulltime (Sara Lee, ex-Gang Of Four) para a banda entrar no estúdio e começar a gravar o que seria *Cosmic Thing*.

A faixa título nasceu quando Nile Rodgers os convidou a participar da trilha da comédia ficção científica *Earth Girls Are Easy*, dirigida por Julien Temple (*Absolute Beginners*). A banda gostou tanto de trabalhar com Nile que resolveu chamá-lo para produzir todo o álbum. Mas Nile estava ocupado demais para ir além de seis faixas. Após uma longa procura, a banda encontrou um segundo produtor para as quatro faixas adicionais: Don Was (leia textos sobre os dois na próxima página).

Ambos os produtores respeitaram os arranjos originais da banda — "porque sabiam que nos éramos aquilo" — e estimularam a caminhada do B-52's na direção de um som de banda, com instrumentos de verdade, "sem que toda a tecnologia engolisse a performance da gente."

Ainda que seja difícil tentar imaginar como e onde estaria o B-52's se Ricky Wilson fosse vivo, Keith acredita que a banda soaria muito parecido com a sua versão atual. "Já havíamos experimentado com baterias eletrônicas, teclados. E o próprio Ricky já estava raciocinando neste sentido. precisamos nos afastar disso, foi uma experiência engraçada durante um tempo, mas..." Ele definitivamente teria estimulado a busca de uma sonoridade de banda.

Com o disco pronto, Keith Strickland foi reouvir tudo na véspera de masterizar o álbum. E percebeu que a sequência das músicas "não estava dando certo". Algumas tentativas mais tarde, Keith chegou a uma sequência que curiosamente parece estar contando um filme.

"Eu sabia que o disco se chamaria *Cosmic Thing*, então esta seria uma boa introdução", esmiuça Keith. A primeira cena é "Dry County" — e com ela fica estabelecido o universo daquela história, onde aconteceram determinadas coisas conosco.

"O lado dois começa com 'Roam', que sugere um rompimento de fronteiras para se atingir o mundo inteiro. Daí chegamos a 'Bushfire', que é como se estivéssemos entrando naquele região desconhecida. Daí 'Channel Z', onde nos tornamos bastante globais. E 'Topaz', que é mais uma vez aquilo a que me refiro como sendo uma ecotopia (*uma utopia ecológica*), uma visão que eu imagino ser possível no futuro. Por fim, 'Follow Your Bliss', que é meio que uma continuação do mesmo tema e que também reafirma o tema que Cosmic Thing sugere.

"Me pareceu uma coisa bem cinematográfica essa sequência. Tenho certeza, também, de que deve haver uma série de outras configurações em que estas músicas poderiam ter sido combinadas de diferentes maneiras, e mesmo assim teriam funcionado. Mas sempre achei que os melhores filmes, as melhores histórias, são a respeito de jornadas."

Com *Cosmic Thing* somente agora sendo apreciado em seu pleno potencial é bem provável que um novo disco do B-52's só veja a luz do dia em meados de 1991. Não que a banda esteja com um déficit de assunto para preencher todo um novo álbum. Pelo contrário; há até idéias que sobraram das gravações de *Cosmic Thing*. É preciso, no entanto, que o público tenha tempo para digerir 100% de *Cosmic Thing* — um disco complexo e variado que demonstra como a banda é bem mais do que uma série de cacoetes artísticos engraçadinhos. E é preciso que o B-52's consiga meditar sobre 100% do que lhe aconteceu nos últimos três anos.

A volta por cima reafirmou o poder de julgamento da banda. "Simplesmente ignoramos tudo o que estava em voga, musicalmente, tudo o que fosse moderninho. Entramos no estúdio e fomos quem realmente somos. Não nos preocupamos com o sucesso: simplesmente fomos nós mesmos."

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

Embaixo, a louríssima Cindy Wilson

Ricky Wilson, o cérebro musical do B-52's, morto em 85, aos 33 anos. Embaixo, sua irmã Cindy, durante o Rock In Rio

O MELHOR DA *DISCO*

Formado em Nova York, em 1976, o Chic foi o grupo mais influente da era *discothèque*. O *groove* musculoso e compacto que se tornaria marca registrada da banda — comandada por **Nile Rodgers** (guitarra), **Bernard Edwards** (baixo) e **Tony Thompson** (bateria)— foi revelado em clássicos como "Dance, Dance, Dance" (77), "Le Freak" (78) e "Good Times" (79). E imitado descaradamente ao longo de toda a década de 80, muitas vezes com uma mão do próprio Nile Rodgers na produção. Em termos de "plágio" ou "releitura", o Queen chupou o riff de "Good Times" e fez "Another One Bites The Dust". "Good Times" é também a base do primeiro compacto de rap, "Rapper's Delight", de Sugarhill Gang.

O Chic em 79, com Nile Rodgers no centro

Mal Carry Jr.

Junto com Bernard Edwards, Rodgers entrou nos 80 produzindo LPs para Sister Sledge *(We Are Family, Love Somebody Today)*, Debbie Harry *(Kookoo)* e dois hits para Diana Ross ("Upside Down" e "I'm Coming Out"). Sozinho, tornou-se requisitadíssimo, primeiro pelo *Duran Duran* (Seven And The Ragged Tiger) e David Bowie *(Let's Dance)*. **J.A.L.**

SOUL, FUNK E HUMOR

Don Was, o produtor de quatro faixas de *Cosmic Thing* — "Love Shack" "Channel Z", Junebug", e "Bushfire" — integra, junto com seu conterrâneo de Detroit, David (Weiss) Was, a dupla norte-americana Was (Not) Was.

O disco de estréia do duo, *Was (Not) Was* (81), passaria por uma pérola negra de soul-funk, não fossem pequenas bizarrices — como incluir a voz de Ronald Reagan no *disco hit* "Tell Me That I'm Dreaming". Foi o segundo LP que deu a cara definitiva ao Was (Not) Was. *Born To Laugh At Tornadoes* sobrepunha uma poderosa base de soul-funk-rock, letras bem escritas e humoradas e as vozes de convidados tão diferentes como Ozzy Osbourne, Marshall Crenshaw e o supercrooner dos anos 50, Mel Tormé. Paralelamente, Don Was se tornou um dos produtores mais procurados da indústria, trabalhando com gente de estilos completamente diversos. Depois de produzir *Cosmic Thing*, Was supervisionou o novo disco de Bob Dylan, e o próximo da lista é Iggy Pop. Ao mesmo tempo, continua com o Was (Not) Was, que há dois meses se apresentou no Farm Aid 4. **A.F.**

Robert Matheu Hime

Os "irmãos" David e Don, do Was (Not) Was

Cindy Wilson, Fred Schneider e Kate Pierson no Rock In Rio, em 85; e debaixo de uma peruca dourada, a talking head Tina Weymouth

Photo: Leonardo Aguiar

COMUNA HIPPIE

Keith Strickland saiu de trás da bateria. Hoje, é a espinha musical do B-52's. Mas isso não mudou em nada a cara do grupo, que continua sendo as caras de Fred Schneider, Kate Pierson (a ruiva) e Cindy Wilson (a loira).

Esses três são milagrosos. Debaixo de todos os excessos visuais demodé, envolvidos por um universo de influências retrô — um coquetel com guarda-chuvinha e tudo de ficção científica classe Z, filmes tipo "Turma da Praia" e *camp* dadaísta —, eles sempre escapam de parecer ou soar datados. E olha que ninguém ali é criança: Fred tem 35 anos, Cindy tem 33 e Kate, 42.

Como é que eles, a essa altura e depois de tudo por que passaram, conseguem manter esse espírito lindo-leve-e-solto?

Simples. O B-52's é, no fundo, uma comuna hippie. Todos, menos Cindy, são vegetarianos. Keith é budista e mora no meio do mato. Kate não sai de casa sem seus "cristais protetores". Ninguém toma drogas, bebe ou fuma. A homeopatia impera, assim como a Astrologia: em várias entrevistas, eles fazem questão de declarar seus signos (Cindy é de Peixes, Fred, de Câncer, Kate é Touro e Keith, Escorpião). O clima de comunidade hippie é tão grande que ate a baixista que tocou com eles no disco e na tour, Sarah Lee — ex-Gang Of Four e notória por só se vestir de preto — deu para usar collants fosforescentes, em cores ácidas.

Esse lance hippiode e comunitário não é só imagem. Prova A: o amigo do grupo e compositor Robert Waldrop diz que quando conheceu Fred e cia. no início dos anos 70, "eles não estavam juntos ainda, mas participavam das bandas mais absurdas e experimentais. Quase *space rock* mas com senso de humor". Prova B: Keith afirmou que a morte de Rock só foi superada porque ele não era o líder da banda: "Nunca houve um líder no B-52's. Éramos um grupo de amigos, antes de sermos um grupo, e não fana o menor sentido alguem virar e dizer 'Eu sou o líder ou 'Você e o líder'. Amigos não fazem isso. Amigos trabalham juntos".

Prova C e final: sobre as letras de *Cosmic Thing*, Kate Pierson disse que "rolou um lance meio zen nas letras... sobre a morte: sabe, como ela é apenas um lado da coisa, como a vida e a morte são parte da mesma coisa". Mais papo-cabeça, impossível.

Essa atitude sessentista se reflete nos projetos do grupo. Eles contribuíram com uma faixa para o LP *Tame Yourself*, em benefício de uma associação de defesa dos animais, a PETA. Animaram um show no Dia da Terra, no centro de Nova York, em 22 de abril. Sua turnê incluiu estandes de filiação da PETA, do Greenpeace e da Anistia Internacional. Em vez de darem autógrafos em fotografias da banda, o B-52's distribui jornais ecológicos e/ou esquerdistas, autografados. E por aí vai.

Tudo isso parece meio estranho, se comparado com a imagem de diversão descerebrada que o B-52's costumava ter. Mas, para o grupo, não há contradição. Fred Schneider, que também é autor de livros de poesia e está escrevendo um roteiro para um filme do B-52's, diz que "nossa própria existência já é uma mensagem política. Nós pegamos nossas desvantagens e nossas personalidades esquisitas, e fizemos uma carreira em cima delas. Nossa mensagem é: você pode fazer o mesmo". Kate Pierson é mais direta. "Protestar tem de ser divertido, ou não vale a pena. Nosso lema é: diversão, com um propósito". ANDRÉ FORASTIERI

VIAGEM CÓSMICA

ATHENS, GEORGIA No colégio, **Keith Strickland** faz amizade com **Ricky Wilson**. Um dia, ao visitar a casa deste, o colega mostra um gravador de rolo no qual há um punhado de canções compostas por ele, na guitarra. Os dois têm, então, cerca de dezesseis anos e começam a tocar e compor juntos.

Fred Schneider deixa sua casa em New Jersey para estudar Engenharia Florestal na Universidade da Georgia, sediada em Athens.

Kate Pierson instala-se em Athens, dedicando-se à jardinagem e criação de cabras e participa de uma banda de "folk de protesto", batizada The Sun Donuts (algo como "As Roscas Solares"). A esta altura, **Cindy Wilson** já está na idade de acompanhar os embalos da turma de seu irmão Ricky.

O encontro entre Keith, os irmãos Wilson e os dois forasteiros excêntricos, é inevitável. Uma bebedeira de um drinque "tropical" chamado Flaming Volcano num restaurante chinês é esticada para um *jam session* na casa de um amigo comum. Nascem os B-52's, nome tirado do apelido local para os penteados bufantes adotados por Kate e Cindy.

A banda faz sua estréia numa festa do Dia dos Namorados. Em dezembro já estão tocando pela primeira vez em Nova York.

Estimulados pelo sucesso *cult* no circuito noturno de Manhattan, prensam um compacto independente com "Rock Lobster". A tiragem de duas mil cópias esgota-se rapidamente. Apadrinhados pelos Talking Heads, assinam com a Warner Bros. A reedição de "Rock Lobster" chega ao *Top 40* na Inglaterra e o primeiro LP vende 500 mil cópias com execução zero nas rádios.

Wild Planet, o segundo LP abnge o 18.º posto nas paradas dos EUA.

Três faixas de cada LP são remixadas para pista de dança e editadas no EP *Party Mix*.

Mesopotamia, o terceiro LP, alcança a mesma marca de *Wild Planet* (18.º).

Whammy!, o quarto LP é lançado sem o mesmo sucesso na Europa e nos EUA, incluindo, porém, a faixa "Legal Tender" que os estourará, no ano seguinte, no Brasil.

Fred lança seu disco solo, *Fred Schneider And The Shake Society*. A faixa "Monster" faz certo sucesso na rádio brasileira. Começam as gravações do próximo LP.

Participam do Rock In Rio, com os convidados especiais Chris Frantz e Tina Weymouth. Ricky Wilson morre em outubro.

"Rock Lobster" é relançada e alcança o 12.º posto nas paradas inglesas.

Sai, enfim, *Bouncing Off The Satellites*, o quinto LP, fracasso de crítica e vendas.

Cosmic Thing, o sexto LP, é lançado e, a princípio, ignorado. Seis meses depois, "Love Shack" estoura em rádio e na MTV. "Roam" segue o mesmo percurso.

A turnê americana, que começara em auditórios para 1.500 pessoas, é transferida para ginásios com capacidade para 15 mil.

Em março, *Cosmic Thing* — há 21 semanas no *Top 5* americano — está vendendo 200 mil cópias *por semana* e, ao atingir a marca de platina dupla (dois milhões de cópias) tem sua venda projetada para quatro milhões, apenas nos EUA. A febre começa a se espalhar pelo resto do mundo. "Love Shack" chega ao 1.º posto na Inglaterra.

O maior cantor do Brasil

TIM MAIA lança três discos (dois de bossa nova e outro para dançar) e aproveita para detonar a TV Globo, Sullivan e Massadas e o próprio sobrinho

Maluco? Briguento? Temperamental? A verdade é que nos últimos anos, o comportamento de Tim Maia vem merecendo tanto (ou mais) destaque quanto seu trabalho. Essa imagem pública — forjada por suas próprias atitudes — esconde o cantor excepcional, o compositor talentoso e o artista sensível que agora atravessa uma fase extremamente produtiva. Tim está preparando não um, não dois, mas três discos simultaneamente, dois deles enveredando por um estilo até agora inexplorado por ele: a bossa nova. Um será cantado em português, para o público brasileiro, e o outro em inglês, visando o mercado internacional.

"São dois repertórios diferentes, que eu escolhi com o Almir Chediak, autor dos quatro volumes do songbook da bossa nova (*e também do songbook de Caetano Veloso, além de produtor e arranjador*). Não é propriamente bossa nova, mas canções dessa época como 'Folha De Papel' do Sérgio Ricardo e 'Eu E A Brisa', do Johnny Alf. Eu me sinto bem cantando músicas mais românticas. Tem uma que eu sempre quis gravar, é 'Samba Da Pergunta', de Marcos Vasconcellos e Pingarilho. Também não sabia que meu inglês ficava tão bacana com essas músicas", orgulha-se.

Todo o projeto foi financiado pela Vitória Régia Discos, selo do próprio Tim — "o único que paga aos domingos e após as 21 horas". Responsável também pela Seroma Edições Musicais, ele aconselha os músicos a abrirem suas produtoras. "É quase um dever. Já deviam ter feito isso há muito tempo e cobrar no mínimo trinta por cento das gravadoras, porque elas são bilionárias."

Imprevisível, Tim prepara também o lançamento de *Toda Vez Que Penso Em Dançar*, LP que reúne canções inéditas e novas versões para velhos hits, como "O Descobridor Dos Sete Mares", "Acende O Farol" e "Vale-Tudo". Será a maneira de Tim satisfazer aqueles que cobram dele um repertório menos romântico, ou até mesmo brega? "Eu sinto esta cobrança por parte da elite. Você vai me desculpar, mas esse papo de rótulo é típico da BIZZ. O próprio jovem que rotula, só depois é que vai ficar menos doidão. Porque o doidão mesmo é aquele que já tomou mais de trezentos LSD, já está mais para o céu do que para a terra. Quem tomou uns cinquenta não é doidão, está ainda no vestibular... isso é coisa dessa geração de 23, 24 anos."

"No fundo, isso vem da imprensa, das gravadoras, não vem do povão. Eu falo com todo mundo na rua, com o doutor, com as crianças, com o gari. Para esse pessoal, a música que tocar está bem. Agora tem esse papo de brega. Isso é um nome dado por brasileiro discriminador. Brasileiro é preto e diz que não é. É um negócio de lupinquim. Brega significa *rendez-vous*, é um troço pejorativo. Eu sou Tim Maia do Brasil, canto tudo que me vem pela frente. Sou um cantor suingado, falo inglês fluentemente e, no entanto, moro aqui no Brasil segurando essa rebordosa. Já fui o rei do rock rural quando lancei 'Coronel Antônio Bento' e agora virei brega. Daqui a pouco vão dizer que a Luiza Brunet é feia. Uma coisa eu sei: se é brega ou não, eu sou — graças a Deus — hiperpopular. Isso é o que todo mundo quer ser. Cantor popular é a melhor coisa que tem. Não tem que fazer força, não precisa decorar texto, só letra pequena, não precisa ensaiar, só com os músicos, rapidamente... Acredito que até o Tarcísio Meira gostaria de dar uma cantadinha, mas também Deus não dá asa a cobra... Bonito para caramba e cantando bem, já pensou?"

Você não acha que passaram a chamar de brega qualquer artista que grave Sullivan & Massadas?

"Não queria falar nisso porque é uma coisa muito pessoal. Mas é exatamente isso, nunca me chamaram de brega antes, só depois que gravei músicas deles. Acho que foram rotulados por sacanagem, mas também por causa de coisas que eles fizeram. Não tenho nada contra os dois, mas eles tentaram monopolizar e as pessoas ficam sabendo. Uma vez, queriam que eu gravasse cinco músicas deles num LP meu. Acabei não gravando nenhuma. Realmente eles fazem umas músicas meio pasteurizadas, mas também têm umas boas. Gravei 'Dia De Domingo', muito bonita, 'Leva', 'Me Dê Motivo' ".

"Mas chamar de brega é um desrespeito pelo artista brasileiro. Isso aqui é uma cópia do showbiz americano, só que nós não temos condições de imitá-lo. Primeiro, pela falta de união entre os artistas. Pensam que são os melhores, os mais bonitos, mas é cada bicho feio. Se tivesse união, só essa palavra, *brega*, já seria motivo para acionar a instituição que falou isso."

Tim no início dos anos 70, posando de bad boy com jaqueta de couro e cara de mau

Antes que perguntem, Tim Maia aproveita a ocasião e dispara — num fôlego olímpico — declarações idiossincráticas sobre a mídia. "A imprensa sempre tentou me queimar e ainda informa as pessoas erroneamente. Nós temos valores fortíssimos no Nordeste, o lance da sanfona, e ninguém bota para frente. Forró é tido como brega, coisa de pobre. É o que tem de mais gostoso em ritmo, harmonia e suingue, mas os críticos preferem dar mais importância ao rock. Eu também já fui roqueiro, roqueiro não, eu cantava músicas mais pesadas. Agora,

eu nunca falei que cantava funk na minha vida e eles me rotularam. Posso ter influência americana, porem minhas musicas falam 'do Leme ao Pontal, tomo guaraná, suco de caju, goiabada'... um troço de brasileiro."

"Tem conjuntos brasileiros que cantam em português com sotaque americano. Fica ridículo. Então, o rótulo só pode ser este: somos tupiniquins imitadores."

"A propria revista BIZZ é uma copia de uma revista americana. Nao sei como se chama lá fora, mas aqui se chama BIZZ, você me desculpe. Acho que a imprensa tem que falar sobre o que realmente acontece no meio artistico. O Terence Trent D'Arby quando chegou numa escola de samba, aí que ele viu que nao sabia dançar nada. Ele manda um H, bota a mão no pau, faz aquela sacanagem (*imitando*), abre a camisa. Mas dançar, mesmo, é samba no pé. E quando ele viu trezentos caras tocando bateria, aí ele nao entendeu mais nada. Por isso, acho que a escola de samba tem de ser vista com mais carinho.

Musicalmente, poderia ser mais cuidada. Deveriam ensinar metodos para quem já tem tendencia musical e não desenvolve porque não tem cultura. Não é só botar tamborim, cuica e reco-reco na mao das crianchinhas dessas escolas mirins. Tem que pôr harpa, violino, oboé, trompete para desenvolverem esse potencial.

Tim tenta receber o que lhe devem — e, pela cara, não consegue — em 73

Paulo Salomão AGM

"Precisamos divulgar isso e nao essa miscelanea, essa baboseira que já vem mastigada e empurrada pelas gravadoras. O que nos somos? Testa-de-ferro do mercado internacional para vender justamente o Sung. Só que os brasileiros não sabem disso. Outra coisa que precisa ser dita: tem rádio no Rio que não me toca mais. Radios que eu inaugurei, que me tocavam para caramba, que receberam bastante jabaculé das gravadoras. As rádios têm um preconceito louco. Agora so falam em faixa etaria, mas os diretores não sabem que às vezes os sobrinhos deles tem a cuca muito mais aberta do que as deles. As rádios que tocam Tim Maia sao as que estão em primeiro lugar. As outras tocam meu sobrinho, mas não tocam Tim Maia. Olha que loucura! Outra coisa que ninguém fala: todos os programas de TV, principalmente os da Globo, além de nao pagarem cachê, a gravadora ainda paga um jabaculê para o artista aparecer. A Globo quer fazer um programa ao vivo, mas nao tem condição. E bem melhor com todo mundo dublando, pelo menos tem um som legal em casa... O som do Hollywood Rock estava bom mas deve ter vindo lá de fora. Outra coisa que eu gostaria de falar: nunca me convidaram para um Hollywood Rock nem Rock in Rio."

Como todos já devem saber, além de ser muito exigente com o som, Tim já foi acusado de não comparecer a alguns shows. Isso virou até motivo de piada. "Não estou nem aí para o que andam dizendo. Isso nao existe. No ano passado fiz 150 shows. E um rotulo que vai durar para o resto da vida, mas nunca deixei de ir a show nenhum. Tem gente muito pior no Brasil e o Tim Maia é que não vale? Show no Brasil é uma tentativa! Nunca fiz shows lá fora. Meus discos já foram lançados, porque as gravadoras tem muito mais ganancia. Eu sou um cara calmo, espero a minha vez. Mas agora eu vou, se Deus quiser. So que eu nao deixaria de morar no Brasil, o Brasil é um pais viável. O problema é que mudou o ditado — é 'Santo EM casa nao faz milagre'. Tem bons musicos lá fora que não voltam mais. Lá fora dá pé dizer que é brasileiro, aqui não.

E dizer que é americano mesmo tendo nascido no Brasil, como declarou Ed Motta recentemente? "Acho que ele está mais para 22 (*maluco*) do que para americano. Ed Motta está muito invejoso, pretensioso, egoista e não tem esse talento todo. Pode enganar o Brasil, mas a mim não. Ele realmente começou muito cedo, é um garoto inteligente, não resta a menor duvida. Mas tudo para ele é ruim, ele é o melhor de todos. Pô, tem muita gente boa no Brasil, Djavan, João Bosco, Caetano, Rafael Rabelo, gente de muito talento e ele nunca ouviu direito. Ele está totalmente iludido, pensando que vai ser o Sinatra brasileiro. Tem de ir com calma. Nunca fui muito proximo dele mas estou muito chateado. Essa de levar meu naipe para tocar com ele ao vivo foi o máximo. Não quero nem ouvir o disco novo. Antes de mais nada, tem de aprender musica propriamente. Não é só aquilo que ele faz (batendo nas bochechas). Musica é uma coisinha mais profunda", aconselha o tio.

Tim Maia — que já esteve envolvido religiosamente com a seita Universo em Desencanto — se trita também com o engajamento de certos artistas. "Só se for consciente, seja na política, ecologia ou religião. Esse negocio do Santo Daime está fogo. O ahuasca é um alucinogeno muito forte. Dar ahuasca para criança está liberado, mas queimar fumo é proibido? Que loucura é essa? Agora tem uma coisa muito séria: a Amazônia nao vai chegar ate o ano 2000", diz preocupado.

Aos 47 anos de idade, afinal quem é Tim Maia hoje? Para defini-lo, ninguem melhor que o proprio. "Estou totalmente sortario mas conformado, porque sou doutor em dificuldades, sofrencias, comologia e tratamento capilar. O que está me dando mais felicidade mesmo são meus tres cachorros, os seres mais proximos que tenho. Quanto mais conheço as pessoas mais adoro os cachorros."

LORENA CALDEIRA

Ao lado, Tim durante sua fase mística; embaixo, com um banquinho e um violão

33 ANOS DE CARREIRA

Nascido **Sebastião Rodrigues Maia**, Tim começou a estudar violão aos doze anos, incentivado pelo pai. Ao lado de **Roberto e Erasmo Carlos**, formou em 57 o conjunto The Sputniks, percorrendo uma fase semiprofissional. Uma de suas primeiras aparições na TV foi no programa *Clube do Rock*, sob o comando de Carlos Imperial, na TV Tupi.

Em 59, com apenas dezesseis anos e sem falar inglês, Tim se aventurou pelos EUA com uma bolsa de estudos para um curso de televisão, na Universidade de Nova York. Para sobreviver, trabalhou num asilo e lavou pratos, até conhecer pessoas ligadas à musica. Depois de cantar em vários conjuntos e gravar vocais decidiu criar seu próprio grupo vocal — **The Ideals** — do qual faziam parte dois italianos. Gravaram um compacto com as faixas "New Love" e "Go Ahead And Cry", pela Ray Cox Records, especializada em *spirituals*.

De volta ao Brasil, em 64, Tim começou a desenvolver um estilo muito pessoal, misturando influências tão diversas quanto samba, rock, forró, funk e soul. Mas o talento de Tim Maia levou ainda um longo tempo para ser reconhecido. Gravou dois compactos e participou de alguns programas *Jovem Guarda*, mas o sucesso só chegou com a canção "These Are The Songs", gravada em duo com **Elis Regina**, em 1970. No mesmo ano, pelas mãos de Erasmo Carlos e **Os Mutantes**, Tim entrou para o elenco da gravadora Polydor (atual PolyGram), lançando seu primeiro LP — de onde saíram os sucessos "Primavera", "Azul Da Cor Do Mar", "Padre Cicero", "Coronel Antônio Bento". No mesmo rastro, vieram "Gostava Tanto De Você", "Chocolate", "O Dia De Santos Reis" e muitos outros hits.

Para ter um melhor controle sobre sua obra, Tim fundou seu próprio selo — Seroma, a partir das sílabas iniciais de seu nome —, que mais tarde seria a Vitória Régia Discos. Atualmente, a Seroma dedica-se apenas a editar suas musicas.

Entre 74 e 76, Tim esteve mergulhado na seita do Racional Superior, divulgando as bases do movimento Universo em Desencanto. Segundo uma nota publicada na *Veja*, em setembro de 75, ele gravou um LP, *Tim Maia Racional*, e o enviou a várias personalidades do meio artistico, inclusive a **John Lennon**. Hoje em dia, Tim prefere não tocar no assunto, limitando-se a declarar que foi muito prejudicado e teve um dificil retorno.

Nos anos seguintes, Tim chegou a gravar um LP em inglês, *With No One Else Around*, lançado somente no Brasil e sem nenhuma repercussão. Sua volta por cima só aconteceria já nos anos 80, com funks como "Você E Eu, Eu E Você (Juntinhos)", "Vale Tudo" e "Eu Quero Sossego", além das baladas românticas que predominam em sua fase mais recente.

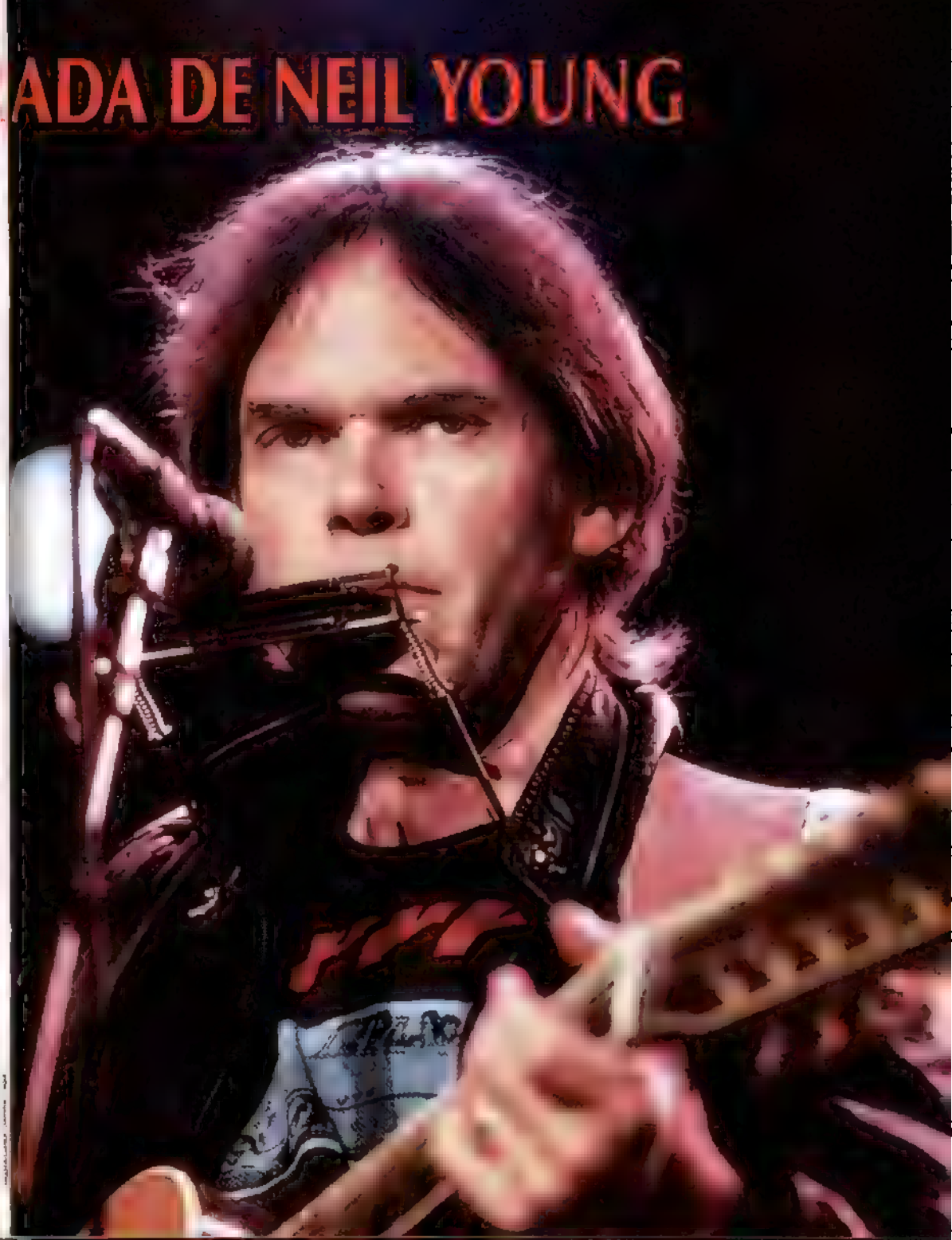
OS 25 ANOS DE ESTRADA DE NEIL YOUNG

Toda a trajetória do velho roqueiro, desde 66 até seu último LP, *Freedom*

A Los Angeles para onde Neil Young se deixou ir, num belo dia de 1966, pilotando um velho Pontiac que um dia tinha sido carro funerario, era muito diferente da Los Angeles que, duas decadas adiante, atraiu outro garoto do interior, Axl Rose, ou, alias, muitissimo diferente da Los Angeles que hoje inspira os talentos angulosos de Ice-T, Tone Loc, Los Lobos ou os samoanos da Boo Ya T.R.I.B.E.

Los Angeles é uma cidade a quem o destino sempre negou a capacidade do crescimento natural, orgânico. Inconscientemente um eterno vilarejo, um *pueblo*, ela explodiu em ciclos, alimentada por estímulos efêmeros — ouro!, petróleo!, laranjas!, cinema! Entre uma e outra explosão — marcada firmemente em seu rosto pelas fronteiras dos novos bairros, pela presença de novas levas de migrantes —, a cidade lambe suas feridas, recolhe-se e sonha — que é um *pueblo* de novo, que nunca deixou de ser um *pueblo*. Se Nova York é dura e frenética, se Paris é arrogante e chique e se Londres é individualista e *poseuse*, Los Angeles é esquizofrênica. Sua doçura, a languidez de seu clima de eterna primavera, a beleza de sua luz escondem um turbilhão de emoções sombrias e por vezes terríveis — que escritores como Raymond Chandler e James Ellroy conhecem muito bem. Los Angeles atrai os inquietos, os rebeldes, os talentosos. Mas atrai também os desesperançados e os loucos.

No ano de 1966, sem nenhum motivo aparente, Los Angeles atraiu Neil Young.



Formado em 64, o quinteto The Byrds foi o pioneiro na fusão de melodias da *country music* com a eletricidade do rock'n' roll, com um som fundamentado nos riffs de guitarra de Roger McGuinn (um mestre na Rickenbacker de doze cordas) e em suas elaboradas harmonizações vocais com David Crosby, Gene Clark (também guitarristas) e Chris Hillman (baixista).

Com o nome emprestado da marca de um veículo agrícola, The Buffalo Springfield surgiu dois anos após os Byrds, formando junto com eles a nata do *country rock* californiano. O grupo era formado por Neil Young, Stephen Stills e Richie Furay nas guitarras, Bruce Palmer no baixo e Dewey Martin na bateria. Teve uma trajetória efêmera (66/68) mas fulminante, com Furay saindo para fundar o Poco, enquanto Stills viria a se juntar a David Crosby e ao inglês Graham Nash (ex-Hollies). Depois de iniciar uma carreira solo, Young também se agregaria ao trio.

Crosby, Stills, Nash And Young formaram o primeiro supergrupo americano, quando o último se juntou aos três primeiros, que haviam gravado um álbum no início de 69. Já em sua segunda aparição ao vivo, o quarteto se apresentou para um público de meio milhão de pessoas, no festival de Woodstock. Depois de um álbum de estúdio (*Deja Vu*) e outro ao vivo (o duplo *Four Way Street*), o grupo se dissolveu, com seus membros partindo para trabalhos solo ou em duplas. O retorno do trio original deu-se com o LP *CSN* (77), enquanto os quatro só voltariam a se reunir em vinil no álbum *American Dream* (89).

Durante a década de 70, o rock californiano foi aos poucos se acomodando em uma padronização de estilo. Neste contexto, inseriram-se grupos como The Eagles e Fleetwood Mac (que na sua fase inglesa anterior era uma *blues band*) e outros, com uma nítida propensão para o lado mais comercial do *country rock*.

1966-71: BUFFALO SPRINGFIELD E CROSBY, STILLS NASH & YOUNG

Young, filho de uma família classe média de Toronto — o pai, um conhecido repórter esportivo —, cresceu em Winnipeg, também no Canadá, depois do divórcio dos pais. No início dos anos 60, formado no ginásio — e em bandas de garagem —, ele voltou a Toronto e integrou-se ao circuito de bares folk que, à semelhança do Village em Nova York, atraíam e alimentavam novos talentos (como os do grupo que mais tarde se chamaria The Band e tocaria com Bob Dylan). Nesse circuito, ele conheceu Stephen Stills, Richie Furay e a também cantora canadense Joni Mitchell, e compôs uma das canções pela qual seria sempre conhecido, "Sugar Mountain".

Em 66, aos 21 anos, intuindo que as possibilidades canadenses de sua vida tinham se esgotado, Young pôs seu Pontiac ex-funerário na estrada, no rumo da Califórnia, trazendo o baixista Bruce Palmer no banco de carona.

Tudo teria sido muito diferente se Young tivesse se deixado ficar em São Francisco onde, em 66, Timothy Leary e Ken Kesey distribuíram ácido lisérgico de graça, com o Grateful Dead e o Jefferson Airplane fazendo a trilha sonora. Mas Young veio parar um tanto mais ao sul, numa Los Angeles aparentemente serena e dormente, no intervalo entre dois ciclos explosivos. Os gigantescos arranha-céus de Downtown e de Longínqua (Arranha-céus? Em Los Angeles? Nunca!", bradavam os velhos moradores) e as multidões de imigrantes da América Central, da Ásia e do Pacífico eram um problema meramente teórico a ser discutido nos salões acadêmicos, na base do "E se..." Os massacres perpetrados pela "família" de Charles Manson e os distúrbios raciais do bairro negro de Watts estavam no futuro. A droga de escolha era a maconha — e não a cocaína, nem muito menos sua virulenta forma condensada, o crack. O boom do petróleo e o do cinema haviam ficado para trás. A explosão do mercado imobiliário, da informática e, novamente, do cinema, ainda estavam adiante. Ironicamente — como cai bem na história da cidade — uma grande parte do motor de sua próxima explosão forjou-se neste aparente interregno dos anos 60, nestes canyons sossegados onde moravam Joni Mitchell, Stephen Stills e David Crosby. Na década de 70, até pelo menos o advento do *disco* e do punk, Los Angeles reinaria no mercado musical americano. O glitter, o progressivo e o metal de L.A. garantiam a coroa de "música dos anos 70". E o que ela traria para essa década confusa seria uma das faces da sua esquizofrenia — o rescaldo do country, folk e rock que Neil Young e seus amigos praticavam aqui, uma forma de música aparentemente muito polida e bem-acabada, doce e relax, por onde, de quando em vez, a estranha cara da loucura, da paranóia da suburbioândia teimava em se expor — Frank Zappa! Jim Morrison! Captain Beefheart! Randy Newman! Harry Nilsson! e Neil Young.

Na comunidade hippie-rica que Young encontra em Los Angeles, na Venice onde morava Jim Morrison, no Laurel Canyon onde morava Joni Mitchell, ou em Topanga, onde estavam Jack Nicholson, Dennis Hopper e David Crosby, ele parece sempre uma voz estranhamente destoante. Seu primeiro trabalho é com uma das bandas seminais do "som de Los Angeles": o Buffalo Springfield de Stephen Stills e Richie Furay. Embora Young escreva boa parte do repertório da banda — "Mr. Soul", "I Am A Child", "Broken Arrow" —, sua voz esgarçada e sua guitarra psicótica estão sempre em segundo plano, na ordem soft das coisas preconizada por Stephen Stills.

O conflito inevitável leva a dissolução do Springfield, a uma breve carreira individual — com um LP que até hoje parece fora do tempo e do espaço, o ultracult *Everybody Knows This Is Nowhere* — e afinal, a uma súbita adesão ao quarteto que virtualmente cristaliza o "som de Los Angeles", Crosby, Stills, Nash... e Young.

A produção de Young na virada dos 60 para os 70 é exemplar das múltiplas faces de L.A., de sua capacidade simultânea para a anestesia e para a dor. Young alterna sua participação no CSNY — onde sua voz sempre soa quase alienígena descosturando o bordado harmônico delicado dos outros três — com álbuns individuais de extrema doçura (e previsibilidade) folk (*After The Gold Rush*, *Harvest*) ou pesadas reflexões sobre drogas, alienação, apatia e loucura — *Tonight's The Night*, *On The Beach*, *Zuma*.

Os anos 70, evidentemente, engordaram e ennujeceram Los Angeles e a geração de Young. Os Eagles, o Fleetwood Mac (em que o talento ou*tre* de Lindsey Buckingham confirmou mais uma vez a esquizofrenia da cidade), Linda Ronstadt e Jackson Browne enfileiram na senda soft desbravada por Springfield e CSNY (enquanto, doidamente, os Byrds iam bater lá longe, na Geórgia, e forjar o parto do R.E.M.). Mas, enquanto isso, nas pistas de skate e nos clubes improvisados em garagens de subúrbio, uma coisa estranha acontecia. Uma outra geração de nativos e migrantes e loucos e desajustados e rebeldes imaginava uma outra coisa nada suave, um rosnado eletrônico parecido com o da distante Londres. Young percebeu-a, e fana *Rust Never Sleeps*, uma ode à dissolução, às trevas, à morte à eterna, embora ilusória, juventude. Tão Los Angeles! Mas isso já é outra história.

ANA MARIA BAHIANA

1971-80: DUAS DÉCADAS FREAK E UM DOS MELHORES LPS DE 1988

Para quem mora em Los Angeles, a vastidão do Topanga Canyon — onde o verde e as montanhas atraem artistas e gente famosa em geral — sempre funcionou como uma válvula de escape, uma opção orgânica ao frenesi das metrópoles. E foi justamente em busca dessa área tão paradisíaca quanto desolada que Neil Young deixou L.A., após o fim do Buffalo Springfield.

Aí instalado, e com a ajuda do velho amigo Jack Nietsche e do guitarrista Ry Cooder, ele compôs as canções que, em novembro de 68, vinam a público em seu primeiro álbum solo, *Neil Young*. Obra um tanto bizarra, em que arranjos massivos de cordas, músicas toscas e a mixagem indiscutida dos vocais colaboram em partes iguais para torná-lo uma decepção. *Neil Young* traz ao menos duas faixas de peso: a amarga "The Loner" (cuja letra supostamente refere-se ao ex-parceiro Stephen Stills) e a críptica "Last Trip To Tulsa", um épico de nove minutos de duração, entrecortado por alusões febris aos conflitos homem-mulher, à insegurança pessoal e ao final dos tempos.

Menos de quatro meses após o lançamento do disco, Neil Young surpreendeu a todos com outro LP, *Everybody Knows This Is Nowhere* (69). Desta vez, ele se fez acompanhar pelo então desconhecido grupo Crazy Horse — Danny Whitten (guitarra), Billy Talbot (baixo) e Ralph Molina (bateria), formação que haveria de se mostrar no futuro como seu sustentáculo ideal.

Por incrível que pareça, Young e o Crazy Horse só tocavam juntos há dois meses quando gravaram *Everybody Knows...*, e, mais admirável ainda: por apenas seis dias quando concluíram a hoje antológica "Down By The River". Essa combustão espontânea não passou despercebida ao músico, que, a fim de captar a magia daquele encontro, resolveu gravar o álbum em tempo recorde. O resultado é um de seus mais fortes e coesos LPs, em que os diálogos rascantes entre as guitarras de Young e Whitten seguram sucessivos *tours de force* em músicas como "Cinnamon Girl" e "Cowgirl In The Sand".

Após uma pausa para (segundo as más línguas da época) reforçar o saldo bancário através da associação com o Crosby, Stills & Nash, Young voltaria a colaborar com o Crazy Horse em *After The Gold Rush* (70). Antecipando o processo de suavização que o rock atravessaria nos primeiros anos da década de setenta, o disco tornou-se uma pedra miliar em sua carreira ao conciliar melodias brilhantes com imagens metafóricas de rara beleza.

Com o prestígio ganho com este registro, Young pode realizar um velho sonho, apresentando-se no lendário Carnegie Hall. Nesse meio tempo uma hérnia de disco passou a martirizá-lo com dores atrozes, impedindo-o inclusive de tocar guitarra. E foi nessas condições que ele partiu para o disco seguinte, *Harvest* (72). Recheado de *love songs* de nítida têmpera country — a maioria das gravações ocorreu em Nashville — e predominantemente acústico, *Harvest* vendeu mais de dois milhões de cópias. Outras novidades foram a ausência do Crazy Horse — substituído pelos Stray Gators, Ben Keith (steel guitar), Jack Nietzche (piano), Tim Drummond (baixo) e Kenny Buttrey (bateria) — e os reforços de James Taylor, Linda Ronstadt e da London Symphony Orchestra.

A essa altura, Neil Young parecia destinado ao megaestrelato, mas o fracasso de projetos posteriores reduziu seu status comercial. Primeiro, a malsucedida trilha sonora *Journey Through The Past* (extraída do filme homônimo, que ele mesmo dirigiu), seguida de *Time Fades Away* (73), um álbum ao vivo de músicas inéditas, em que o *approach* romântico era abandonado em favor de uma sonoridade áspera e desleixada. Culminando a má fase, o músico foi abalado pelas mortes de Bruce Berry (ex-roadie do CSNY) e Danny Whitten (membro do Crazy Horse e seu amigo íntimo), por overdose de heroína.

Se tais tropeços foram fruto de esgotamento criativo ou uma deliberada tentativa de evitar a superexposição ao público, é uma questão que até hoje suscita discussões. O fato é que, como para purgar a perda dos amigos, Young decidiu então iniciar uma espé-

O primeiro LP de sucesso de Neil Young, *Everybody Knows This Is Nowhere* (69); *Harvest* (72) sua obra mais comercial, e *Zuma* (75), que gravou acompanhado do grupo Crazy Horse.

Um jamaicano [illegible] de ganja? Nada disso: é Neil [illegible] solo na Inglaterra, em 73

cie de depoimento musical, reunindo os remanescentes do Crazy Horse mais Nils Lofgren e Ben Keith. A ideia era fazer algo totalmente diferente do que ele já realizara, e para tanto as sessões de gravações acabaram acontecendo de forma mórbida. Invariavelmente chapados de marijuana e alcool, os musicos só gravavam em horários proximos da meia-noite. Concluido em agosto de 73, o disco so viria a tona no primeiro semestre de 75. Todavia, os ingleses tiveram o "privilegio" de ouvi-lo ao vivo, durante uma exibição no Royal Festival Hall, em Londres. De óculos escuros, paletó branco, garrafa de tequila na mão e murmurando frases absurdas acerca do prazer que sentia em estar de volta à praia de Miami (!), Young realizou – entre desafinações e ondas de feed back incoercivel — um dos mais desconcertantes espetaculos de todos os tempos.

On The Beach (74) nao modificou muito esse estado de coisas. Ainda que contasse com um grupo ecletico de instrumentistas (entre os quais Doug Kershaw, Ben Keith, Rick Danko e Levon Helm, esses dois ultimos do The Band), o tom desesperançado das letras — uma massa surreal de comentarios politicos ("Revolution Blues"), pessoais ("On The Beach") e fatalista ("See The Sky About To Rain") — e as melodias melosas mantiveram o artista longe das massas.

Só em junho de 75 Young pode finalmente enterrar os seus mortos em *Tonight's The Night*, que surgiu com a ordem das faixas alterada em relação à sequencia original. Todo em preto-e-branco (até mesmo seu selo) e com um espaço vazio na contracapa (onde deveria estar uma foto de Whitten) o LP traz a seguinte dedicatoria: "Esse disco foi feito para Danny Whitten e Bruce Berry, que viveram e morreram pelo rock n'roll". Sem overdubs ou qualquer limagem de estudio, o som abrasivo de *Tonight's The Night* garantiu a pungencia que o artista desejava imprimir aos seus fantasticos relatos de degeneração, violencia e morte: vide a triade "Lookout Joe", "Come On Baby Let's Go Downtown" (gravada no Fillmore East em 70, com Danny Whitten nos vocais) e "Tired Eyes".

Quando o disco chegou às lojas, Young já estava de volta às boas com o Crazy Horse, ao qual agregara um novo guitarrista, Frank Sampedro. O reencontro gerou *Zuma* (75), um trabalho marcado por maior acessibilidade e apuro tecnico. Por meio dele, Young fez as pazes com os antigos fãs e conquistou seu primeiro hit desde "Harvest", alinhavando baladas harmoniosas ("Pardon My Heart"), rebordosas hard ("Drive Back") e as descargas eletricas de "Danger Bird" e "Cortez The Killer".

Refeito dos traumas do passado, Neil acabou por retomar a parceria com Stephen Stills em *Long May You Run* (76), em que suas composições — talvez inspiradas pela locação em Miami — revelaram-se anomalamente otimistas, evocando imagens de passeios em escunas e romance à beira-mar. A tranquilidade recem-conquistada tambem lhe proveu de duas gravações solo de ambiencia acustica, *American Stars'N'Bars* (77) e *Comes A Time* (78), respectivamente destinados a repassar a limpo seus envolvimentos previos com os idiomas country'n'western e folk.

Sempre propenso a novas parcerias, Young passou boa parte de 78 tocando com os musicos do Devo, através dos quais se familiarizou com a cena punk. Daí nasceu a inspiração para dois álbuns de lançamento praticamente simultâneo, *Rust Never Sleeps* e *Live Rust*, um filme-concerto e uma excursão, projetos que, num todo, abordavam a transitoriedade do estrelato na cena rock. Destes, *Rust Never Sleeps* mostrou-se magistral, trespassado por guitarras saturadas, letras mordazes — é dele o mote "antes queimar do que enferrujar" — e um punhado de canções em sintonia com a urgência daqueles tempos.

Durante os anos 80, Young continuou fazendo jus à fama de imprevisivel, ao registrar uma serie de LPs — *Trans*, *Everybody's Rockin'*, *Old Ways*, *Life* etc — em que se exercitava em estilos tao diversos quanto o rockabilly, o jazz das big-bands e a musica eletrônica. Isso sem esquecer *American Dream*, o retorno caça-níqueis do CSNY. Como tais trabalhos se mostrassem aquém de seu potencial, muita gente passou a hostilizar o musico, taxando-o de decadente. O revide providencial veio em outubro de 89, quando ele fulminou os detratores com *Freedom*, um exuberante painel retroacustico no nivel de seus melhores momentos.

A edição de *Freedom* foi cercada de intempéries. A princípio, noticias davam conta de um eventual LP chamado *Eldorado*, que acabou abortado sem maiores explicações (embora parte dele reaparecesse num EP de distribuição limitada à Australia e ao Japao). Destino identico tiveram tres (!) outros discos passiveis de lançamento: um album duplo, gravado no Oriente, um LP com os B-benotes banda "fantasma" que Young montara com Ben Keith e Frank Sampedro (que seria provisoriamente batizado *This Note's For You, Too*) e, finalmente, um tal de *Times Square*, do qual quase nada foi divulgado.

Freedom brotou do desmembramento dessas gravações. A exemplo de *Rust Never Sleeps*, seu começo e fim trazem versoes contrastantes da mesma musica (no caso, "Rockin' In The Free World"). Entre os extremos, Young inseriu fragmentos dos discos cancelados e rebarbas diversas, oriundas de demos gravadas ainda no final dos anos 70. Nem mesmo um engenheiro geneuco se sairia melhor. Enfatizando os aspectos ilusorios que valores como o amor, a fe e a liberdade guardam nos dias de hoje, *Freedom* se impoe aos timpanos por meio de doses cavalares de perplexidade. A critica, não restou outra alternativa senao apontá-lo como um dos mais instigantes álbuns da década.

Prever os proximos passos de Neil Young é tarefa sabidamente impossivel. Musico complexo, de personalidade multifacetada e humor bipolar, seu unico compromisso é com suas palavras, suas canções, sua arte.

ARTHUR G. C. DUARTE

VIDEO GUIDE

WARNER HOME VIDEO

Um guia com 62 filmes especialmente selecionados para você ver e rever em sua casa sempre que quiser.

Participe das emocionantes aventuras do agente secreto mais famoso do mundo. JAMES BOND.

007 CONTRA OCTOPUSSY
Direção: John Glen. Com Roger Moore e Maud Adams. Uma jóia foi roubada do Kremlim, reaparecendo na mais famosa casa de leilões do mundo. E ela pode ser a chave para o assassinato do agente 009. Para solucionar os mistérios, Bond enfrentará Octupussy.

MOSCOU CONTRA 007
Direção: Terence Young. Com Sean Connery e Daniela Bianchi. O Sindicato Internacional do Crime instalou uma escola de assassinos. Seu objetivo: liquidar James Bond.

007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS
Direção: John Glen. Com Roger Moore, Carole Bouquet e Topol. Um navio-patrulha britânico afunda misteriosamente, com uma valiosa arma secreta. O agente 007 irá investigar sozinho este mistério.

COM 007 SÓ SE VIVE DUAS VEZES
Direção: Lewis Gilbert. Com Sean Connery. Uma cápsula espacial americana é interceptada por um foguete desconhecido, criando um incidente internacional. Logo James Bond entra em ação para impedir a III Guerra.

007 VIVA E DEIXE MORRER
Direção: Guy Hamilton. Com Roger Moore e Yaphet Kotto. Duas toneladas de heroína estão prestes a invadir o mercado americano. Enfrentando perigos aterrorizantes, James Bond empresta suas forças para evitar o pior.

007 CONTRA A CHANTAGEM ATÔMICA
Direção: Terence Young. Com Sean Connery e Adolfo Celi. James Bond terá que usar métodos usados para impedir que duas bombas atômicas sejam lançadas pela Spectre.

007 O ESPIÃO QUE ME AMAVA
Direção: Lewis Gilbert. Com Roger Moore e Barbara Bach. Um gênio do mal planeja destruir a Terra e construir um novo mundo sob o mar. Para impedir este plano, Bond contará com a ajuda de uma agente russa.

007 MARCADO PARA A MORTE
Direção: John Glen. Com Timothy Dalton e Maryam d'Abo. O General Koskov da KGB denuncia a existência de uma gigantesca operação para exterminar os agentes secretos do mundo. 007 é o único homem que pode desarmar esta trama.

007 NA MIRA DOS ASSASSINOS
Direção: John Glen. Com Roger Moore, Christopher Walken e Grace Jones. Max Zorin é um poderoso magnata que quer assumir o controle total do mercado de informática. Mas ele terá que vencer James Bond.

007 CONTRA O SATÂNICO DR. NO
Direção: Terence Young. Com Sean Connery e Ursula Andress. Primeiro filme do agente secreto. James Bond enfrenta o temível Dr. No, um cientista brilhante, mas mal intencionado.

007 CONTRA O FOGUETE DA MORTE
Direção: Lewis Gilbert. Com Roger Moore e Lois Chiles. "Moonraker" é um foguete espacial que subitamente desaparece. James Bond, o insuperável agente 007, é encarregado para resolver o mistério.

007 OS DIAMANTES SÃO ETERNOS
Direção: Guy Hamilton. Com Sean Connery e Charles Gray. Bond terá que impedir os planos do maléfico Blofeld, que ameaça destruir a humanidade caso suas reivindicações não sejam atendidas.

007 CONTRA O HOMEM DA PISTOLA DE OURO
Direção: Guy Hamilton. Com Roger Moore e Christopher Lee. Scaramanga, um facínora sem escrúpulos, raptou o inventor do Solex, um conversor solar de bolso. E agora Bond terá que liquidar Scaramanga pessoalmente.

007 CONTRA GOLDFINGER
Direção: Guy Hamilton. Com Sean Connery e Gert Frobe. O maligno Goldfinger planeja roubar todas as reservas americanas. Para impedí-lo, só James Bond.

JACQUES COUSTEAU

MERGULHE NO FASCINANTE MUNDO SUBMARINO.

CALYPSO EM BUSCA DO BRITANNIC

O navio-hospital Britannic era supostamente insubmergível. Como explicar seu naufrágio em sua sexta viagem? Aqui estão todas as respostas.

CLIPPERTON: A ILHA QUE O TEMPO ESQUECEU

Setenta anos atrás, um pirata louco sequestrou um grupo de mulheres e crianças, levando-as para a ilha de Clipperton. Cousteau volta a este paraíso para esclarecer definitivamente o episódio.

O NILO

Ao longo de seus mais de 7 mil quilômetros, o Nilo oferece uma maravilhosa viagem através da região que abriga uma fauna particularmente exótica.

EM BUSCA DE ATLÂNTIDA

Há centenas de anos, uma ilha abrigou uma avançada civilização. Hoje, ninguém sabe se ela existiu. Uma aventura que desvenda segredos seculares.

MERGULHO AO ENCONTRO DAS PILHAGENS ROMANAS

Muito antes do nascimento de Cristo, um forte temporal afundou um navio romano repleto de tesouros gregos. Retorne 2 mil anos na história, resgatando a valiosa arte antiga.

MAMÍFEROS DAS PROFUNDEZAS DO MAR

Em imagens lindíssimas, a revelação da origem e evolução dos mamíferos marinhos, seres misteriosos que têm traços em comum com o Homem.

BOMBA RELÓGIO SUBMERSA

Na costa da Itália, uma colisão entre dois navios arremessa um deles ao fundo com uma carga tóxica capaz de causar um desastre ecológico. Como conter o perigo?

RELÍQUIAS PERDIDAS DO MAR

Uma aventura que mostra a emoção dos mergulhadores ao encontrar uma embarcação afundada durante a vitória de Atenas sobre Esparta.

MEDITERRÂNEO: BERÇO OU TÚMULO?

Décadas atrás, o Mediterrâneo era rico em vida subaquática. Hoje, ele está morrendo, Cousteau faz uma importante denúncia ecológica, uma verdadeira cruzada em defesa do meio ambiente.

OS PROFETAS CEGOS DA ILHA DE PÁSCOA

A ilha de Páscoa maravilha o Homem com seus mistérios. Quem teria esculpido os gigantescos ídolos de pedra? Como explicar o indício de 20 mil habitantes se a ilha hoje é deserta?

INFANTIS

LEVE A TURMA DO PERNALONGA PARA BRINCAR EM SUA CASA.

PERNALONGA NO INCRÍVEL MUNDO DA TELEVISÃO

Direção: Fritz Freleng, Chuck Jones, Robert McKimson. Pernalonga foi promovido a presidente de uma grande Rede de Televisão. Agora, ele tem que tomar um monte de decisões e, além disso, bancar o cantor, bailarino e ator. E também... No dia das Bruxas, Pernalonga vai, sem querer, à casa da Feiticeira Hazel. Ele só quer tomar um chá, mas ela prefere coelho ensopado.

FESTIVAL DOS ANIMAIS

Patolino e Pernalonga apresentam uma sinfonia pirada que conta a história de todos os animais. E também: Hortelino Trocaletra é um cupido que faz as maiores traquinagens para deixar todo mundo apaixonado.

UM COELHO NA CORTE DO REI ARTHUR

Pernalonga e Patolino provam que é possível derrotar os inimigos com gargalhadas. E também: Por engano, Pernalonga chega à Inglaterra dos reis e magos, causando a maior confusão.

HERÓI DOS AMERICANOS

Clyde, o sobrinho de Pernalonga, não consegue aprender a História dos Estados Unidos. Então, seu tio usa um método muito engraçado. Ele conta os fatos como se homens importantes, como General Lee e o Barão Vermelho, fossem os personagens da turma.

PATOLINO CONTINUA BIRUTA

Desde a sua estréia em 1937, Patolino vem conquistando fãs de todas as idades com o seu jeitão estabanado de ser. Nesta fita, você vai encontrar oito histórias engraçadíssimas com alguns dos melhores momentos de sua carreira.

OS DOIDOS CONTOS DE NATAL DO PERNALONGA

Direção: Fritz Freleng. Com Pernalonga. Imagine o clássico conto de Natal de Charles Dickens, "A Christmas Carol", interpretado pela turma do Pernalonga.

AS AVENTURAS DE HORTELINO TROCA LETRAS

Em oito histórias muito engraçadas, Hortelino Troca Letras vive as mais loucas aventuras de um cantor-bailarino do Teatro Vaudeville. Com Pernalonga como coadjuvante, Hortelino faz o show.

A GRANDE CAÇADA AMERICANA

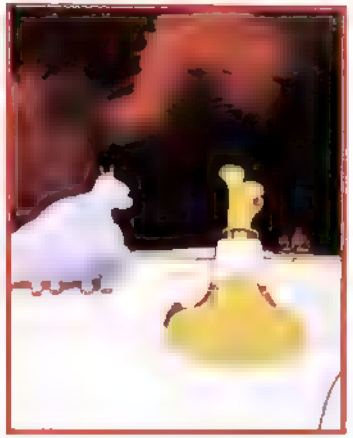
Direção: Chuck Jones. Com Pernalonga. O coelho maluco nos leva a uma deliciosa viagem através das grandes caçadas, perseguições e corre-corres dos desenhos animados. Logo após uma hilariante abertura que satiriza "Guerra nas Estrelas", Pernalonga homenageia os grandes comediantes do cinema mudo, citando desenhistas, dubladores e diretores de seus próprios desenhos.

FRANGOLINO AGITA O GALINHEIRO

Frangolino e sua turma aprontam as maiores encrencas no galinheiro, em 8 desenhos engraçadíssimos.

MUSICAIS

COMPONHA SUA VIDEOTECA COM OS MAIORES HITS DO CINEMA.



BIRD

Direção: Clint Eastwood. Com Forest Whitaker e Diane Venora. O universo musical do gênio do saxofone, Charlie "Bird" Parker, retratado com extrema sensibilidade. Da miséria ao sucesso, o mago do bebop detona sua música, fazendo uma verdadeira revolução musical.

POR VOLTA DA MEIA-NOITE

Direção: Bertrand Tavernier. Com Dexter Gordon, Herbie Hancock e Martin Scorcese. Paris, 1959. Um jazz-man transforma o som de seu sax em pura magia, encantando o jovem Francis Borier. Ali nasce uma intensa amizade numa história inspirada nas vidas de Lester Young e Bud Powell.

NASCE UMA ESTRELA

Direção: Frank Pierson. Com Barbra Streisand e Kris Kristofferson. Um astro do rock conhece uma cantora anônima e lhe dá uma carreira. Ela retribui com seu amor. Um filme agitado que mostra toda a energia exaltante da vida de uma grande estrela. "Oscar" de Melhor Canção.

YELLOW SUBMARINE

Direção: George Dunning. Com John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr. Em Pepperland, a famosa Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band é atacada pelos Malvados Tristes, seres que odeiam música, felicidade e amor. Fred, o maestro da banda, foge num submarino e vai pedir ajuda aos Beatles. Juntos, eles combatem o inimigo com suas músicas.

AMOR, SUBLIME AMOR

Direção: Robert Wise e Jerome Robbins. Com Natalie Wood e Richard Beymer. Nas ruas de Nova York, dois jovens enfrentam o ódio de gangs rivais. Uma adaptação memorável de "Romeu e Julieta", que comoveu o público e conquistou 10 "Oscar". Música de Leonard Bernstein.

A PEQUENA LOJA DOS HORRORES

Direção: Frank Oz. Com Rick Moranis, Ellen Greene e Vicent Gardenia. Uma loja de flores decadente, da rua, no barro mais decadente da cidade. Com os negócios indo à bancarrota, o dono da loja decide dispensar seus dois únicos e fiéis empregados. Mas um deles compra uma planta muito estranha... e os negócios voltam a prosperar.

VIDEO GUIDE

WARNER HOME VIDEO

WARNER CLASSICS

Colecione os momentos inesquecíveis de Hollywood.

RASTROS DE ÓDIO
Direção: John Ford. Com John Wayne e Natalie Wood. O último John Ford conta aqui a história de um veterano do exército que parte em busca de sua sobrinha raptada pelos comanches. Este western tornou-se o preferido de John Wayne.

QUANTO MAIS QUENTE MELHOR
Direção: Billy Wilder. Com Marilyn Monroe, Jack Lemmon e Tony Curtis. Marilyn Monroe os voltas com uma dúzia de músicos que se veste de mulher para escapar de uma tremenda enrascada. Comédia vencedora do "Oscar" de Melhor Figurino.

UM VIOLINISTA NO TELHADO
Direção: Norman Jewison. Com Topol, um dos melhores atores israelenses. Sucesso musical da Broadway que conta a saga do povo judeu, obrigado a deixar a Russia Czarista.

MOBY DICK
Direção: John Huston. Com Gregory Peck e Orson Welles. O desafio à Moby Dick, a obsessão é de um grupo de valentes marinheiros e seu capitão, que querem matá-la.

O QUE TERA ACONTECIDO A BABY JANE?
Direção: Robert Aldrich. Com Bette Davis e Joan Crawford. Com história baseada no best-seller de Henry Farrel. Dois mitos do cinema no maior clássico de terror e suspense de todos os tempos, numa trama de requintado humor negro.

IRMA LA DULCE
Direção: Billy Wilder. Com Jack Lemmon e Shirley Mac Laine. Irma La Dulce é uma prostituta que com seu coração de ouro, sempre arranja "clientes" sem sair do quarteirão. Mas tudo muda quando é destacado um novo policial. Inglório, ele quer mostrar serviço, mas se apaixona por Irma, que continua na sua atividade. Até que ele resolve se fazer passar por um milionário velho a solitário para conquistá-la.

UM PIJAMA PARA DOIS
Direção: George Abbot e Stanley Donen. Com Doris Day e John Raitt. Reivindicações trabalhistas se transformam em uma divertida comédia musical. Na antiga fábrica de pijamas a romance entre um jovem supervisor e a chefe do comissão de empregados, em meio a greves, músicas e humor.

NASCE UMA ESTRELA
Direção: George Cukor. Com Judy Garland e James Mason juntos, uma atriz que sonha conquistar a fama e um astro, seu mentor que contraca a decadência. Sucesso de público e crítica.

AS AVENTURAS DE ROBIN HOOD
Direção: Michael Curtiz e William Keighley. Com Errol Flynn, Olivia de Havilland e Claude Rains. O clássico que influenciou todos os filmes de aventura, com a inesquecível atuação de Errol Flynn.

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
Direção: Michael Anderson. Com David Niven, Cantinflas, Marlene Dietrich e Frank Sinatra. A maior aventura de todos os tempos. Baseado na obra de Julio Verne. "Oscar" de Melhor Filme, Roteiro Adaptado, Fotografia, Edição e Trilha Sonora.

VERA CRUZ
Direção: Robert Aldrich. Com Burt Lancaster, Gary Cooper, Ernest Borgnine e Sarita Montiel. Dois pistoleiros de aluguel disputando um tesouro inconfessável e o amor de mesma mulher.

VIKINGS, OS CONQUISTADORES
Direção: Richard Fleischer. Com Kirk Douglas e Tony Curtis. A saga dos vikings e sua luta contra os ingleses pelo domínio da região, que mil anos atrás era centro do mundo.

ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE
Direção: George Stevens. Com James Dean, Rock Hudson e Elizabeth Taylor. Os conflitos raciais, a disputa pelo poder e a grandiosa história do Texas contados com mestria no último trabalho de Dean. Um autêntico "cult movie".

Tenha seus astros prediletos sempre perto de você.

ÚLTIMO TANGO EM PARIS Direção: Bernardo Bertolucci. Com Marlon Brando e Maria Schneider. Paul e Jeanne se conhecem num apartamento vazio, em Paris. Ele vem de um passado amargo, marcado pelo suicídio de sua esposa. Ela está para se casar. Mas a relação que nasce é mais forte que tudo.

CORPOS ARDENTES Direção: Lawrence Kasdan. Com William Hurt, Kathleen Turner e Mickey Rourke. Uma história sensual e sórdida que ressoa com o poderoso impacto dos filmes "noir" dos anos 40 - os inesquecíveis filmes policiais que transformaram-se em "cult-movies" - mas com a eroticidade, energia e a paixão dos anos 80.

LIGAÇÕES PERIGOSAS Direção: Stephen Frears. Com Glenn Close, Michelle Pfeiffer e John Malkovich. Às vésperas da Revolução Francesa, a Marquesa de Merteuil e a Visconde Valmont enredam Madame de Tourvel e Cecile de Volanges numa complexa intriga. "Oscar" de Melhor Roteiro Adaptado. Direção de Arte e Figurino.

RAIN MAN Direção: Barry Levinson. Com Dustin Hoffman e Tom Cruise. Charlie descobre que a herança de seu pai ficou para seu irmão Raymond, que é autista. Decidido a ficar com a dinheiro, ele rapta Raymond e juntos eles iniciam uma viagem que muda suas vidas. "Oscar" de Melhor Ator. Filme, Direção e Roteiro Adaptado.

ADORÁVEL SEDUTORA Direção: Bruce Beresford. Com Tom Selleck e Pauline Porizkova. O escritor Philip Blackwood está rendendo os tribunais à procura de idéias para seu novo romance. Porém mais que inspiração, ele acaba conhecendo Nina Forrester, uma linda garota romeno que está sendo acusada de assassinato. Envolve-se neste trama engraçadíssimo e seja testemunha-chave do caso Philip, o escritor que cometeu um grande crime: o de se apaixonar.

VERÃO DE 42 Direção: Robert Mulligan. Com Jennifer O'Neill e Gary Grimes. Aos 15 anos, Hermie vai passar as férias na praia e conhece uma mulher mais velha por quem se apaixona. Com ela descobre as respostas para suas dúvidas sobre a vida, o amor e o sexo. "Oscar" de Melhor Trilha Sonora.

A MULHER DO TENENTE FRANCÊS Direção: Karel Reisz. Com Meryl Streep e Jeremy Irons. Sarah foi abandonada por um oficial francês e passou a ser conhecida pelos habitantes da pequena vila de pescadores como "a mulher do tenente francês". Não se trata apenas de uma clássico história de amor ao era vitoriana: aparecem no tela - como se fosse um outro filme - imagens de um novo romance, entre os próprios atores que interpretam os personagens do passado.

A COR PÚRPURA Direção: Steven Spielberg. Com Whoopi Goldberg, Danny Glover e Adolph Caesar. A trajetória de uma mulher desde a semi-escravidão até o seu pleno desenvolvimento como ser humano, localizando 40 anos de uma comunidade negra do Sul dos Estados Unidos.

CASABLANCA Direção: Michael Curtiz. Com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman e Paul Henreid. Na II Guerra, a cidade de Casablanca é o único saído para quem pretende fugir do Nazismo. O maior clássico do Cinema, onde Bogart e Bergman vivem momentos inesquecíveis. "Oscar" de Melhor Filme, Diretor e Roteiro.

Agora você pode ter suas fitas preferidas em sua casa. Preencha o cupom abaixo e envie à Warner Home Video agora mesmo. E aguarde que em breve tem mais novidades Warner Home Video para você.

SIM, quero adquirir fitas da Warner Home Video. 30 HM 59

Nome
C.C. RG
End.
CEP Ass.
Cidade Estado Telefone

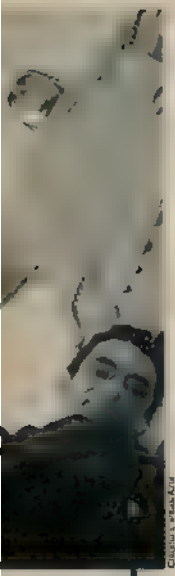
Título	Quant.	Valor
TOTAL		

ATENÇÃO: Custo do frete por fita Cr$ 300,00. Estou enviando cheque nominal à Warner Home Video no valor de Cr$ _____ incluso(s) o(s) custo(s) do frete. Recorte e coloque dentro de um envelope e envie-o à CAIXA POSTAL 9820 CEP 01051. Prazo de entrega 15 dias. PROMOÇÃO VALIDA ATÉ 15/06/90.

OFERTA ESPECIAL!
Cr$ 2.350,00 cada.
Para maiores informações ligue para (011) 280-9522.

WARNER HOME VIDEO
Vídeo, seu melhor programa.

"Oscar" é marca registrada e marca de serviço da Academia de Ciências e Artes Cinematográficas de Hollywood
Warner Home Video Inc



RENATO RUSSO

Como foi tomada a decisão de voltar a excursionar?

Não foi por causa das medidas econômicas, não. Foi para testar o repertório novo.

Quando falamos pelo telefone para pegar seu depoimento sobre a votação dos *Melhores do Ano* (BIZZ 57), você disse que a Legião ia voltar a fazer shows.

Eu tinha de colocar minha cabeça no lugar. Eu estava bastante confuso. O disco foi difícil de fazer, teve a saída do Billy, a renegociação do contrato com a gravadora, formamos nossa própria editora. Estávamos preocupados: será que vão gostar do disco? Logo depois do lançamento, eu viajei. Um pouco depois do primeiro turno (*das eleições para presidente*). Fui para Nova York e pus minha cabeça no lugar. Havia uma série de coisas que eu queria fazer. Pensávamos: como voltar para a estrada? Sabíamos que teríamos de fazer isso, estávamos já há quase dois anos sem tocar. Não poderíamos ficar três anos sem aparecer. E se o público se esquecesse da gente? Eu também queria muito experimentar o repertório novo. Eu nunca gostei de show — agora estou gostando mais —, mas o pessoal todo gosta. O Dado e o Bonfá, principalmente... O Billy também gostava. A gravadora não faz tanta pressão, mas quer saber: E show? E show? Quando e que vai ter show? E faz parte, né? A gente não pode virar uma banda de estúdio — no Brasil não tem muito cabimento. Embora na maioria dos lugares onde *podemos* tocar a acústica seja ruim, a segurança seja ruim... A garotada quer *ver*. Aí eu disse: vou para Nova York e, quando voltar, arrumamos uma sala de ensaio e a gente vai testando um baixista. Foi aí que apareceu o Mingau (*conforme noticiado em* BIZZ 56). Ele estava tocando com o Dado. Mas quem tem a palavra final sobre a escolha do baixista é o baterista. Então, isso foi o combinado. Quando voltamos, passamos a fazer tudo a seu tempo, que é como gostamos. "Quando é que o disco vai ficar pronto?" Só quando ele estiver pronto. "Quando é que vocês vão fazer show?" Quando a gente estiver com a banda montada. Só que aí vieram as medidas econômicas e todo mundo ficou sem dinheiro. Isso acelerou um pouco. No nosso ritmo natural, acho que só começaríamos a tocar em maio. E ajudou. Pelo menos, com esses primeiros shows, já dá para segurar fraldas de bebê durante uns dois meses.

Você disse que tinha ido a Nova York para colocar a cabeça no lugar. Que reciclagem foi essa? Nova York não é bem um retiro espiritual...

Não, não foi um retiro espiritual. Eu tinha morado em Nova York há muito tempo, quando era pequeno.

E nunca tinha voltado?

Nunca. Nunca tinha saído do Brasil. Eu ficava meio temeroso de ir com pouco dinheiro. Eu não vou para Nova York viver *After Hours* (Depois de Horas, *filme de Martin Scorsese*)! Dessa vez recebemos um bom adiantamento da gravadora por esse disco e achei que era a hora certa. Principalmente porque não estava aguentando aqui no Brasil. Estava muito, muito, muito pesado para mim. Através da gravadora, consegui um visto que combinava "negócios" e "turismo"... se eu quisesse ficar até seis meses. Então eu fui para morar lá como eu moro aqui. Não fui para ver *Cats* na Broadway! Aluguei um apartamento pequeno, fui montando uma biblioteca, comprei um aparelho de som por trezentos dólares, comprei todos os meus discos favoritos e ficava lá assistindo à TV, saindo, indo ao cinema. Mas basicamente o que fui fazer lá — e em São Francisco — foi entrar em contato com Christopher Street e com o Castro (*uma rua e um clube, respectivamente em NY e SF, pontos de encontro gay*). Era uma coisa que eu estava precisando fazer há muito tempo. Eu estava precisando me assumir há muito tempo... mas fica aquela coisa, filho de católico, "você é doente" etc. etc. No meio do caminho, eu já estava pensando: pô, eu sou um cara tão legal, eu não posso ser doente. Eu não sou *muito* religioso, não, mas eu me ligo nessas coisas. Não só a doutrina de Buda, eu já li muito a *Bíblia* também. Mas Jesus nunca falou nada contra certo tipo de comportamento. Quem fala isso é a Igreja Católica. Bem, se eu sou assim e eu sei que sou assim desde que eu me lembro, desde os três, quatro anos de idade... Eu sempre gostei de meninos — eu gosto de meninas também —, mas eu gosto de *meninos*. Como é que não é natural? Se eu sou assim desde os quatro anos, então sou doente, pervertido... ah, não! Eu já sabia disso. Então, lá foi assim... é o que se chama *coming out*.

... *Out of the closet* ("Sair do armário", expressão que significa deixar de esconder sua homossexualidade).

Exatamente. Quer dizer, eu já estava *out of the closet* há muito tempo. Qualquer pessoa que ouvir "Soldados" e tiver um pouquinho de... sensibilidade...

Não é tão explícita assim.

Está bem, mas "Daniel" é... Mas o lance de você ter uma postura gay eu não gosto dessa palavra também... é mais uma questão política. Essa questão toda da Aids, o lance do Cazuza até hoje me deixa assim... Veja, nós temos praticamente a mesma idade — ele é só um ano mais velho do que eu —, a gente é da mesma cidade, do mesmo signo, faz a mesma coisa, tem o mesmo tipo de vida... Só que, como não tenho uma formação de Zona Sul, eu não era muito espalhafatoso... eu ia no *bas-fond* lá em Brasília. Ninguém sabia quem eu era. O Cazuza, não. O pai dele trabalhando em gravadora conhecia todo o meio artístico, era amigo de João Gilberto... Então isso mexia muito com a minha cabeça: poxa, se não é errado, então por que existe Aids? Até eu colocar na minha cabeça que Aids não tem *nada* a ver com Deus... Foi isso que fui buscar em Nova York. Aqui no Brasil eu já não estava conseguindo o que eu queria. Eu queria ir nas livrarias... Eu não sabia o que era Stonewall... Todo mundo falava: Stonewall, Stonewall, Stonewall..., "Não, porque o grande marco foi Stonewall." Por uma grande coincidência, uma semana antes de viajar eu fui na Leonardo da Vinci (*livraria carioca especializada em importados*) e perguntei: Vocês não têm livro gay aqui, não? E a mulher: "Deixa eu ver..." Um deles era justamente um que eu estava um tempão atrás, chama-se *The Gay Spirit*. É uma teoria assim... Isso não tem muito a ver com rock'n roll, é uma história complicada. Existem duas facções. Tem o pessoal que diz que a galera é totalmente diferente das outras pessoas, e tem os que dizem que somos todos iguais, e que é só uma questão de opção sexual. O que esse livro coloca é que existe uma sensibilidade diferente da sensibilidade heterossexual e que, ao contrário do que se pensa, na cama é igual. O cara transa com outro cara, a mulher transa com outra mulher. Fora isso, é igual. Agora, desde criança, como teu cérebro funciona, a questão intelectual é essencialmente diferente. O livro tem uma coisa legal, assim: Quem foram os primeiros gays? Pense na época do homem das cavernas, toda mulher tomava conta da casa e o homem saía para caçar, demarcava o território. O primeiro dia em que apareceu um cara que preferia ficar conversando com as árvores, olhando o sol, escrevendo poesia em vez de ficar demarcando o território e matar o outro cara, foi quando apareceu essa sensibilidade. Aí vem toda uma discussão sobre uma tal *gay sensibility*: existe uma sensibilidade gay, e que impacto ela tem na nossa cultura? A resposta: não existe nenhuma sensibilidade e ela tem um impacto enorme na nossa cultura.

Parece uma visão muito romântica. Será que não existe sensibilidade poética em heterossexuais?

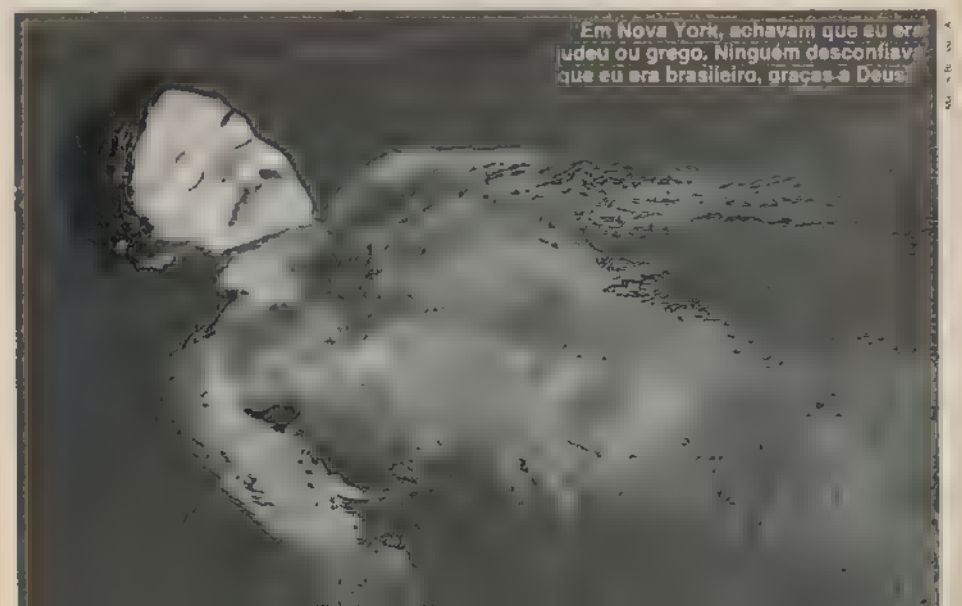
Pode, pode existir, mas é assim... É o que acontece aqui no Brasil, que eu descobri agora quando voltei, aqui todo mundo transa com todo mundo, mas ninguém se acha gay, nem se acha nada. Aqui não tem gueto, não tem nada disso, mas lá eles são muito medrosos. Existe muito antagonismo entre as pessoas. É uma coisa que em São Paulo tinha e agora eu acredito que não existe mais — mas era uma coisa de rock'n'roll e era uma coisa boa —, mas nos EUA é muito profundo. Aquela coisa. "O quêêê?! Você ouve New Kids On The Block?". Isso lá existe em nível comportamental e de ideias. Lá quem controla tudo é o Big Brother (*o Grande Irmão de 1984, livro de George Orwell*). Então negros e judeus e gays e mulheres e crianças e jovens e roqueiros e intelectuais e fascistas convivem mais ou menos harmoniosamente, mas eles se *detestam*. Sabe aquele negócio do *Do The Right Thing* (Faça A Coisa Certa, *filme de Spike Lee*)? É aquilo! Eu não chegava para certas pessoas para pedir a hora na rua. É muito esquisito. Eu estou com essa roupa aqui (*calça de couro, camisa florida*), assim, eu não vou chegar para um cara de terno e pedir informação. É tudo muito demarcado. Pelo jeito que a pessoa fala, pelos livros que ela lê... eles se prendem a isso. É um consumismo intelectual. Claro que existem pessoas fabulosas que não estão nessa, é o caso de um Arto Lindsay, mas esses caras são totalmente loucos, então nem contam. E dinheiro lá é Deus. E só você chegar com uma nota de cinquenta dólares que já começam a te tratar bem. Por exemplo, eles quase não andam de táxi — mas eu fui lá esbanjar mesmo, fazer minha própria Disneylândia —, então a primeira vez que eu

O trio incorporado à turnê atual: Bruno, baixista (ex Lobão), Fred, violão (ex-Rosa Púrpura) e Mu, teclados (ex-Cor do Som)

RENATO RUSSO

chamei um táxi, estava com conhecidos e... "Ah... você está comemorando?" Os jovens que se vestem assim (*apontando para si mesmo*)... são pobres mesmo, eu não era conhecido, eles não sabem que eu sou roqueiro nem nada. Tem gente da nossa idade que é rico, mas são aqueles caras de Wall Street, com apartamento em Park Avenue, é *Bonfire Of The Vanities* (Fogueira das Vaidades, *de Tom Wolfe*). Mas a garotada toda com quem eu andava — que gostava de rock e ia para o Village — não tem dinheiro. E eu chamando o táxi e eles: "Hoje é teu aniversário? É um dia especial?" Eu não ia andar no metrô, é horrível, um cheiro de mijo, dá um medo daquelas pessoas. Eu, com essa cara assim, eles achavam ou que eu era judeu ou grego. Judeu russo, ainda por cima. Como eu tenho um inglês legal, ninguém desconfiava que eu era brasileiro, *graaaças a Deus*... Porque lá tem muito preconceito. Então, o que eu queria era colocar todas essas questões na minha cabeça. Para mim nunca foi problema. Claro que hoje em dia tem a Aids, então você pode transar com quem quiser, *tomadas as devidas precauções*. Mas era tudo muito difícil, eu nunca me sentia feliz. Sabe aquela música, "It's A Sin" dos Pet Shop Boys? Aliás, é a banda mais gay que existe... É bem aquilo. Eu queria ter uma banda. Consegui ter uma banda. Eu queria ter dinheiro. Consegui ter dinheiro. Tenho meus amigos. Mas sempre tinha alguma coisa me espezinhando e eu sabia o que era. É muito difícil viver numa sociedade onde você é um pária. Só para colocar um paralelo, imagina que o mundo é homossexual e você é hetero. Então, ...*E O Vento Levou* vai ter o Clarke Gable com o Leslie Howard. Em todos os lugares que você for... e você não pode abrir a boca para falar "eu gosto de mulher". A sua família vai colocar a causa do enfarte do seu pai em cima de você. Você é doente. No colégio, quando começa a doutrinação — você tem de ser igual a todos —, você começa a ficar com medo. Não tem com quem se abrir, acha que é a única pessoa no mundo; então estou errado. E é uma questão de instinto. Eu tenho muito mais facilidade de ficar de pau duro se aparece um cara bonito na minha frente do que com uma menina. Se bem que, com menina, também... Mas eu me resolvi. Apesar de que eu ligo mais para a amizade, principalmente agora que eu tive o meu filho. Sexo por sexo, eu acho que nos anos 90 não pinta mais. Mas isso confundia a minha cabeça. Eu comprava uma série de revistas eróticas que eu gosto — *Mandate, Honcho, Torso, Meat, Uncut* —, e todo mundo falando de Stonewall...

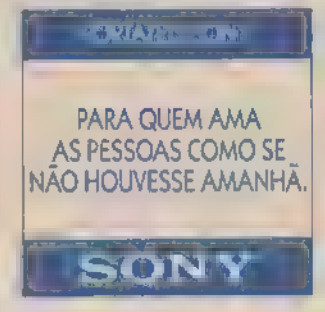
É o seguinte. Você sabe que a repressão lá é muito grande. Na Inglaterra tem a cláusula 28 (*legalizando a discriminação dos homossexuais*). A polícia é instruída sobre os homossexuais — eu detesto essa palavra também, o Edward Carpenter usou a palavra "intermediário", "pessoas intermediárias", eu não sei a palavra que eu vou usar —, são doentes, promíscuos, usam drogas etc. etc. Então tem no caderninho da polícia — isso eu sei, eu vi — várias instruções. Muita, muita repressão. Hoje em dia, nos EUA, sabe o que estão fazendo? Eles pegam os policiais mais bonitos, em alguns estados onde só flertar com pessoas do mesmo sexo já é crime. Se isso acontecesse no Brasil, não tinha mais Carnaval. É *1984*, Big Brother. Colocam os policiais mais bonitos nos banheiros das estações de ônibus para ficar flertando com os caras. Aí chega o coitado e... entendeu?... é preso. É uma sacanagem. É proibido fumar maconha, certo, aí o cara acende um baseado na tua frente... Em 1969, quando estava tendo toda aquela batalha pelos Direitos Civis — hoje em dia todo mundo se detesta, mas naquela época os negros estavam do lado dos hippies, que estavam do lado dos intelectuais etc. —, tinha esse barzinho que fica justamente na Christopher Street com Stonewall, ali no gueto, no Village, e aquilo desde os anos 20 era um antro, o bairro boêmio. E chegou a polícia. O mesmo que a polícia chegar na Galeria Alaska e prender todo mundo. Aqui no Brasil isso não acontece e tem uma delegacia ali na frente. Vocês lá, nos aqui, tudo bem. E os policiais chegaram para prender e para bater em todo mundo. De repente, alguém — não se sabe quem — falou: "Não vamos aceitar isso!" Naquela época tinha muito travesti, nos EUA



não tem mais. Aliás, a não ser que eu comece a fingir, você nunca vai saber de mim, nada. Essa coisa dos trejeitos... Tem alguns sociólogos ou antropólogos que dizem que certas pessoas são naturalmente efeminadas, mas gostar de transar com o próprio sexo não é necessariamente a mesma coisa. Aliás, nos EUA, há uma paródia de masculinidade: aqueles caras de couro preto etc. Mas este dia, em Stonewall, até os travestis começaram a pegar pedras, pedaços de pau. Durante cinco horas, na rua, eles lutaram com a polícia e, a partir daquele momento, nasceu a noção de *gay pride* (*orgulho gay*): "Ninguém vai pisar em cima de mim". A imagem que se tem dos EUA é falsa, há uma grande hipocrisia: mendigos pela cidade inteira, diferente do que a gente vê nos filmes da *Sessão da Tarde*. Aqui no Brasil, eu desconfio — não sei se estou certo —, para se fazer um especial de TV, um filme, para realmente ter interesse, é sobre algo fora da regra. Então, quando há um grande assassinato, escrevem um livro, fazem um filme. Sabe o que eu descobri? Que esses filmes que passam na *Sessão da Tarde* — o garotinho que morre de leucemia, o mando que bate na mulher... Essa é justamente a regra e é por isso que eles fazem esses filmes. O americano funciona assim. Não faz uma coisa "estranha", só quando o caso já for tão comum que pode ser assimilado, então está pronto para a TV. E a gente aqui assistindo a esses filmes em que o garotinho morre de leucemia, o pai estuprou a filha adolescente, a gente acha que é um caso em mil. E o contrário! A gente aqui tem problemas como o do menor abandonado. Os problemas que eles têm são quase todos de estrutura familiar. Quando eu estava lá, era toda semana, quatro, cinco processos por mês de criancinhas molestadas pelos professores. E a pornografia deles é esquisitíssima. É um tal de xixi, cocô, chicote. Uma coisa tão doente. É uma sociedade muito esquisita. E o que eles falam dos gays? Querem proibir os gays de dar aula. Vão perder os melhores professores. Não que todos sejam, mas... Não é só uma questão de ser gay, está ligado ao fascismo. Se você tem uma certa sensibilidade, já vão tachar você de comunista ou isso ou aquilo. Se você não é aquele careta que fala mal de todo mundo e abusa das mulheres etc: se você é uma pessoa legal, você tem algum problema. É claro que nos EUA tem essa vantagem: se você é uma pessoa legal, sensível e conseguir ganhar muito dinheiro, aí vira Michael Jackson, vira Madonna, Prince, tira o "x" do problema. Aquela resistência em Stonewall virou símbolo do movimento todo. Na Europa é bem diferente. Na Escandinávia pode até se casar. Os dois caras dos Sugarcubes se casaram agora. Não tem problema. Mas sociedades machistas e católicas têm esses problemas, mas não se comparam aos EUA. Aqui pelo menos a gente tem o Carnaval, o culto ao corpo, à beleza.

Vem o Erasure e se apresenta para ginásios lotados. O cara entra com um saiote de lantejoulas e o público vibra. O cara simula um strip-tease e o público delira.

Então, lá o Erasure toca em pequenos clubes do gueto. São questões culturais. Eu adoro falar sobre relacionamentos humanos, e é isso que eu vejo, a solidão, as pessoas que se es-



condem. Quantos casamentos eu conheço que não deram certo porque as pessoas não se entendem, não se conhecem. Então a primeira coisa que eu fui ver em Nova York foi Christopher Street. Só que está difícil. Os caras já não andam mais de mãos dadas na rua. Em São Francisco estavam mais soltos. Tinha um pessoal superanarquista, uns dez caras barbudos vestidos de freira e de patins que estavam sempre por ali. Mas continua sendo uma comunidade, um gueto. Ao passo que na Escandinávia isso não existe mais. Eu estou com ele, ela está com ela, ela está com ele e vai todo mundo junto. Somos amigos e não tem problema. Nos EUA tem os guetos, perigosíssimos, como os judeus na Polônia: "Estamos seguros, não é?" Não estão, não. Se você se lecha... E o problema do Harlem: branco não entra mesmo. Há clubes *gay* pesadíssimos, com aquele som

"No Asilo dos Artistas, com meu violãozinho, eu, Marcelo Nova e Paulo Ricardo. Ai, que horror!"

(*símula um tecnobate-estaca*), os caras de couro preto dos pés à cabeça, vestidos de nazistas. Eu, morrendo de medo, e um amigo meu, que estava comigo, dizendo: "Não se preocupe, são todos legais. Quanto mais cara de mau o sujeito tem, mais manteiga derretida ele é". E eu ia acreditar nisso? Ha, ha, ha... Aí, outro dia, não queria ir, mas esse amigo insistiu: "Hoje tem filme, não sei o quê". Aí chegamos — estava passando um filme com a Bette Davis, nunca vou me esquecer — e os caras chorando, com aquelas roupas e tudo (*faz uma cara de quem não consegue conter as lágrimas*). E é verdade, porque se você chega perto para ouvir a conversa deles, é tudo assim: "Ah, mas a Barbra Streisand é a melhor". Caro que não. É a Judy Garland coitadinha, não sei o quê. É uma carapuça que eles colocam, a hipermasculinidade. Que surpresa! Mesmo assim é perigoso, não por causa deles, mas pelos *faq-bashers* (*pessoas que atacam e espancam homossexuais nas ruas*). Para você entrar e sair desses lugares corre perigo de vida. Um amigo meu tinha um conhecido que vinha a caminho de um clube desses e foi assassinado com um taco de beisebol. Um dia eu estava com uma camiseta de San Francisco e não passou uma suburbana de Nova Jersey e gritou "Faggot!" (*Bicha!*) para mim? Dá uma raiva... E eles têm um preconceito com San Francisco. Com o Reagan, virou uma sociedade de delatores. Enfim, mas era esse meio que eu queria conhecer. E lá tem umas livrarias fantásticas. As melhores coisas que eu li ultimamente são todas de autores gays. O pessoal mais venenoso chama os *heteros* de *breeders* (*reprodutores*)... Não tem sensibilidade, são uns babacas e tal. Mas não é verdade. Há pessoas heterossexuais maravilhosas, assim como há gays fascistas, é o caso do próprio McCarthy

David Leavitt, nasceu em Nova York em 61 e estreou com o livro de contos *Family Dancing* (85). Seu primeiro romance, *The Lost Language Of Cranes* (86), foi lançado no Brasil com o título *A Linguagem Perdida*, pela Editora Globo

(*congressista americano que perseguiu comunistas e simpatizantes no meio artístico americano*). Mas há também a teoria de que se o cara é gay e fascista é porque é reprimido. Se o cara "sai do armário", não tem problema nenhum, é uma pessoa bacana e sensível, em público... Bem, esses livros que eu citei são diferentes. Porque Hollywood também criou uma imagem terrível do gay. Eu tenho um livro chamado *The Celluloid Closet*. O autor, Victor Rousseau, fez um levantamento de todos os personagens gay que já apareceram em filmes de Hollywood: 98% morrem, são sempre doentes, assassinos, psicóticos. Ou então é do tipo *Os Rapazes Da Banda*, cheios de problemas, depressivos, querendo se matar. A vida não é assim. Pela primeira vez, existe uma literatura própria. Saiu até na *Folha de S.Paulo* um artigo sobre o David Leavitt, que é considerado um dos grandes, grandes novos nomes da literatura americana. Mas tem um que eu acho melhor ainda. Ele escreveu um livro que, em português, seria *O Decênio Irreversível de Eddie Sockett* — um cara chamado John Weir. Nunca um livro me bateu tanto quanto este — só *A Montanha Mágica* (*Thomas Mann*). Veja, estamos numa sociedade que muda, nos sonetos de Miguelângelo, "ele" para "ela"; que quando fazem uma biografia do Cole Porter, arrumam logo uma namorada. É tudo uma grande mentira! Vamos respeitar a memória do Leonardo da Vinci! É um medo tão grande que reescrevem a história. E no rock'n'roll... desde o começo tinha o Little Richard. O Elvis mesmo, quando apareceu, aquela coisa supersexual. Até David Bowie, Iggy Pop... o próprio Jim Morrison, que ninguém sabe...

Há um caso notório de um show do Jimi Hendrix em que o Jim Morrison subiu no palco e ficou chupando o cara enquanto ele fazia seu solo de guitarra.

Eu sei. Me contaram que o Jim Morrison era tarado pelo Hendrix. "Jimi, Jimi, eu preciso de você!" Mas no rock'n'roll está tudo bem... Agora, e o cara que perde o emprego por causa de sua opção sexual? Em Nova York tem, além dos mendigos, aqueles caras sentados com um cartaz escrito "Eu tenho Aids, minha família não fala comigo, não tenho emprego". E as pessoas de repente dão um dólar para os mendigos, mas nem chegam perto do cortado! O cara já viveu a vida se escondendo. O lance do Morrissey... Eu desconfio — olha só, esta é uma das minhas teorias malucas — que os Beach Boys não lançaram o *Smile (LP que seria o sucessor de* Pet Sounds), porque o Brian Wilson e o Van Dyke Parks (*músico e arranjador*) estavam muito, muito próximos, e o Mike Love (*um dos Beach Boys*), que é um cara horroroso... Não tem explicação. Os melhores trabalhos dos Beach Boys para mim são as colaborações do Brian Wilson com o Van Dyke Parks, o *Pet Sounds* e, logo depois, aquele período do *Surf's Up*. E de repente o cara é jogado para escanteio e o Brian Wilson fica louco... Essas coisas todas. A gente está entrando nos anos 90 e eu não quero ser mártir da causa gay, nem nada. Eu tenho um filho. Mas vem esse fascismo, daí a controlar a vida das pessoas é um passo. Os jovens são controlados por causa da televisão. Se você não é bonito, não tem um rosto bem-feito, você não presta. Por que você acha que os Smiths ou a Legião ou bandas como Echo atingem tão a fundo? Porque falam disso que todo mundo sabe. Até o Jesus & Mary Chain. São meio loucos, mas dizem "somos assim mesmo, não estamos errados por causa disso". É claro que a sociedade já incorporou isso e, ao mesmo tempo que você tem Jesus & Mary Chain, você tem Guns N'Roses... e a garotada não sabe. Apesar de a música deles ser muito boa. Acho que a liberdade é uma das grandes questões dos anos 90. A única liberdade que sobrou é a emocional, psíquica. Não quero nunca que me controlem. O ser humano é mamífero, totalmente sexual. Se você reprime isso... Essa bobagem: se John Lennon era ou não era gay. E se fosse? Parece que o cara vira um assassino. Aliás, olha que coisa curiosa, se um ator faz o papel de assassino, ninguém vai achar que ele é um assassino. Agora, se um ator faz papel de gay, todo mundo vai achar que ele é. Tem alguma coisa errada. Isso me interessa profundamente. A humanidade é desumana, mas acho que ainda temos uma chance. O que me preocupa nessa situação dos EUA é que somos muito influenciados por eles. Lá está havendo uma fechadura geral e... Não é por nada não, mas se Madonna e Prince estão começando a falar em Deus é porque tem alguma coisa errada. Eles que são os *entertainers!* Você já viu o vídeo de "Oh Father?" Aqui no Brasil, com esse presidente... Eu não confio nessa coisa da maioria. Sabe, vai ser bom para todo mundo, então vou cortar seu braço. Tem um cineasta novo excelente, chama-se Gus Van Zandt, o primeiro filme dele chamava-se *Malas Noches*, uma historinha de um cubano que se apaixona por um bancário, superlegal, custou meio milhão de dólares. Ai naturalmente ganhou todos os prêmios. Aí o segundo filme é o *Drugstore Cowboy*, fabuloso, muito legal, o Matt Dilon está ótimo. O filme é de um humor impecável.

O que eu não gosto lá é que você tem tanta informação. Fiquei pensando assim: se eu assistir a esses filmes todos, quando chegar no Brasil vou ficar um ano e meio sem ir ao cinema sem fazer porra nenhuma. Então me concentrava em programas *sobre* os filmes. Tem entrevista com o diretor com o roteirista, mostra o set de filmagem... Você não precisa realmente ver o filme, assiste ao *making of*. Assisti aqui no *Cinemania (programa da TV Manchete)* sobre o *Tempo De Glória*, porque o Matthew Broderick é um dos meus atores favoritos atualmente. Não gosto muito de filmes de guerra ou que tocam na questão racial, acho muito chato. Eles não se resolveram ainda nessas questões. Todo mundo lá usa agora esse cabelinho Spike Lee. *Attitude* é a palavra-chave em Nova York. O jeito como as pessoas andam na rua! E não tem muito louco não — roqueiro, essas coisas, isso está acabando. Eu achava que ia chegar lá e bum! Só roqueiros, rock'n roll... Você tem de ir até o Village para ver essas coisas. A garotada toda está com uma pinta de estudante austríaco que leu *(Allen)* Ginsberg pela primeira vez há três meses... Se bem que eu não fui a Los Angeles... Também não fui a nenhum show de rock.

Não?

Estava com medo de ou me influenciar ou achar tão bom que ia desistir: "Nós somos horrorosos". Não dá para comparar, né? Aqui, pelo menos, eu penso assim, para fazer qualquer coisa você tem de pensar no Brasil como o Brasil. Não pode comparar. Teve uma coisa engraçada: a estréia da lambada. Foi triste... triste! Eu não queria ir não, mas sou amigo desse cara, o Julian, que escreve para o *Village Voice*, escreve para a *Spin*, foi quem fez o texto sobre o Caetano Veloso para a *Spin*, e ele tinha os convites. Posso falar sobre os shows que eu perdi. Lou Reed e John Cale. Marianne Faithfull, B-52's e Jesus & Mary Chain. Este eu perdi de propósito. Voltei duas semanas antes, meus amigos já tinham voltado. A coisa mais chata é você ver uma coisa superespetacular e não ter com quem conversar. Eu sou muito expansivo e isso assusta as pessoas lá. Não é como aqui, você pode começar: "Pô, que legal etc". Lá ficam achando que você é um maníaco assassino. Ah! Mas eu estava falando da lambada no Palladium. Eu não queria ir de jeito nenhum. Americano acha que você vai aos EUA para ir num restaurante brasileiro, dançar música brasileira... Uma vez marquei um encontro com outro amigo na Tower Records (*loja de discos*) e eu perguntei em que seção. Ele: "Vamos marcar na de música brasileira". E eu: "Por favor!" Você não acredita. O que tem é Djavan, Gal, Simone, Beth Carvalho. Eu queria conhecer o Palladium, dos anos 60 muita gente tinha tocado lá. Cara, que pena dá do Brasil! O lugar já velho, mas um som perfeito, um ambiente perfeito. Dois teleões passando o desfile da Mangueira e tocando Olodum e aquele bando de americanos deslumbrados. "Look! Real brazilians!" "Oh! They're doing the lambada!" É claro que todos os brasileiros estavam lá. Ainda bem que ninguém me conhecia. Porque brasileiro é tão mal-educado. Não tão mal-educado, mas em comparação com eles... Também tem outra: a tendência é encontrar brasileiros que não são do mesmo nível... aquelas pessoas que você não vai chamar para tomar um cafezinho na tua casa, digamos. Eu detesto dizer isso, mas... Aí começa o show da lambada. Nunca vi uma coisa tão brega. Um rufar de tambores e... Eu não sabia quem era Kaoma, nunca tinha ouvido, só que era uma armação de um empresário francês com músicos afro-franceses. Aquela fumaceira, parecia os números musicais do *Fantástico* bem brega de antigamente, o fumacê azul e todo mundo com a respiração presa, esperando a lambada. Até aí estava interessante o vídeo da Mangueira, aquele ambiente rococó vitoriano, uma coisa louca. E o Olodum... Mas quando começou a lambada! Tinha... parecia aquelas dançarinas do Gugu Liberato, e um dançarino com cara de chicano, com uma calça superapertada e essa chacrete com uma sainha, os dois para-

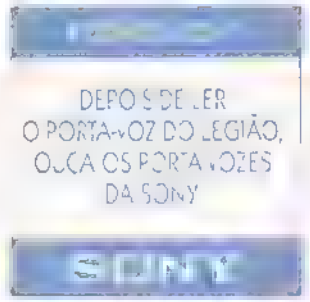
dos. Aí: *Laambaadaa!* Parecia show da Broadway brega, uns seis casais dançando, dava para ver que era tudo de Porto Rico ou... do Brasil e que não era. No disco, *até* parece *um pouco* música brasileira, mas lá estava mais para salsa (*simula os ritmos com a voz*). E a banda... Tinha um da banda do Hugh Masekela, o percussionista, com trancinhas do Senegal. Três meninas cantando, só uma brasileira. Uma negona — a melhor parte do show — não tinha nada a ver com lambada, era Funkadelic. De *hot pants*, sapato de salto dessa altura e uma peruca loira de plástico, cara! Tocam reggae, até uns rockinhos. Baterista de estúdio, tipo Chicago. E os caras: "Do you want to dance lambada?" E a platéia: '*êeê*" (*num tom de entusiasmo não muito autêntico*). E parece que todo mundo adorou! Depois da terceira música eu fui embora. Eu juro que tentei... mas não deu. Aí saí e ainda tinha gente querendo entrar. Me deu uma raiva. Tinha essas meninas na porta: "Já começou o show? Já começou o show? Por que está todo mundo indo embora?" E outras garotas que estavam saindo também: "É que tem um conjunto de música brasileira". Me deu vontade de falar: "*Não é* música brasileira'. Mas Deus me livre! Prefiro que achem que eu sou judeu grego... Depois eu estava ouvindo a tal musiquinha "da lambada" e tem uma nova, a tal da "Melodie d'Amour". Sabe que é bacana? Obviamente, tem de ficar claro que é uma armação, *mas é bacana*. E o vídeo — eu vi no *TJ* acho, o telejornal do Silvio Santos — é supersensual, livre e aberto. Toda aquela garotada numa praia linda, aparece a menina do Kaoma vestida de empregada, depois com uma roupa superlegal, tem o loirão dançando com a mulata, um jamaicano dançando com uma loirinha. Superinteressante. Aquilo no Palladium era só a estréia, mas ia ter aulas de lambada toda sexta-feira. Eu só gostaria que não dissessem que é música brasileira. Eu considero moda de viola mais brasileiro. Mas até o Magal voltou. E a tadinha da Fafá que lançou a lambada séculos atrás tem de aparecer no Faustão para falar: "Geeentee!..." E o Faustão (*engrossa a voz*): "Pois é, a Fafá que lançou, não foi Fafá?" É um híbrido total. A melodia, pelo menos da primeira música, ("*Lambada*", *com Kaoma*) é muito bonitinha. E aquele acordeãozinho, bonitinho. Mas de que adianta? Não sei até que ponto a situação vai estar ou não resolvida quando for publicada esta entrevista, mas veja: vão todas as donas de casa lá falar com o Collor, mostrar o abaixo-assinado, apoiando o plano etc. A Zélia mal chegou de viagem e tem de aturar aquilo. O Collor as recebe pessoalmente, dois minutos na Rede Globo. Agora quando vão os músicos — a única coisa que a gente ainda tem na cultura brasileira e a música — pedir pelo amor de Deus

RENATO RUSSO

"Se Madonna e Prince estão começando a falar em Deus, é porque tem alguma coisa errada"

RENATO RUSSO

para liberar o dinheiro do ECAD (*Orgao recolhedor de direitos autorais*). O Braguinha! A gente é jovem, eu sou roqueiro, estou na crista da onda, se for o caso, para mim nao e problema. Mas e o musico brasileiro de verdade? Esta ai sofrendo. Eu sei quanto eu ganho de direitos autorais. Toca a música na Rede Globo e sao 151 cruzeiros e 22 centavos. E as pessoas que vivem disso? Não deu na Rede Globo, so uma pequenissima nota e o Collor não vai falar com eles, manda um secretário. Eu acho muito triste. A Legião é *mass media* mas e a cultura brasileira realmente? Precisa vir um empresário francês pegar uma coisa supostamente nossa depois vem o Golan e Globus (*produtores de cinema, ex socios na Cannon*) fazer filme de lambada. Em termos de divisas, acho que são as coisas mais importantes, o carnaval, o samba a bossa nova e agora a lambada. Que mais a gente tem para dar ao mundo? Café? Ninguém mais sabe que o Brasil faz café, la fora só querem saber do café colombiano. Mas sempre foi assim. E a gente, que não tem nada a ver com isso, acaba pagando o pato. Como esse pessoal (*da MPB*) deve ficar ressentido com a gente... Com razao. Eles, que sao muito mais autenticos do que essa bobagem do rock'n'roll só levam na cabeça. A Dircinha Batista morrendo totalmente esquecida no Asilo dos Artistas... Foi uma grande comitiva, todos de terno — Erasmo Carlos, Guilherme Arantes, Sergio Reis, todo o pessoal da musica sertaneja. Eu acho uma grande sacanagem. E a diferença entre Dominó e Fellini. O Fellini é que sempre paga o pato. E de repente nao sei se um é mais importante que outro, mas pelo menos tentam fazer alguma coisa. Tudo isso é muito complexo. Eu ja coloquei na minha cabeça que eu quero ganhar dinheiro. A gente tem muita sorte! Por um milagre caimos no gosto popular. Esse e um disco dificil, todos os nossos discos foram. Aquela musica, "Há Tempos", "Parece Cocaina..." ...E toca! Morro de medo de a musa me abandonar, de virar um *has been* (*artista famoso que cai no ostracismo*), de aparecer daqui a uns oito anos num programa assim. "Voces se lembram? No começo dos anos 80 eles foram muito famosos. Onde estarao eles?" (*risos*) No Asilo dos Artistas, com meu violaozinho eu, Marcelo Nova e Paulo Ricardo. Ai, que horror! Quando falamos pelo telefone e eu perguntei como estavam as coisas aqui no Brasil e voce disse "dificeis", eu já sabia. Eu sou melancolico, então as vezes fico ate secretamente satisfeito quando as coisas nao estao indo bem. O jovem Werther. Mas não imaginei o que vinha pela frente. O Collor nao dizia que era o Lula que ia [illegible] na poupança do povo? Eu, que tenho tudo, fiquei puto, imagine quem passou a vida economizando. Essa coisa dos privilegiados e dos miseráveis. Se sao miseraveis não e por minha causa não. Eu ja fui professor, sempre me esforcei, a gente sempre tentou dar uma luz para as pessoas — eu verifico erro de concordância no meu disco! Outro dia, eu estava ouvindo a radio 98 e tocou "Monte Castelo". Ai vem o cara: "Mas esse Renato Russo é um genio! Que letra. De onde sera que ele tira essas ideias?" (*risos*) Pode? Está escrito no disco, ele poderia ter aproveitado para falar. Pois é, minha gente! O Renato Russo extraiu de Luis de Camões, um grande poeta portugues, voce sabia



que em Portugal eles falam portugues? Mas tudo bem, vamos segurar essa. Eu tenho esse lado melancolico — existe até um termo clinico para isso. Eu nao tenho motivos para ficar angustiado, preocupado, deprimido. O meu filho e supergoia. A minha familia e superlegal. A banda está superlega, a gente se entende superbem. Zilhoes de pessoas gostam da gente. Fiquei tres meses em Nova York, trouxe zilhoes de livros, zilhoes de discos, tudo que eu queria

Você não tem a impressão de que, quando está melancolico assim, escreve melhor?

Claro

Entao voce precisa disso...

Ai é que está. Não que eu escreva melhor, mas eu encontro sobre *o que* escrever. Mesmo que seja uma musica positiva, como "Quase Sem Querer" — que eu acho super "pra cima" —, sempre vem da necessidade de resolver alguma coisa que não está resolvida. A vida é dificil. O homem ocidental principalmente no seculo vinte, nao tem contato com a morte. A morte virou antisseptica. Não ha contato com o ciclo natural de nascimento vida e morte. Basta ver o que estamos fazendo com a natureza. Depois de Sartre e Kierkegaard, já estava na hora... Todo mundo nasce, todo mundo morre. Eu tenho pavor de morrer!

Que sacanagem fizeram com Angra dos Reis, um dos lugares mais lindos do mundo! Mas a gente precisa desses produtos, eu morro se não tiver meu videocassete, meu CD. Mas deve haver algum jeito.

A eletrônica caminha para a miniaturizaçao, que é ecologica.

Sabe o que eu acho que, se a gente tiver sorte, vai acontecer no futuro? Vamos realmente ter uma aldeia global como McLuhan falou e vamos ser índios. Você vai ter a sua casa com energia solar, o seu terminal ligado à Biblioteca do Congresso ou o que quer seja, e vai ter uma vida natural, uma alimentação natural. Quem dera!

Vamos ter de esperar acabar a última gota de petroleo para poder ter o carro eletrico, cuja patente ja esta pronta ha vinte anos e a pressão das multinacionais petroliferas nao deixa fabricar...

Vai acontecer enquanto estivermos vivos. As previsoes mais otimistas dizem que sao só 25 anos

O que você diria a uma pessoa que acha o verso "Disciplina é liberdade" fascista?

Claro que não é! Ali eu estou falando de *auto*disciplina. Se você pensar numa relação sujeito-objeto é fascista, mas numa relação sujeito-sujeito, não é. Não é: "Eu vou disciplinar voce". A natureza é disciplinada. Eu preciso de muita disciplina. Fica tão bonito escrito "Disciplina é liberdade". E é uma inversão do *double think* do *1984*. "Liberdade é escravidao", "Ignorancia é força". Se voce tiver um conceito legal de liberdade, imediatamente surge uma ideia positiva. Mas eu acho bacana que as pessoas se preocupem. Deve ser uma questão importante para essa pessoa, para o verso chamar a atenção. O que [illegible] me chama a atenção nessa musica é: "Lá em casa tem um poço mas a água é muito limpa".

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

'Como esse pessoal da [illegible] ficar [illegible]. Sao muito mais autenticos do que essa bobagem do rock n'roll é só levam na cabeça'

TRANSAMÉRICA

FM 101,3

Nome: _____

Endereço: _____

Qual é o nome da nova música do Depeche Mode?

Quer um [gift] ?

Então p'ra você não ficar com cara de (_ _) a [radio] Transamérica preparou uma [guitar] p'ra você!

Cola o [disk] do tetra no seu [car] + preencha o coupon abaixo e envie sua [letter] para a [pen] P i o XI, 1587, cep: 05060 - SP por fora do [envelope] escreva:

"LIBERA O MEU DEPECHE"

De 05 à 30 de junho fique [phone] nos sem,1 da melhor do [brazil] e concorra a [typewriter] diários.

O duo Andy Bell e Vince Clarke — o ERASURE — estoura com sua "união de cabaré com Holiday On Ice"

DUPLA DINÂMICA

"Eu estava com muito medo de vir para a América do Sul, por causa do preconceito"
Andy Bell

"Prazer estar com voces esta noite!" O publico delira, enquanto acompanha incrédulo os movimentos da estranha figura de collant verde cravejado de lantejoulas que acaba de surgir no palco. Suas maos deslizam pelo proprio corpo, que se contrai preparando um salto e rodopio dignos de uma bailarina. Saltitando nas pontas dos pes ele chega mais perto da platéia e faz uma reverencia, entre gritinhos agudos de "Obrigado!". O primeiro susto ja passou. Dai para a frente a platéia não se surpreenderá mais com as extravagancias de Andy Bell. E o Ginasio do Ibirapuera (SP) se transformara numa enorme pista de dança.

Eu estava com muito medo de vir para a America do Sul. Você sabe, o preconceito..." Enquanto conversamos no saguão do Hilton Hotel, em São Paulo, tento me acostumar com essa nova visão do vocalista do Erasure. De jeans e camiseta, sério e atencioso, ele parece querer apagar a imagem de showman debochado da noite anterior. Seu medo, conta, acabou sendo justificado pelo comportamento do publico em alguns shows. "Quando tocamos em Montevideu, percebi que havia alguma coisa errada com o show. Mais tarde, numa casa noturna, um cara me contou que tinha um grupo gritando o tempo todo: 'Puto', 'Bicha'.

Nao foram poucos os brasileiros que seguiram o exemplo de seus colegas uruguaios, respondendo com palavrões à sensualidade provocante de Andy. Isso, e claro, sem contar os que deixaram o espetaculo pela metade, indignados com aquele "musical gay".

"Eu sei que existem pessoas que deixam de ir ao show porque eu sou gay. Eu acho isso ridículo, absolutamente nd culo! Se elas soubessem por que é tao importante para mim estar no palco... Se essas pessoas soubessem quantos gays, ou homossexuais, ou seja lá o que for, existem por ai, trabalhando, nas lojas, nas ruas elas morreriam! Elas realmente morreriam.

"Musical gay" nao seria a melhor maneira de definir o espetáculo, na opiniao de Andy. "É uma mistura de cabaré com Holiday On Ice", explica ele, assumindo a breguice explicita do show. "A nossa intenção é mostrar que o pop não é sério. Nós estamos rindo de nos mesmos. Voce ve musicos e jornalistas querendo tratar o pop de uma forma profunda, como se fosse muito importante. A música pop é apenas uma redução da cultura jovem. A cultura já esta lá: o que nos fazemos é nos divertir: só isso!"

Passados quinze minutos de entrevista, Vince Clarke ainda não proferiu uma só palavra. Acomodado no canto do sofá, o mago da musica eletronica — compositor de hits para o Depeche Mode, Yazoo e, mais recentemente Erasure — prefere deixar que o vocalista seja o centro das atenções. "Andy é o show", diz ele, justificando sua apatia no palco, em flagrante contraste com a exuberancia do companheiro.

Em sua frase, esta implicita a divisão de funções na dupla britânica: Andy é o pop star, Vince o cérebro. "Eu me vejo mais como tecnico do que como musico. Nao tenho muita habilidade para teclados. Tenho que apertar uma tecla de cada vez."

Apertando as teclas certas, Vince construiu uma das carreiras mais curiosamente bem-sucedidas da última década. Depois de cantar num duo gospel — do qual ele se recusa a contar o nome ("nem para o Andy eu conto!") — e tocar guitarra ("muito mal") na banda No Romance In China, uma pálida imitação do Cure, ele acabou aceitando o convite de Martin Gore para integrar o Depeche Mode. Como não havia um baterista disponivel, a banda optou por uma bateria eletronica.

"Foi a primeira vez que me interessei por musica eletrônica. Quando assinamos com a gravadora Mute, descobrimos que ela estava interessada em musica com sintetizadores. Foi ai que comecei a lidar com eles."

Andy Bell posa de deus grego

Vince no show, tocando violão

Tres hits e um LP (*Speak And Spell*) depois, Vince deixava o grupo. "Nós não gostávamos uns dos outros. Brigávamos demais.

Ao ler num jornal um anúncio requisitando uma banda de rhythm & blues, o tecladista não teve dúvidas: apresentou-se com suas maquininhas para acompanhar a interessada, Alison Moyet. Como Yazoo, eles chegaram ao segundo lugar da parada britânica, com a balada "Only You". Ao final de dois LPs, a dupla se separava. "Ela não gostava do que estávamos fazendo, o que acabou com o nosso relacionamento."

Ao lado de E.C. Radcliffe, Vince fez mais uma tentativa: o Assembly, que não passou do primeiro compacto. "O que eu estava procurando mesmo era o vocalista certo", explica ele. "Eu!!!", interrompe Andy, visivelmente satisfeito. Não é todo dia que se encontra um hitmaker...

Muitos sentem saudade dos tempos que o tecladista flertava com o experimentalismo. Para estes, o Yazoo com sua justaposição de tecnopop e soul, foi o ponto alto na carreira de Vince. "As vezes eu fico meio nostálgico quando ouço os trabalhos antigos... Mas eu tenho um relacionamento muito melhor com o Andy, que é o mais importante."

O último LP do Depeche, *Violator*, tem arrancado elogios rasgados da imprensa inglesa. "Na verdade, eu não tenho acompanhado o trabalho deles. Acho que eles tendem a andar em círculos. Disco após disco, não muda nada." Andy se mostra ainda mais surpreso com o prestígio atual da banda. "Acho que esse é o pior disco deles. Gostei do *Black Celebration* e *Music For The Masses*. Mas esse LP é vazio.

Uma pergunta sobre a influência do tecladista no pop dos anos 80 faz com que Vince volte a se encolher no sofá. "Não acho que eu tenha influenciado ninguém. O Depeche Mode sim, influenciou muita gente. As pessoas vivem enviando fitas demo para mim, e todas elas se parecem com o Depeche.

"Eu acredito em destino!", proclama Andy. "Quando encontrei Vince, foi como se tivesse encontrado o paraíso." O passaporte de entrada para o "paraíso" foi um anúncio na *Melody Maker*. No teste preparado por Vince Clarke, o vocalista cantou em falsete pela primeira vez — a música era "Who Needs Love Like That" (mais tarde incluída no primeiro LP). "A minha única experiência era com uma banda chamada The Void. Só fizemos demo tapes, não chegamos a tocar ao vivo."

Wonderland, o LP de estréia pelo selo independente Mute (o mesmo do Depeche Mode), foi um fracasso comercial — segundo Andy, ele só era tocado em casas noturnas gay. "Como não tínhamos *hit singles*, éramos obrigados a fazer shows em universidades. O público era muito hostil, jogava coisas no palco e vaiava."

A maré baixa acabou com o lançamento de *Circus*, que liderou durante várias semanas a parada independente. *The Innocents*, o LP seguinte, alcançou o primeiro lugar na parada oficial britânica, amparado nos hits "Ship Of Fools" e "A Little Respect" — por sinal, o sucesso que consagrou o grupo no Brasil, onde *The Innocents* só foi lançado em 89 (*Circus* e *Wonderland* foram editados posteriormente).

Em 89, o Erasure chegou às paradas americanas com o LP *Crackers International* — também o seu disco mais vendido por aqui (noventa mil, de acordo com a WEA). Seria uma grande conquista, não fosse por um pequeno detalhe: *Crackers...* era, na verdade, apenas um single.

"Na época, os Pet Shop Boys tinham lançado *Introspective*, uma coleção de remixes. Então, nossos representantes americanos, da Sire, acharam que poderiam fazer a mesma coisa com o Erasure", explica Andy. Assim, o que era um compacto duplo (quatro faixas) ganhou dois remixes e se transformou num LP. "Nos dissemos a eles: 'Prometam que não vão lançar isso...'"

Durante muito tempo, o Erasure foi apresentado como "a banda nova de Vince Clarke". Agora, com cinco anos de estrada e o quarto LP recém-lançado (*Wild*, também editado no Brasil), eles esperam ser vistos como uma banda com identidade própria. "Levou algum tempo para as pessoas se acostumarem comigo", diz Andy, habituado à desconfiança dos fãs, da imprensa e da gravadora. "Hoje, já nos veem apenas como Erasure."

Apenas mais uma dupla tecnopop? "Não somos tecnopop", enfatiza Vince. "O que fazemos é apenas pop. Por acaso, usamos sons eletrônicos." Além de desprezar o rótulo, eles odeiam ser mencionados ao lado de alguns colegas britânicos — como Pet Shop Boys, por exemplo.

"Não temos nada a ver com eles", diz Andy. "Na verdade, somos uma dupla de versões jovens do Phil Collins" (*risos*). "Não, o que fazemos tem muito mais a ver com a Madonna. Ela faz pop, e é isso que fazemos também."

Deve haver mais algum motivo para essa identificação... "Ela escreve boas canções, e sempre se apresenta muito bem visualmente. Outra coisa que eu admiro é que ela já tinha 27 anos quando começou. Todos juravam que ela tinha dezessete..."

No conceito de pop pregado pela dupla, não existe espaço para "mensagens" ou "canções de protesto". "A música não muda nada, nunca", afirma Andy. "Se você é fã do U2, e eles fazem uma música sobre budismo, você pensa: 'Legal, vou ser budista!' E aí vira budista por uma semana. Porque, logo em seguida, você vai mudar de idéia, querer algo diferente.

Um nome que chama a atenção entre os créditos do encarte de *The Innocents* é o de Caron Wheeler, a voz que cantava "Keep On Movin'" do primeiro LP do Soul II Soul, sensação da dance music no ano passado. "Você sabia disso?", pergunta Andy para Vince, que parece estar surpreso. Não, ele não sabia. "É que, na época, ela não era do grupo ainda", desculpa-se Vince. "Eu gosto deles. Eles são o Chic dos anos 90", emenda Andy Bell.

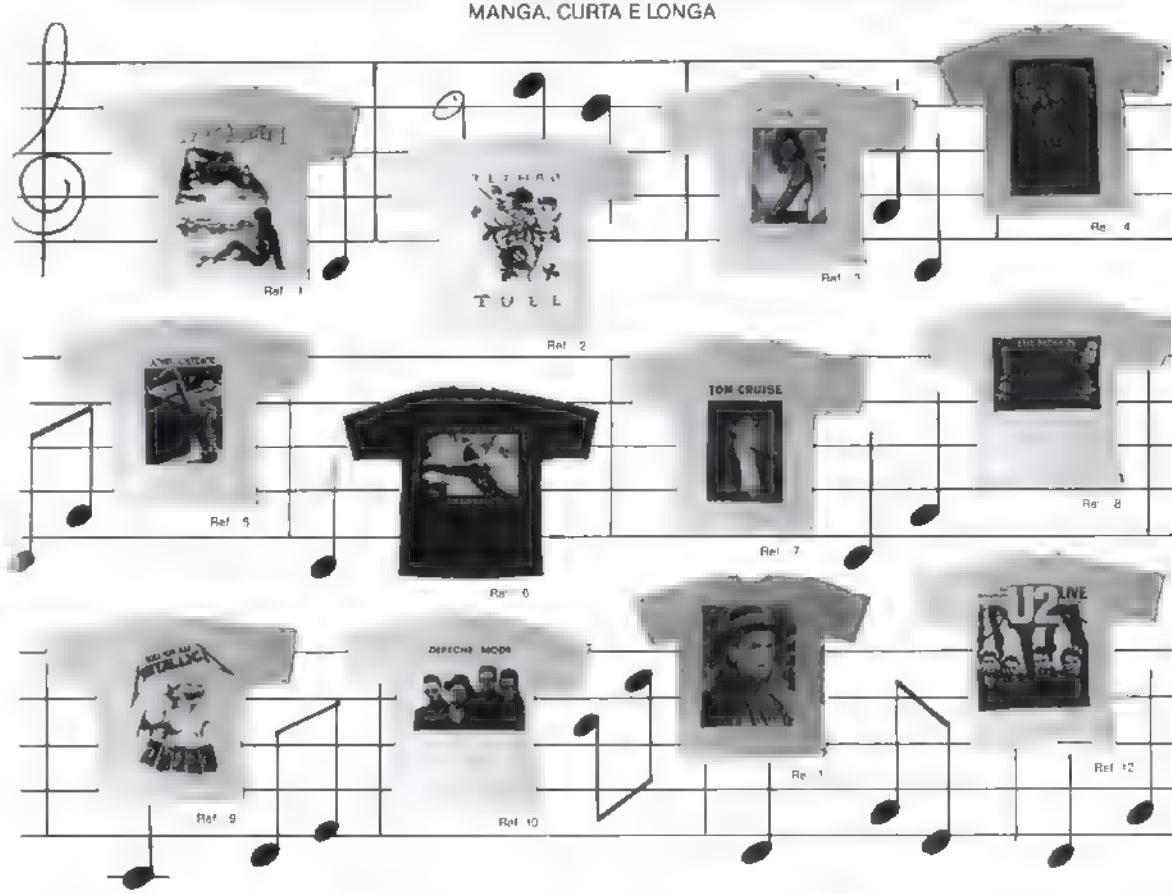
Nenhum dos dois, porém, dá muita importância à explosão dançável no final da década passada. "Sempre houve dance music. Essa onda de acid house etc. não nos afetou", afirma Vince. "Nossas influências são mais antigas: Kraftwerk, Human League, Orchestral Manoeuvres In The Dark..."

Fora da música eletrônica, o preferido do tecladista é Paul Simon. "Você viu *A Primeira Noite De Um Homem*? A trilha era dele. Esse filme me marcou muito..." Já Andy prefere citar Motown, Eurythmics e Debbie Harry — com quem ele teve a oportunidade de se encontrar pessoalmente alguns anos atrás.

A MODA QUER RITMO

AUTOR: SEESAW

CAMISETAS EM 100% ALGODÃO – CORES: PRETA, BRANCA E CINZA – TAMANHOS: P, M e G
MANGA, CURTA E LONGA



ESCOLHA AQUI A SUA CAMISETA

Ref. 13 BAUHAUS	Ref. 26 FELLINI	Ref. 38 DINGO BOINGO
Ref. 14 - JOY DIVISION	Ref. 27 - CLASH	Ref. 39 WHITESNAKE
Ref. 15 THE SMITHS	Ref. 28 - THE POLICE	Ref. 40 THE DOORS
Ref. 16 U2	Ref. 29 DURAN DURAN	Ref. 41 THE ROLLING STONES
Ref. 17 R.E.M.	Ref. 30 X-MAL DEUTSCHLAND	Ref. 42 THE WHO
Ref. 18 ALIEN	Ref. 31 LED ZEPPELIN	Ref. 43 TERENCE TRENT D'ARBY
Ref. 19 THE CURE	Ref. 32 RUSH	Ref. 44 SISTERS OF MERCY
Ref. 20 JOHN LENNON	Ref. 33 BON JOVI	Ref. 45 SID VICIOUS
Ref. 21 JESUS AND MARY CHAIN	Ref. 34 STING	Ref. 46 GUN'S AND ROSES
Ref. 22 CRAMPS	Ref. 35 SEX PISTOLS	Ref. 47 PETER GABRIEL
Ref. 23 COCTEAU TWINS	Ref. 36 PINK FLOYD	Ref. 48 TEARS FOR FEARS
Ref. 24 TONES ON TAIL	Ref. 37 SONIC YOUTH	Ref. 49 JIM MORRISSON
Ref. 25 BEATLES		

PREÇOS Cr$ 800,00 MANGA CURTA
Cr$ 1.000,00 MANGA COMPRIDA
DESPESAS POSTAIS INCLUÍDAS
CHEQUES NOMINAIS A SEESAW BOUTIQUE LTDA

NÃO TRABALHAMOS COM CATÁLOGO

SEESAW BOUTIQUE LTDA.
AV. N. S. COPACABANA, 978/LOJA 102
TEL.: (021) 521-8217

PREÇO ESPECIAL PARA ATACADO

Seesaw Boutique Ltda.
Av. N. S. Copacabana, 978/Loja 102 Tel. (021) 521-8217

DESS 59

Desejo receber a seguinte encomenda no valor de Cr$

REF.	COR	TAM.	MANGA	REF.	COR	TAM.	MANGA

Nome
Endereço
CEP Tel.
Cidade Est.

Envie este cupom ou cópias para:

"Nosso objetivo é mostrar que a música pop não é séria"

A desvantagem de voce estar na industria da musica é que você acaba encontrando pessoas que foram importantes na sua vida. Debbie Harry era uma deusa para mim. Quando a encontrei... não que ela tenha deixado de ser uma deusa. Mas o material do Blondie era brilhante, e se voce ouve o que ela faz agora

Talvez essa queda de produção seja inevitável depois de um certo tempo... "Nao sei", responde Andy, "ha pessoas que continuam escrevendo bem, mas elas não são famosas..." Quem completa e Vince: "Quando voce e famoso, existe uma pressão para que escreva musica mais comercial. Foi o que aconteceu com o David Bowie quando ele foi para os Estados Unidos

Outro exemplo de decadencia, segundo a dupla, é o Duran Duran. Quando abrimos a turnê deles, em 87, já era o começo do declinio", diz Andy. "Nenhum grupo sobrevive muito tempo a base de videoclips", opina Vince. Para ele essa é a pior parte do trabalho de um pop star. "Odeio clips, sou contra eles. Odeio faze-los, odeio assisti-los." Andy é taxativo: "Os videoclips estao arruinando a pop music

O Erasure lembrará da sua turnê sul-americana como uma "viagem ao passado". Havia muito tempo que a dupla nao se apresentava sem o apoio de uma superprodução. "Para nós, foi como voltar ao começo da carreira", explica o vocalista. Na turne europeia de 89, a estrutura montada para os shows incluía cenários gigantescos — naves espaciais, montanhas, astros flutuantes — e telas que provocavam efeitos tridimensionais. Transportar tudo isso para cá sairia muito caro, na opinião dos organizadores da turnê. "Foi melhor assim", diz Andy. "Do contrario, pensariam que o grupo era uma armação, como o New Kids On The Block, por exemplo. Na turnê americana deles, o publico não conseguia acha-los no palco... Alem disso, e muito perigoso quando você começa a depender de cenarios

O vocalista esta euforico com a possibilidade de o grupo voltar ao Brasil ainda este ano — desta vez, com a produção completa. "Queremos tocar no Rio, logo depois da excursao americana, que termina em julho." (Na turnê de abril a cidade ficou de fora por falta de espaços disponiveis.) "La na Inglaterra, está na moda vir ao Brasil. Todos querem vir para ca, nem que seja só para ver como e que e

MARISA ADAN GIL

DISCOGRAFIA DE VINCE CLARKE

Com o Depeche Mode: *Speak & Spell* (81)
Com o Yazoo: *Upstairs At Eric's* (82)
You And Me Both (83)
Com o Erasure: *Wonderland* (86)
The Circus (87)
The Two Ring Circus (87)
The Innocents (88)
Crackers International (88)
Wild (89)

Capa do primeiro LP do Bronski Beat. O triângulo rosa é o símbolo do movimento pelos direitos homossexuais, o *Gay Lib*. O título *Age Of Consent* se refere à idade em que o homossexualismo deixa de ser considerado crime na Inglaterra, dezoito anos. Junto com o Frankie Goes To Hollywood, o Bronski foi um dos herdeiros do Village People

HOMOROCK

A ambiguidade sexual — e a estética gay, em especial — sempre foi um elemento central dentro do rock'n roll. Desde Elvis, cuja imagem de bofe de lábios negróides não quebrava só o coração das meninhas, até Little Richard, que sempre fez o tipo assumido. Não é à toa que o vovô do glam-rock teve o maior sucesso de sua vida cantando que todas as frutas eram suculentas.

Nos 60, mesma coisa. Pode não te ocorrer, mas os cabelos e terninhos que emolduravam as faces adolescentes dos Beatles não correspondiam em nada à imagem macha que se esperava dos roqueiros da época. Pós-revolução sexual, então, nem se fala, nada menos glamouroso no início dos 70 do que ser heterossexual. Todo pop star homo ou bissexual que se prezasse assumia publicamente sua atração por outros caras, caso de David Bowie, Elton John e Lou Reed (que foi mais longe e se casou com um travesti). Mesmo os ídolos juvenis faziam o tipo menina-moça, como David Cassidy e os Bay City Rollers (o que, aliás, continua funcionando, vide Rick Astley).

Quem acha que a avalanche punk varreu tudo isso do mapa, pense de novo. Uniformes militares, insígnias nazi, coturnos, couro, correntes, alfinetes — todos esses ícones do movimento foram expropriados do guarda-roupa sadomasoquista, provavelmente pela ligadíssima Vivienne Westwod. E o pós-punk presenciou a fundação da primeira banda com uma militância homossexual séria, a Tom Robinson Band.

Enquando isso, do outro lado do Atlantico, o *gay pop* passava por uma explosão bem mais sutil do que a apregoada pelos Sex Pistols, mas não menos subversiva. A musica negra estava sendo retirada dos guetos por homossexuais brancos e vendida para o grande publico (como aconteceria dez anos depois com a *house*). O resultado foi a febre das discotecas, um maremoto kitsch de evidente conotação gay, cuja personificação máxima tinha um visual tão bofe quanto Elvis — John Travolta.

O momento supremo da quebra da barreira entre os sexos no pop foi mesmo a Inglaterra neo-romântica no período 80-84. É só lembrar os grandes nomes da época: Culture Club, Duran Duran, Visage, Classix Nouveaux, Spandau Ballet, Adam Ant — e Depeche Mode.

Depois veio a Aids e uma reversão à hipocrisia habitual. Cantores-símbolos da estereotipia e machão Bruce e a gostosona Madonna (Michael Jackson não vale: sua sexualidade não é ambígua, é inexistente). Com a peste rondando e uma reaganiana reviravolta conservadora em ação, a estética gay explícita abandonou o *mainstream* quase por completo. Restou o tecnocabaré de grupos como os Pet Shop Boys, o Depeche e o próprio Erasure e o gênero "intelectual sofredor" de Morrissey e cia., e o underground pansexual da dance music. Por acaso, gente que faz muito sucesso nestes tristes trópicos, onde machõezinhos desinformados reagiram à festa kitsch promovida pelo Erasure aos gritos de "bicha". E você que pagou para entrar é o quê, minha nega?

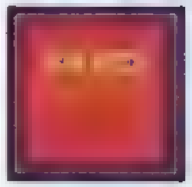
ANDRÉ FORASTIER

ISSO MELHOR PRODUTO: TALENTO

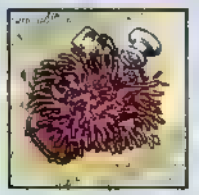
CONFIRMADO POR CRÍTICOS E LEITORES DE BIZZ

Sepultura
[illegible]

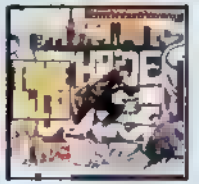
André Christovam
2º Guitarrista (C



Sexo Explícito
1º Guitarrista John (C
3º Baixista Marompas (C,
4º Album (C)
4º Revelação (L,
5º Vocal Rubinho Troll (C
5º Letrista/Rubinho Troll (C)
5º Grupo (C,
10º Revelação (C
10º Baterista/Roger Bacon (C)
10º Letrista/Rubinho Troll (L)



Sanguinho Novo
3º [illegible]
5º Musica Dia [illegible]



Thaide e DJ Hum
5º Revelação

E TAMBÉM

RATOS DE PORÃO
8º Grupo (C)
6º Capa (C

GOLPE DE ESTADO
5º Revelação (L,
7º Baterista, Paulo Zinner (C

BLUES ETILICOS
4º Outros instrumentos (gaita) - Flavio Guimarães (C)

AFRIKA GUMBE
8º Revelação (C

OKOTÓ
9º Revelação (L
10º Capa (C

VOLKANA
8º Revelação (L)

estúdio eldorado

EM SINTONIA COM OS ANOS 90

DANCE MUSIC

A CONVENÇÃO

Foi um megaevento a Convenção Mundial dos DJs, realizada em Londres nos dias 18, 19 e 20 de março.

Os primeiros dois dias (no Hippodrome e no Le Palais, respectivamente) tiveram uma programação intensa com apresentações de VJs (video-jockeys), performances curtas de inúmeros nomes da dance music, minicompetições (por exemplo, DJs tinham que identificar todos os trechos utilizados num mix alucinado feito ao vivo por **Mike Gray**), demonstrações técnicas de equipamento e de remixagem em estúdio e finalmente as classificatórias para a final do campeonato mundial dos DJs, dia 20, na Wembley Arena.

Classificaram-se oito DJs dos 24 concorrentes (curiosidade: o Brasil destes 24 era o único país do Terceiro Mundo), mais o campeão do ano passado, o inglês Cutmaster Swift. **David Fascher**, um mirrado garoto alemão, foi o campeão deste ano. Em segundo ficou o italiano Francesco Zappala, e em terceiro o inglês Reckless.

Entre os artistas de dance music que se apresentaram no evento estão Inner City, Mantronix, Soul II Soul, Public Enemy, Digital Underground, 3rd Bass, L.L. Louis, Frankie Knuckles, Dave Morales, Neneh Cherry, Lisa Stansfield, Kym Mazelle e Caron Wheeler.

O CAMPEÃO

O DJ paulistano **Cuca**, 24, foi nosso embaixador nas pick ups em Londres, quando aconteceu o campeonato mundial de DJs, sob patrocínio do DMC e da Technics. Apesar de não ter conseguido se classificar para as finais, Cuca garante que a experiência adquirida já valeu a viagem. Esperando muito mais preparo e inovações dos DJs estrangeiros, ele diz que o que houve foi uma mera repetição do ano passado.

Cuca acha que, em matéria de performance técnica ao vivo, boa parte de nossos DJs já se encontra no mesmo nível de seus colegas do Primeiro Mundo. "Eles já fizeram e tentaram tudo, e agora ficam se repetindo", conclui ele. Nos estúdios lá em cima, entretanto, as coisas continuam a pleno vapor, e, para os anos 90, Cuca acredita que a dance music "vai continuar com mais pique, os DJs continuarão produzindo muito". E o que ele sentiu que predomina dentro da dance na Europa? "A house, principalmente a italiana, está com força total. Nas rádios e nos clubes, e o que está dominando. Mas o reggae está crescendo muito também." Para Cuca, as coisas mais importantes para ser um bom DJ são a criatividade, a humildade e a dedicação. Quantas horas você dedica diariamente ao treino de suas habilidades? "No máximo duas horas por dia. Ninguém aguenta mais que isso. Você ouve muito cara por aí dizendo que treina oito horas por dia mas é tudo mentira para impressionar jornalista."

Cuca prefere gastar seu tempo trabalhando em estúdio. Sua atividade tem sido intensa, um remix 1990 de "The Finest", da **SOS Band**, para o DMC de Londres, o primeiro LP do grupo que ele e o DJ Ricardo Medrano formam, o **Gabinete Caligari**, que deve estar saindo esses dias pela Stiletto, e o desenvolvimento de seu próprio selo e estúdio, o **Fantastic Voyage**, onde vem realizando diversos projetos. Estes incluem a produção do LP *P de Pepeu*, o segundo do rapper **Pepeu**; e o lançamento de suas incursões individuais pela house, sob a forma de compilações em que as faixas serão creditadas a diversos pseudônimos (na linha da house italiana). Para o futuro, ele pretende também lançar, pelo seu selo, artistas novos de dance music.

O DJ Cuca pode ser visto em ação toda sexta, sábado e domingo no Playboy Disco Club (Av. Itaberaba, 1757, Freguesia do Ó, SP). Suas preferidas para a pista atualmente são:

Zinno "Russian Roulette"
Gail Robinson
"Bust Your Body"
Black Box
"Ain't Nobody Else"
49ers "Touch Me"
MC Wildski "Warriors"
49ers
"Don't You Love Me"
Technotronic
"Get Up" (remix inglês)
Capella
"Get Out Of My Case"
Plaza "Yoyo"
Maurice Pavezzi
"Magic Lover"

A SELEÇÃO

Recuperando o tempo perdido, alguns lançamentos ocorridos nos últimos meses que poderão fazer você dançar sem apelar para o chavão do "Uh! Yeah".

Digital Underground "The Humpty Dance" — Se não fosse por eles e por gente como De La Soul, o rap teria sufocado sob o peso das correntes de ouro. Este tem as doses exatas de inovação, deboche e George Clinton. O primeiro LP do grupo, *Sex Packets*, tem de ser ouvido.

Madonna "Keep It Together" — Mais inspiração de Soul II Soul no groove, num disco muito boooooom! Inclui remix de Mark the 45 King (figura quente na cena dance de NY) para fechar.

Turntable Orchestra "You're Gonna Miss Me" — Clássico garage house de Nova Jersey que frequenta as melhores pistas há dois anos. Ganha um novo remix pelas mãos de A Guy Called Gerald (famoso pela obra prima "Voodoo Ray"). Para breve o LP de estreia do TO.

Primal Scream "Loaded" — Um cruzamento perfeito, num remix tão funky quanto lisérgico. Crédito de Andy Weatherall, que também remixou o novo do That Petrol Emotion, "Abandon".

MC Wildski "Warriors" — Hip hop excitante que empresta de "Shout", dos Tears For Fears. O rapper já colaborou com Norman Cook e esta é sua primeira aventura solo.

Electribe 101 "Talking With Myself" — A nova versão desta exótica deep house de 1988, remixada pelo papa Frankie Knuckles. A música ficou menos pantanosa e a batida mais compacta e definida. Na voz de Billy Ray Martin continua a dar arrepios.

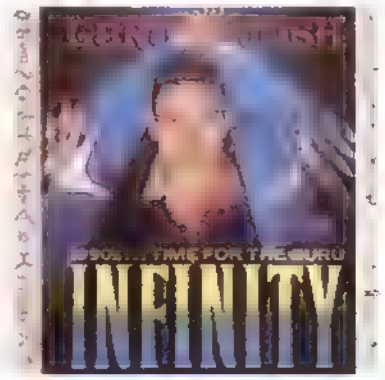
JT & the Big Family "Moments In Soul" — Batida Soul II Soul num esplendido entorta-joelhos que chegou às dez mais do paradão inglês.

London Posse "Live Like The Other Half Do" — Bem-humorado cruzamento de reggae e rap que funciona horrores na pista. O duo London Posse já excursionou com o BAD.

Renegade Soundwave "Probably A Robbery/Ozone Breakdown" — Este grupo habitava aquela linha divisória onde termina a música e começa o barulho. Mudaram. O lado A aqui é a coisa mais pop que eles já geraram e o B é house em estado bruto, daquelas que você precisa subir o grave no aparelho de som senão as paredes vem abaixo.

Guru Josh "Infinity" **Adamski** "N-R-G" — Eles não concordaram mas são farinha do mesmo saco. Tocam ao vivo (teclados, de preferência) nos *raves* de house e seus discos são longas viagens instrumentais com muitas camadas de teclados.

CARLOS G. ROCHA



Depois de uns bons quinze anos defendido por grupos como Taranatiça, Bandalheira e Guerrilheiro Antinuclear, o hard rock voltou com força aos hábitos da rapaziada gaúcha acostumada a tomar cerveja nas esquinas. Não pod a deixar de ser assim. Afinal, 1989 foi o ano da penetração total e definitiva do rock pesado no reino do pop. Isso incluiu dezenas de adolescentes afoitos por dominar as regras do mundo.

O pessoal mais novo se atira acelerado nas estradas ilustremente trilhadas por duas ou três gerações anteriores, e grupos como **Quadrilha de Morte** e **Rosa Tatooada** aproveitam para dar sua versão do velho e bom espírito rocker. Com uma certa ingenuidade, o Rosa Tatooada se aventura pelo terreno do glitter rock, assumindo as poses e até mesmo um nome decalcado da matriz norte-americana (Rose Tatoo) sem deixar de fazer um bom rock'n'roll. Um pouco mais sujo, o Quadrilha de Morte consegue carregar no punch mas derrapa em covers previsíveis (até demais) de sucessos dos grandes expoentes do gênero, como Guns N'Roses e Steppenwolf.

A veterana **Lory F.** conseguiu dar uma forma mais enxuta ao universo junkie, que carrega há bons anos nas cordas de seu baixo, ao lado da banda que leva o seu nome. O **Cidadão Quem**, recrutado pelo guitarrista Duca Leindecker, diverte a moçada local ao som de acordes influenciados por Van Halen, Eric Clapton e Pink Floyd. Rock pesado mas anêmico, embaladinho para o gosto da juventude doutrinada pelas FMs. Resultado: uma saudável movimentação, mas sem grandes sensações e novidades. Sintomático.

CARLOS EDUARDO MIRANDA (PORTO ALEGRE)

CIDADÃO QUEM

Divulgação

Aquele que não se lembra — esse é o significado de ***Chemako****, termo de origem indígena escolhido para o batismo de um dos mais novos e expressivos grupos das Gerais. Seu modelo é arquetípico: duas guitarras limpa-trilhos na linha de frente (a cargo de Magoo e Rogério), uma maciça seção rítmica (Ricardo e Mom, respectivamente baixo e bateria), furia adolescente e canções tão cauterizantes quanto pesadas.*

Apesar de estar na ativa há menos de dez meses, o Chemako tem demonstrado muita segurança nas apresentações ao vivo, garantida pelas experiências prévias de alguns de seus músicos nas bandas Mutilator e Holocausto. Mas é bom frisar que o que está em pauta aqui encontra-se há anos-luz do estoicismo heavy metal. Na verdade, o que se ouve é uma curiosa sobreposição de seventies hard-rock, rumores de garagem, rock'n'roll clássico e derivações do padrão Sub Pop, conforme atestam composições (todas com letras em inglês) como "Follow Your Track", "Flying Time" e "Watch Your Son, Witness The Might". Atenção, portanto.

ARTHUR G. COUTO DUARTE (BH)

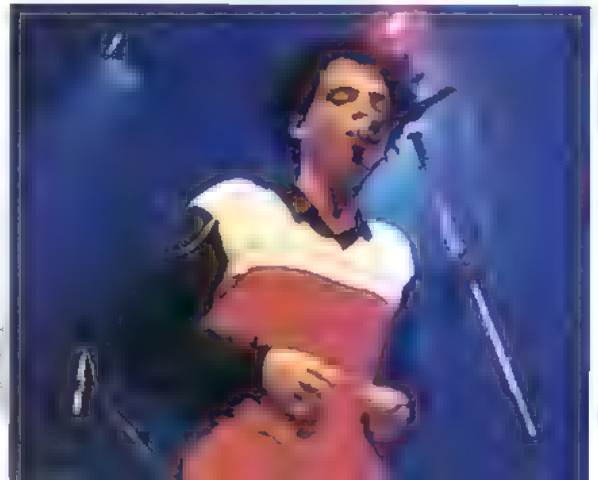
Após dissolver uma das grandes promessas do rock brasileiro safra fins-dos-oitenta, **Humberto Effe** volta a percorrer a longa trilha que já enfrentou uma vez, antes que pudesse assinar um contrato com o extinto selo Plug/RCA, gravar dois LPs e figurar na capa da BIZZ 45. Só que o cantor e compositor dos Picassos Falsos agora está sozinho.

Sem os músicos que o ajudaram a gozar de um respeitável prestígio junto a boa parte da crítica, retomar a caminhada é bem mais difícil. Obviamente, eu quero voltar a assinar com uma gravadora. Eu quero voltar a viver de música, quero que minhas músicas toquem no Brasil inteiro". O primeiro passo, no entanto, foi bastante tímido: acompanhado por três instrumentistas de performance pouco convincente, Humberto gravou uma fita demo em quatro canais, registrando três das canções que pretende trabalhar em sua carreira solo. Para quem se acostumou com a boa sonoridade dos Picassos, esta demo decepciona. Embora as músicas sejam bem construídas, os arranjos nada valorizam suas letras e melodias inteligentes, e até a interpretação "incontida" de Humberto vai além dos limites. Tudo bem: é uma banda provisória. Effe já tem outros músicos em vista.

Almejando um repertório que tenha "uma lógica interna", Effe se diz contrário ao "ecletismo vazio" de intérpretes que revisitam ícones da música brasileira sem muito critério. "Isso é redundante. A música brasileira já é carnavalesca. Esse ecletismo recarnavaliza, e a cultura se perde".

Antes de assinar um novo contrato, Humberto pretende prorizar os shows, lapidando ao vivo sua nova fase. "Eu tive uma grande desilusão com a gravadora. Essa relação foi um problema para os Picassos Falsos e será um problema para o meu trabalho também."

CELSO MASSON (SP)



Paulo Malária *não espera: ele faz. Como produtor e tecladista, há doze anos com a banda* ***Acidente****, já gravou quatro discos por conta própria. "Sai mais barato do que as pessoas pensam." Mesmo com a saída dos membros originais, Malária não desistiu. Convocou músicos de outras bandas: Bruno Mega (bateria), Jarbas Loop (baixo) e Zunga Ezzaet (guitarra) — e reformulou o Acidente, no lugar do rock pesado com influências punk, country e blues entrou o som progressivo. Contrariando a tradição do gênero, todas as faixas são curtas. "Não é exatamente instrumental. Por acaso, as músicas não têm letras", ironiza.*

Gravado em oito canais, com tiragem inicial de mil cópias, o LP pode ser adquirido pela Caixa Postal 56037, CEP 22292, Rio. Intitulado Quebre Este Disco, o LP traz na contracapa um aviso ainda mais curioso: "Acidente não se apresenta ao vivo, salvo em raras ocasiões. Se não for o legítimo acidente, quebrar tudo!" Paulo explica: "Prefiro gastar minhas economias fazendo um bom disco do que tocando em condições precárias. Fiquei alérgico a palco".

LORENA CALÁBRIA (RJ)

PAUL McCARTNEY

AO VIVO

"E que você detesta os Beatles desde criancinha (Freud explica), mas acho que vai gostar do show do velho Macca. É uma aula de *showbusiness*, de *showmanship*. O homem comanda a galera como ninguém. E a banda é do grande e latejante piru, com Robbie McIntosh estraçalhando as seis cordinhas. É lógico que pinta uma certa nostalgia rancheira, vez por outra. É lógico que Linda é um deboche como musician (*sic*), mas quando tudo clica, quando ele canta como Little Richard e engole todos os outros baixistas com apenas três digitadas em seu Hofner velho de guerra, bicho, sai de baixo. Boa viagem.

Contrabandeio essas linhas de um telex de meu amigo (e ilustre correspondente de BIZZ em L.A.) J.E. Rondeau para deixar de saída algumas coisas bem claras. Primeiro: eu não detesto os Beatles desde criancinha. Foram, entre os seis, sete anos de idade a jovem guarda e *Help* — o primeiro LP que ganhei na vida e que ouvia umas cinco vezes ao dia — que me seduziram, viciaram e botaram nesta trilha, enfim. Mas um dia a gente cresce e descobre que, além dos Beatles e dos Rolling Stones, a década de 60 também teve: Marvin Gaye, Velvet Underground, James Brown, Doors, todo o elenco da Motown e da Stax, o nascimento do ska e do reggae, o Pink Floyd de Syd Barrett, Phil Spector etc. etc. Se há um problema com os Beatles, e que estão para a música pop como Picasso para as artes plásticas e Chaplin para o cinema: são a unanimidade, o mínimo denominador comum e o último refúgio dos leigos. São — para encerrar este prelúdio — superestimados até a enésima potência. Após a dissolução da banda, o próprio John Lennon admitiu isso e confessou quanto o embaraçava na época.

Paul In Rio, então. Para começar, a natureza não ajudou muito, fazendo despencar sobre a cidade um daqueles dilúvios que matam dezenas e derrubam barracos das encostas do morro, adiando a estréia em um dia. Já na ponte aérea, o infalível humor negro nativo espalhava que Macca só cantaria duas músicas — "Help!" e "Yellow Submarine". Mas o primeiro anticlímax é dar com um palco que, no maior estádio do planeta, assume as dimensões de uma caixa de fósforos.

O Paul é um bom camarada, ninguém pode negar, mas as 2h40 de show são aturáveis apenas porque metade do repertório é dos Beatles. Depois do alardeado filme introdutório que funde a carreira e o som dos Beatles e de McCartney a fatos marcantes das últimas três décadas, a entrada em cena com "Figure Of Eight" e "Jet" só pode ser um jato de cubos de gelo no ânimo do público. Os telões de vídeo, com projeções primorosas de imagens idem, somados à iluminação e efeitos variados, dão mesmo um banho de *showbusiness*. O saudoso Richard Wagner teria adorado as explosões e as danças das *varilites* (*spots* móveis comandados por computador) em "Live And Let Die", mas certamente detestaria a... música.

Mesmo quando em canção dos Beatles, nem tudo são *flowers in the dirt* (no caso, o lamaçal carioca). Se presenciou algum show da turnê, George Harrison deve ter sentido engulhos com o que Robbie McIntosh (sorry, Zé Emílio) faz com "Sgt. Pepper's..." e, à guisa de introdução, em "Eleanor Rigby": heavy de arena safra anos 70, *flashy* e flácido como um elefante coberto de lantejoulas. Sintomaticamente, os momentos em que "tudo clica" são pérolas primitivas como "I Got To Get You Into My Life", "Things We Said Today", "When I Saw Her..." "Can't Buy Me Love" e a cover para "Ain't That A Shame" (Fats Domino). Isto sim é um baile imortal.

Por outro lado, a baba escorre viscosa na catarse descerebrada de "Let It Be" e "Hey Jude". Como animador de auditório, Paul é um canastra e tanto, abusando das incitações à histeria ("Everybody say *yeaah!!*" "Everybody say *aaall right!!!*"...) e do português decorado para asneiras do tipo "esta é a minha gatinha Linda" (mesmo sem poder enxergar o palco, a gente sabe que ela está lá: sempre tem uma voz que desafina nos coninhos).

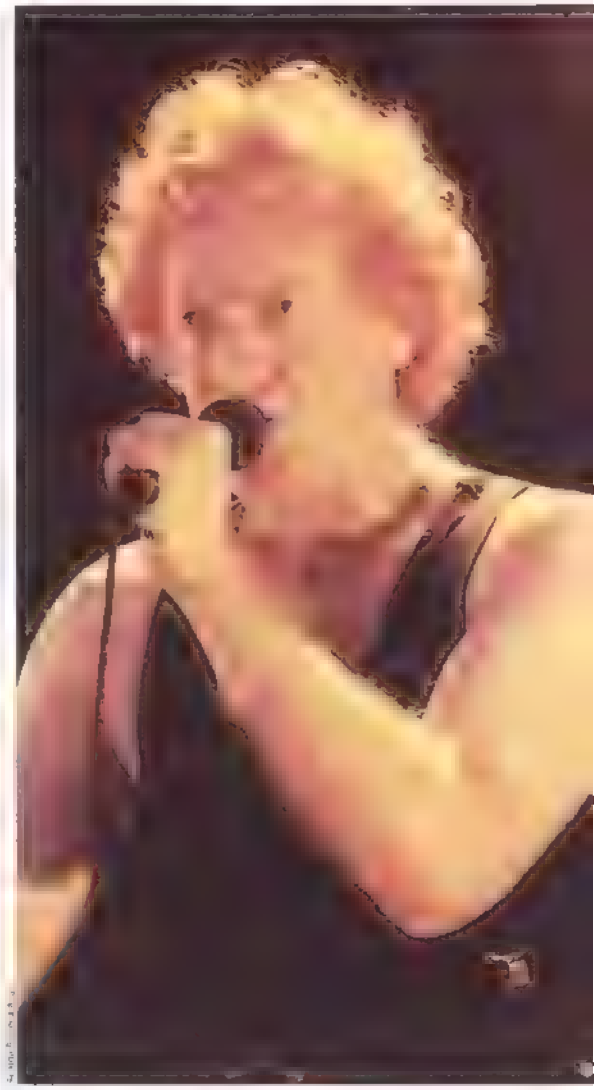
Antropologicamente, o espetáculo não deixa de ser interessante. A geração mais velha canta junto e chora, a mais nova canta junto e dança. Alguns dançam e choram. Há uma catarse genuína em ação — basicamente a mesma que trouxe uma terceira geração, anterior, ao mesmo Maracanã para ver os restos mortais de Sinatra — mas, se você não participa dela, é como assistir a um jogo de futebol em que não torce para nenhum dos dois times. Quarteto de Liverpool por quarteto de Liverpool, deu uma puta saudade dos shows do Echo & The Bunnymen em 87. E me fez rezar para poder ver Prince ao vivo antes que ele complete cinquenta anos.

Ao fim do show, ainda estou procurando o caminho para fora do estádio — dá para ouvir "Yesterday" detonando o bis — e descubro que não sou o único a fugir antes da última dose. Dois típicos roqueiros vem logo atrás, e pesco trechos da conversa: "Pô, esse cara é um babaca! Será que nunca vamos ver os Stones no Brasil?!" "Pois é, eu preferia estar no Canecão vendo o Beto Barbosa."

Impossível não simpatizar com a dupla. É um mundo cruel, é um trabalho imundo, mas alguém tem de fazê-lo... e dizer: Macca no Maracã, o Programa de Índio do Século.

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

O INGO BOINGO



Por pouco, a concorrida apresentação do Oingo Boingo no Rio não se transformou num fiasco. Vários fatores pareciam contribuir para isso naquela noite.

Primeiro, a desorganização quanto à entrada do numeroso público no local, que nenhum segurança sabia indicar com precisão. Depois, a demora de quase hora e meia para o início do show, programado para as 21h, que foi inquietando a platéia. Dizem que foi causada pela gravação da participação do grupo em cenas de uma novela. O público não tem nada com isso.

Passados estes percalços, o Oingo Boingo finalmente entrou em cena. O grupo, que até dois anos era conhecido apenas de skatistas e surfistas, e que nem em sua terra, a América, frequenta as paradas de sucesso, tocava para o maior público de sua carreira, estimado em 25 mil pessoas.

Mas, aos primeiros acordes da música de abertura, "Dead Man's Party", o som mostrou que não seria o mínimo esperado para uma apresentação desse porte. A suspeita foi logo confirmada quando na metade da música de abertura o som "caiu", como aconteceu com o A-ha na Apoteose, deixando a banda fazendo mímica e o público "surdo". O imprevisto foi contornado sem desculpas ou explicações.

Mesmo assim, a qualidade do som continuou precária até a metade do show, quando ganhou mais volume e definição. Quem estava da mesa de som para trás ouvia mais os ruídos em volta do que o som do grupo.

Mesmo sem levar em conta tudo isso, o público recente do Boingo, conquistado pelo estouro de "Stay", parecia insatisfeito com o roteiro do show. Em vez de seguir a linha do álbum duplo *Boingo Alive*, base também de sua recente turnê americana, a banda preferiu jogar músicas do novo LP, *Dark At The End Of The Tunnel*, fazendo uma apresentação solta, com muitas paradas. Isso dispersou parte do público, que queria festa. Um vacilo do grupo, que tinha toda a platéia nas mãos.

Talvez por esses motivos, uma pequena parte do público tenha ido embora após a apresentação das músicas "Not My Slave", "Stay" e "Just Another Day", até porque estava tarde e muitos dos presentes eram menores.

Contudo, foi a partir daí que o Boingo começou, enfim, a mostrar a que veio. Armou uma *session* de músicas bem conhecidas por seu público mais antigo e a partir de "Who Do You Want To Be?" começou a inflamar a galera. Enquanto isso, nos embaçados telões eram apresentadas cenas do filme *Heaven*, de Diane Keaton (que tem muito a ver com as letras do Boingo) e de animações próprias com as caveirinhas, símbolos do grupo.

Agora sim, Danny Elfman e trupe passaram a soltar os capetas, com sequências rápidas, sem espaços e de maior comunicação com a platéia. E, quando estava ficando realmente bom, o show acabou. Mas faltava o bis de praxe. Nele, o grupo tirou do fundo do baú a regravação dos Kinks que fez para "You Really Got Me" em seu primeiro LP, encerrando com a tradicional "Goodbye-Goodbye". Mas aí o povo queria mais.

Danny Elfman aproveitou a deixa e, emocionado, disse que o Oingo Boingo nunca tocara para uma platéia tão grande e animada, que adorou o país, e que o grupo está à disposição dos fãs para voltar aqui quando estes quiserem.

Após isso, a noite foi encerrada em clima de celebração com bis para "Dead Man's Party" e "Stay", que foi entoada pelo público enquanto o grupo saía de cena aos poucos. No fim, acabou tudo bem. O fiasco foi evitado e todos foram felizes para casa, esperando por uma volta do Boingo em melhores condições.

TOM LEAO

EVANDRO MESQUITA

Alguém poderia argumentar que o rapaz, afinal, tem um passado. Não faz tanto tempo assim que uma desconhecida banda carioca invadiu as FMs com uma desastrada história de amor regada a chopp e batatas frias — detonando, quase sem querer, a explosão do rock nacional na década de 80.

O que Evandro Mesquita perdeu a oportunidade de retirar-se do palco enquanto era tempo. A deixa foi dada por sua própria banda, que encerrou as atividades depois de alguns hits que procuravam em vão reeditar o encontro original de "Você Não Soube Me Amar".

No palco do Dama Xoc — lotado apesar do clima de apreensão pós-pacote —, Evandro mostrou a que se resume seu trabalho hoje: uma salada de roquinhos, funks e reggaes inexpressivos, temperada por letras moquas e uma performance gelada.

A banda fez o que lhe foi pedido — isto é, muito pouco. Músicas como o roquinho "As Aventuras De Alexandre Mac-Mac", o reggae "Andar No Ceu" ou a lamentável "Vudu De Saia" receberam arranjos burocráticos com direito a dispensáveis solos de guitarra (até quando, meu Deus!), teclados e baixo!

Enquanto isso, o cantor repisava *ad infinitum* os mesmos três gestos ensaiados nos tempos da Blitz, à qual se remetia repetindo a fórmula "narrador-conta-história-trágica-com-diálogos-engraçadinhos". Se já naquela época não funcionava...

Ansioso por ouvir alguns velhos hits — "Weekend" e "A Dois Passos Do Paraíso" foram as escolhas da noite —, o público acolheu calorosamente o músico-ator, ressuscitado graças a um hit (a breguíssima "Babilônia Maravilhosa") e um personagem na novela das sete. Pena que, em carne e osso, ele pareça mais distante do que na tela da TV.

MARISA ADAN GIL

ENGENHEIROS DO HAWAII

Betinho gostava de livros como *Longe É Um Lugar Que Não Existe*, Guto fugia das aulas de violão mas furava os discos de Jimi Hendrix, Led Zeppelin e Deep Purple de tanto ouvir e Carlinhos amassava todas as panelas da mamãe brincando de baterista. Um dia eles cresceram e formaram os Engenheiros do Hawaii: Humberto Gessinger (vocais, baixo, cabelo e costeletas), Augusto Licks (guitarra) e Carlos Maltz (bateria). Quatro LPs depois, que venderam mais de cem mil cópias cada um, eles se apresentam no Anhembi como uma das mais consagradas bandas do rock brasileiro.

O público ocupa um pouco mais da metade das cadeiras. Nada mal para um domingo em que também se apresentam em São Paulo Paralamas do Sucesso e Lulu Santos. O grupo entra no palco e o delírio é tanto que penso ter sido transportado para 1964, no Shea Stadium, em meio a um show dos Beatles. Gritos, urros, mãos para cima. No meio do barulho começo a ouvir a bateria de Ringo e a guitarra de George. É engraçado, eu não sabia que Paul e John cantavam em português. Quando consigo distinguir os versos "meu coração é um deserto em pleno mar/ meu coração é um porto sem endereço certo" tenho a certeza de que Lennon continua morto e que agora sim vai começar uma alucinação.

Os Engenheiros do Hawaii já conseguiram o seu lugar na galeria das letras mais pretensiosas e ao mesmo tempo mais óbvias e fracas. Frases como "nada disso é tudo e tudo isso é normal" e "fazer um pacto de não causar impacto" seriam cortadas de olhos fechados por qualquer revisor da *Seleções Reader's Digest*. Gessinger tem todo o direito de dizer para a imprensa que as suas letras são assim intencionalmente. Tem todo o direito, mas deveria ter vergonha.

O show parece um disco de "greatest hits". A empatia dos fãs com sucessos como "Alívio Imediato", "Terra De Gigantes", "Infinita Highway" é total e eles nem ligam para uma microfonia irritante que aparece várias vezes. É inegável que os Engenheiros sabem como fazer um show. Todas as músicas são rápidas, quase não há intervalos e eles tocam versões um pouco diferentes que as dos discos. Para uma platéia jovem, e provavelmente com pouca memória de rock, isso basta.

É incrível como não existe praticamente nada de original nas músicas. Cada nota que sai da guitarra de Licks parece ter sido chupada de algum lugar, mesmo quando não se trata das citações explícitas, que vão de Janis Joplin a Belchior, passando por Titãs, jingles do PT e PDT etc. Para a banda, tudo isso deve ser uma "proposchta" de mistura pós-moderna de linguagens, citações e fragmentos. Totalmente raso, descartável (hum... e se for essa a idéia de Gessinger?).

No final do show, Gessinger agradece o entusiasmo: "Essa não é a São Paulo do Maluf. Essa não é a São Paulo do Afif. Essa não é a São Paulo da *Folha de S. Paulo*". Omessa! Com o sucesso que tem, os Engenheiros do Hawaii já superaram a relevância de qualquer crítica. Não deixa de ser intrigante observar o valor que alguns artistas dão para o fato de terem ou não reconhecimento "oficial" para o seu trabalho. Gessinger, Licks e Maltz deveriam estar mais do que contentes com os discos que vendem. A música que fazem dificilmente os credenciaria para o papel de uma banda numa propaganda de refrigerante. No máximo, uma banda numa propaganda das Casas Bun.

ATOR PAOLOZZI

SUGARCUBES

Os Sugarcubes tocam "Deus", um de seus maiores sucessos, com arranjo heavy metal, poderosos solos de harmônica, vocais fora de tempo e letra alterada. Um show desses brilhantes islandeses é assim: muito mais radical do que sua doçura dissonante à primeira vista faz supor. A banda mostra competência e a platéia reverência.

O Orpheum — megapocilga para três mil pessoas que cobra taxa de restauração nos ingressos mas está sempre caindo aos pedaços — tremeu com o som dos cubos. Eles usaram o último disco, *Here Today, Tomorrow, Next Week* como base do set. Mas, sem escamar, também tocaram o clássico "Cold Sweat", a sublime "Birthday" (em islandês) e deram dois bis (um deles uma versão hardcore de "Delicious Demon"). Uma superdose de qualidade.

Eles adotam um *clean outfit*. Antes do show, inundaram o teatro com bolhas de sabão. Apareceram todos de branco em um palco forrado de espelhos. A cantora Bjork continua a maior delícia escandinava desde a descoberta de que o salmão era comestível. A tecladista Magga surpreende com timbres incomuns.

Tudo beira a perfeição, exceto por uma figura: o vocalista-assistente Einar. Ele é uma espécie de versão européia do ultranarcisista David Byrne. Como Byrne, Einar insiste em ser a única atração sobre o palco. Sua ânsia de aparecer irrita a platéia e dá no saco da própria banda. Entre as músicas, solta frases em islandês, "provoca" a galera e faz comentários "profanos" sobre a má qualidade do café americano. Bem que os roadies da banda podiam deixar uns fios desencapados pelo palco para ver se esse "mala" morre eletrocutado.

Faixas pouco conhecidas do disco novo abriram o concerto. O público ainda estava fino. O delírio começou com "Motorcrash" (em andamento acelerado), foi mandado em "Dear Plastic" e chegou ao topo com a linda "Planet". Essa foi anunciada como uma "canção disco" (com direito até a globo e luz virando).

O hit mais atual dos Sugarcubes, "Regina", destacou-se da linha geral e apareceu em versão muito próxima a gravada. Bastou para mostrar o registro único da voz de Bjork e como a banda está afiada.

"Sick For Toys", distorcida, "Birthday" em islandês, "Delicious Demon" à moda de cabaré (com luz vermelha, e Bjork emitindo grunhidos sensuais). Quase dá para esquecer que Einar existe. Mas ele ressurge, faz bobagens e pede um batom ao público para mais uma performance "engraçada".

Em "Delicious Demon", um presente aos bostonianos: Bjork, toda desajeitada, tocou ou tentou tocar guitarra. Arriscou uns três acordes e, surpresa, se deu bem. Ou foi beneficiada pela benevolência crítica a que sua condição de deusa escandinava induz. Que importa? Depois do último bis, com a banda já saindo do palco, uma voz não-identificada avisou: "Nós somos os Sugarcubes". A essa altura, todo mundo já sabia. Para jamais esquecer.

Com menos brilho que os cubos, a abertura dos Primitives não comprometeu. Fazem um rock básico — às vezes simplista em excesso — que agrada sem ir muito fundo.

Mas os Primitives têm um trunfo único no pop: a vocalista Tracy Tracy. Enrolação as favas, ela é de fechar o tempo. Rebola, dá grunhidos, tem corpo e rosto perfeitos. Até canta.

O que Tracy tem de entender é que não dá para fazer sucesso carregando quatro marmanjos nas costas. Precisa urgente partir para carreira solo, no estilo perua canora. Tem curvas dez vezes mais interessantes que Madonna, com o triplo de voz de Paula Abdul. Não falta nada, só ela abrir o olho.

O público dos Sugarcubes delirou com os Primitives, mas a banda não respondeu na mesma medida. Em um show de 45 minutos, Tracy só foi até a beira do palco faltando cinco minutos para o final. E, quando se trata de Tracy Tracy, qualquer proximidade física, por mínima que seja, faz uma diferença monstruosa. Para matar a moçada de inveja, cantou algumas músicas grudadinha nas nulidades que a acompanham. Eles que formem um grupo de lambada. Tracy só. Já.

ALVARO PEREIRA JR

ERASURE

Esta é uma noite de grandes revelações. Em primeiro lugar: Andy Bell é um vocalista brilhante. Segundo: é possível combinar humor e música pop sem cair na caricatura. Terceiro: Vince Clarke é absolutamente dispensável — no palco, é claro. E quarto: o público brasileiro é rigorosamente imprevisível.

Irreverência é a palavra-chave para entender o show do Erasure. Só ela explica o visual kitsch, o clima de cabaré de terceira classe e a autoparódia encenada pelo vocalista durante todo o espetáculo. Perplexo, o público oscilou entre o desprezo silencioso e o delírio incontrolável — venceu o último, conduzindo o show a um clímax dançante só visto nos bons tempos da turnê do New Order.

A entrada da dupla no palco foi triunfante. Sob aplausos ensandecidos, Vince disparou a programação de teclados da balada "Piano Song", faixa do novo LP, *Wild*, enquanto Andy ensaiava os primeiros passos de sua dança ininterrupta. O collant verde do vocalista e o conjunto roxo e vermelho do tecladista — ambos carregados de lantejoulas — pareciam disputar o prêmio "breguinha do ano". Mas este ficou mesmo para as duas *backing-vocalists*, que subiram ao palco ao som de "You Surround Me" (também de *Wild*), portando turbantes (?!?) e dançando como se estivessem num programa do Chacrinha.

Com "Knocking At Your Door", o Erasure mostrou finalmente o que os tornou tão populares nas nossas FMs: tecnopop convencional, com melodias lineares e refrões grudentos. Ao vivo, porém, a fórmula ganha um apelo irresistível: não há como ficar parado diante da figura esvoaçante de Andy, uma bailarina com trejeitos de pop star. Apenas Vince Clarke consegue: perto deve, até que Gilian Gilbert (New Order) era bem animada...

Em "Crown Of Thorns" e "Ship Of Fools" — disparado, a melhor canção composta pela dupla — o vocalista assume um tom solene, apenas para ter o prazer de quebrá-lo logo em seguida. "Obrigado", diz ele, com um ar de menina encabulada, antes de dar a sua versão em português para "Over The Rainbow". "Onde é o arco-íris...", canta desafinadamente, na introdução de "Blue Savannah", outra composição do novo LP.

Colocados em pontos estratégicos, os hits obtiveram o efeito desejado. "Stop" e "Oh L'Amour" — a música que fechou a primeira parte do show — balançaram as estruturas de concreto do ginásio, que acompanhou em uníssono os vocais potentes de Andy.

Apenas em dois momentos o Erasure correu o risco de cair no ridículo. Em "Supernature", cover do compositor francês de *disco music*, Cerrone, a performance medíocre dos dois bailarinos — presentes apenas em algumas canções — quase pôs tudo a perder. Outro deslize foi a caracterização grotesca do vocalista — peruca, saia e chapéu — para a interpretação de "La Gloria", pastiche flamenco acompanhado ao violão por Vince Clarke. Surpreendentemente, a platéia brindou a primeira com um silêncio cortante — e foi à loucura com a segunda...

Vestindo uma tanga prateada coberta por um short de plástico, Andy abriu o bis com "Drama", o primeiro hit de *Wild*. "A Little Respect" saciou finalmente o desejo da platéia, em uma versão mais cool do que aquela martelada pelas FMs — desacelerada e sem falsete.

Uma balada obscura do LP *Circus* foi a escolhida para fechar o show, já no segundo bis. Ao som de "Spiralling", uma multidão de adolescentes foi deixando, aos poucos, o Ibirapuera. Um anticlímax adequado para uma apresentação nada convencional.

MARISA ADAN GIL

DAVID BOWIE

David Bowie não está se aposentando... muito pelo contrário. Ele resolveu marcar o relançamento de seu catálogo com uma turnê de seus maiores hits, chamada *Sound And Vision*. As músicas foram escolhidas pelos fãs, que votaram por telefone. Como se isto não bastasse, Bowie declarou que após estes shows, nunca mais as tocará ao vivo, preferindo descartar o passado e se concentrar no futuro — ou seja, no Tin Machine e outros discos solo. Tudo isso provocou uma grande comoção e intermináveis noites de ingressos esgotados (mesmo com o preço altíssimo de 25 libras!).

Para criar o lado visual deste acontecimento, Bowie convocou o coreógrafo canadense Edouard Lock, do grupo de dança La La La Human Steps, com quem havia trabalhado em 88 na coreografia de "Look Back In Anger", apresentada no ICA em Londres. O lado musical ficou por conta da Adrian Belew Band, com Belew na guitarra, Rick Fox nos teclados, Michael Hodges na bateria e Erdel Kizilcay, trazido por Bowie da Glass Spider Tour, no baixo. Tudo muito promissor.

A London Arena, uma gigantesca caixa de sapato no meio das horrendas docas londrinas, está lotada de fãs, antigos e novos. Tudo começa com a grandiosidade da *Nona* de Beethoven, na versão sintetizada do filme *Laranja Mecânica*. Segundos depois tá está ele, de terno e gravata à la Tin Machine, tocando violão e abrindo com "Space Oddity", seu primeiro hit, de 69. Embora o show seja uma viagem pelo passado, Bowie resolveu despir-se das máscaras: nada de Ziggy Stardust, nem Aladdin Sane. Adeus ao Thin White Duke, ao pirata, ao palhaço. Cai uma tela transparente na frente do palco onde as projeções — Bowie flutuando — parecem hologramas. O público prende a respiração, o efeito é espantoso. "Changes", com Bowie aquecendo sua voz. Durante "TVC15", o Bowie na tela dança com a incrível Louise Lecavalier — também do La La La Human Steps — enquanto o Bowie real nos mostra que sua técnica no saxofone não é lá grande coisa. "Rebel Rebel" está levemente mudada, mas ele consegue fazer a famosa dança nas pontas dos pés, pernas dobradas, e também aproveita para pegar uma câmera e filmar o público; nos vemos projetados na tela imensa. "Be My Wife" (do LP *Low*, 77) é uma escolha inesperada, mas o contraste de sua simplicidade com a angústia da voz impressiona. "Ashes To Ashes" cai bem, especialmente quando Bowie tira seu paletó e chupa o dedo. "Queen Bitch" é o momento mais sexy, seguido pela beleza de "Life On Mars". Na tela, vemos o Bowie que mudou a face da música pop, com cabelos vermelhos e cara pintada — um contraste cortante com a imagem das telas ao lado do palco, onde vemos o homem de hoje, aos 43 anos. "Blue Jean" é o único hit pós-83 desta noite, felizmente. Depois de uma versão fraca da magnífica "Let's Dance" começa um solo de guitarra longuíssimo, parte de "Pretty Pink Rose", novo fruto da colaboração de Bowie e Belew, iniciada em 78 na tour registrada no LP *Stage*. Resta saber o que uma música nova está fazendo aqui! Para terminar a primeira parte, "China Girl" é acompanhada por sombras e beijos na tela.

Passo os treze minutos de intervalo debatendo comigo mesma. Ao meu redor há uma verdadeira conferência internacional: jornalistas de todas as partes do mundo discutem o show; e "por que estamos entediados?" parece ser a questão principal. Não há tempo para responder, pois a segunda parte do show está começando, com "Ziggy Stardust", "Sound And Vision" e "Station To Station". Em "Young Americans" o solo de sax é feito na guitarra, e a tela é invadida por labaredas gigantes. "Suffragette City" é uma surpresa: finalmente o público reage, responde e aplaude, do fundo do coração. A apatia retorna com "Fame" e "Heroes". O bis, "Jean Genie", não consegue segurar as pontas e muita gente começa a ir embora. O show esta noite é mais curto que o normal, pois Bowie não quer forçar suas cordas vocais. Corre o boato de que ele estaria infeliz com as críticas e com a frieza das plateias.

É hora de responder à pergunta: Por que este show deixa a desejar? A banda, embora supercompetente (e talvez não por culpa sua), dá as músicas um tratamento uniforme e aguado. Depois do segundo número, até os solos do grande Adrian Belew começam a dar sono. Bowie, como performer, está restringido pela guitarra/violão que insiste em tocar. Embora seja ainda uma grande estrela, ele pisa na bola algumas vezes — como quando canta "Rebel Rebel" com a voz dramática à la Heroes.

Não me entenda mal, este é um bom show... mas com um repertório da importância do deste homem, deveria ser mais que simplesmente bom, algo que eu contaria a meus netos. No final das contas, *Sound And Vision* acaba sendo um triste adeus, numa grande arena — que, afinal, nunca foi o melhor cenário para Bowie. Massacrado por sua própria teatralidade, o grande visionário deixou cair as máscaras... e a peteca.

ANAMARIA G. DE LEMOS

PROMOÇÃO

CRUZADAS BIZZ

Chegou a hora de mostrar todo seu talento e criatividade. Cruzadas Bizz é uma superpromoção que vai apaixonar você com todas as letras. Vire a página e veja como participar

OLHA OS PRÊMIOS QUE VOCÊ VAI CRUZAR

PONHA NO PAPEL O QUE VOCÊ TEM NA CABEÇA.

Publicado com autorização do Grupo Coquetel Edioura

Criação: em pauta Assessoria e Projetos Editoriais.

VOCÊ ENTENDE DE ROCK Então, é só resolver as palavras cruzadas da página ao lado e descobrir a palavra-chave. Ela é composta pelas letras que ficaram nos quadrinhos amarelos. Para quem conhece rock como você, vai ser moleza.

VOCÊ TEM CRIATIVIDADE Agora, é só se inspirar na palavra-chave e deixar a imaginação voar. Crie a maior loucura: uma frase, um poema, uma ilustração, uma foto, uma colagem, uma música, o que você quiser. Para isso, use o espaço reservado no verso desta página ou tire uma xerox. Mas lembre-se: só concorrem as idéias que utilizarem a palavra-chave como tema.

VOCÊ VAI CRUZAR MUITOS PRÊMIOS

1º Discman Sony, uma coleção CD dos Stones e uma assinatura da revista Bizz.
2º Radio Gravador Sony e uma assinatura de revista Bizz.
3º Bicicleta Bizz Tekcicio e uma assinatura da revista Fluir.
4º Radio Gravador Semp Toshiba e uma assinatura da revista Bizz.
5º Relógio Cosmos Soviet e uma assinatura da revista Bizz.
6º Prancha Bodyboard Scott e uma assinatura da revista Fluir.
7º Mochila Hands Off e um porta-fitas.
8º Óculos Escuros Spy e um porta-fitas.

Os primeiros 50 cupons que chegarem à Editora Azul ganham um porta-fitas.

REGULAMENTO:

O critério de avaliação do concurso levará em conta a criatividade e a originalidade usadas para a realização do trabalho.
O local de exibição dos prêmios, Av. Nações Unidas, 5.777 - Alto de Pinheiros - CEP 05477 - S. Paulo.
Os trabalhos, classificados ou não, pertencerão à empresa.
Os prêmios ficarão disponíveis 60 dias contados a partir do dia da apuração.
Só serão válidos os trabalhos enviados no formato demarcado.
Os trabalhos serão escolhidos por um jun especial formado pela redação da revista Bizz.

A lista de premiação saira na Revista Bizz, edição nº 61, do mês de agosto.
A apuração será realizada à Av. Nações Unidas, 5.777 - Alto de Pinheiros - CEP 05477 - S. Paulo, no dia 02/07/90 às 14 horas.
Os trabalhos deverão ser entregues até o dia 25/06/90.
Os prêmios serão entregues na Editora Azul, ou nos distribuidores locais, caso o premiado resida fora da Grande São Paulo.
O premiado receberá comunicação por telegrama do local e prazo para a retirada dos prêmios.
Será vetada a participação de funcionários ou parentes de funcionários da Editora Azul.

Participe enviando esta página, com o cupom abaixo devidamente preenchido, para a Cruzada Bizz
Av. Nações Unidas, 5.777 - Alto de Pinheiros - CEP 05477 - São Paulo. A/C Depto. de Propaganda/Promoções - Div. Segmentados.

Nome _____

_____ Idade _____

Endereço _____

Bairro _____ Cep _____

Cidade _____ Estado _____

Telefone _____ É assinante de Bizz? ☐ Sim ☐ Não ☐

Assinatura _____

A palavra chave é: ☐☐☐☐☐☐☐

RESULTADO DO ÚLTIMO Nº:

ESPAÇO RESERVADO PARA VOCÊ CRIAR A MAIOR LOUCURA.

COSMOS
SEMP TOSHIBA
MONTAG
TEKCICLO
Fabricante da Bicicleta Bizz
SONY
SPY
sunglasses
CBS

CHANGESBOWIE / SPACE ODDITY / THE MAN WHO SOLD THE WORLD / HUNKY DORY — DAVID BOWIE (Rykod sc/EMI-Odeon)

Cuidado, voces *rock n rollers*... Um dia desses, vão envelhecer" ("Oh! You Pretty Things" *Hunky Dory*, 72)

Em algum dia de algum mês de 85, em alguma radio, eu ouvi pela primeira vez Bowie (secundado por *Pat Metheny*!!!) cantar "This Is Not America".

Desde o sulfurico *Scary Monsters* (80), O Rosto dos Anos 70 parecia prestes a perder o pulso e o fio de corte. Em 83, *Let's Dance* e a turnê *Serious Moonlight* o haviam colocado ate na capa da *Time*, e o planeta foi seduzido por uma paixão que a Europa já cultivava desde os anos Ziggy Stardust" (72,73). "Let's Dance", o compacto, é sem duvida Grande Pop um irrecusavel convite à dança em meio a insinuaçoes de apocalipse iminente e uma produção bombastica de Nile Rodgers. Mas alem desta faixa-titulo, de "China Girl" (ainda melhor na gravaçao original de Iggy Pop) e "Modern Love", talvez nem o proprio Bowie lembre o que mais havia em *Let's Dance*, o LP.

Mas, para mim, o dia em que o homem envelheceu e caiu na terra foi aquele, com Pat Metheny diante do rádio. Os anos 80 não foram faceis para os fas de Bowie. O mais triste — depois do inominavel *Never Let Me Down* — foi testemunhar, no caso Tin Machine, um mestre do estilo deixar de ser perseguido por uma legião de imitadores e discipulos e passar a perseguidor de "um som mais atual", um coquetel de guitarras à la Glenn Branca, Sonic Youth e Pixies, com "consciência politica".

Porque durante toda uma decada — estes relançamentos comprovam, mais uma vez — simplesmente não houve pareo para Bowie no picadeiro pop. Adjetivos como "revolucionario" e "inovador" não cabem. Foi como manipulador, alquimista de influencias e mestre-de-cenmônias de um teatro de mascaras que ele amamentou toda uma geraçao — do Duran Duran ao Jesus & Mary Chain — e recriou a historia do rock n roll! Pelo menos 90% dos ingleses hoje entrando na casa dos trinta devem a Bowie sua introdução a Velvet Underground, Iggy Pop, Nietzsche, William Burroughs, expressionismo alemão, Jacques Brel, Kurt Weil etc. etc. etc

Desses "anos dourados", a fase de arranque representada pelos três LPs reeditados pela Rykodisc e das mais interessantes. Para bowieófilos doentes, a atração fatal está nas faixas raríssimas incluídas nas versoes em cassete e CD — alem de uma primorosa embalagem recuperando as capas originais.

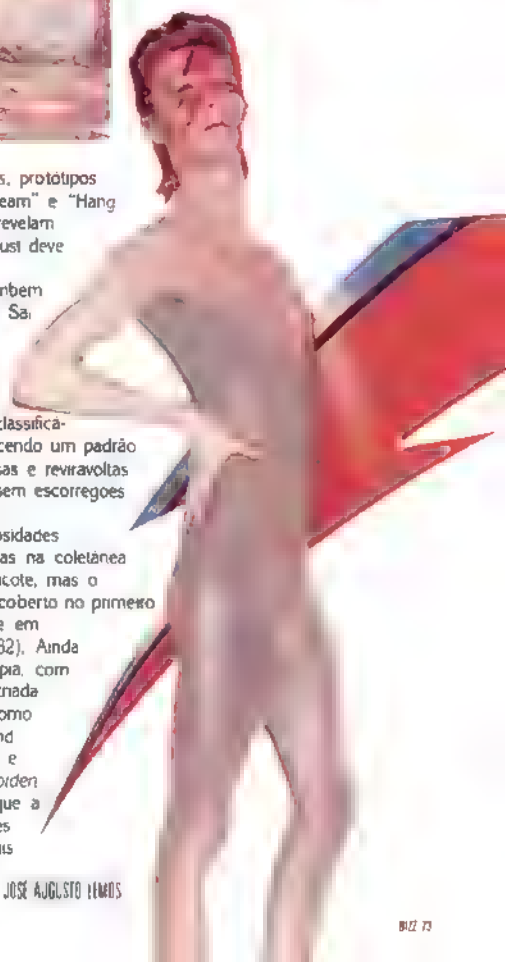
Lançado como *Man Of Words/Man Of Music* em 69, *Space Oddity* é a transição, esquizofrênica por excelencia, entre o folk literario de Dylan e os "apocalipses iminentes". Cantor-compositor de violão em punho, um Bowie pos-hippy testa todas as vozes sem encontrar a sua, mas a procura é fascinante. Alem de uma vinheta idiota de quarenta segundos, eliminada de todas as ediçoes posteriores, a Rykodisc recupera como *bonus tracks* "Conversation Piece" (lado B) e a versão em compacto de "Memory Of A Free Festival".

The Man Who Sold The World (70) traz o "ator partido" enfim com uma banda, embrião do Spiders from Mars (que o seguirá ate 73), e marca o auge de sua colaboração com o baixista-arranjador-produtor Tony Visconti. Heavy metal *d'après* Nietzsche e Aleister Crowley, pansexualismo e psicose com a capa original — Bowie de vestido, num divã (1970!). Clássico básico.

Entre as faixas *bonus*, protótipos de "Moonage Day-dream" e "Hang Onto Yourself", que revelam o quanto Ziggy Stardust deve a Marc Bolan.

Classico, basico tambem é *Hunky Dory* (71). Sai a metaleira eletrica, entram orquestrações megalomaniacas para criar um dos discos mais excêntricos e inclassificáveis do pop, estabelecendo um padrão visionario de surpresas e reviravoltas que Bowie manteria sem escorregoes até *Scary Monsters*.

Algumas das preciosidades podem ser encontradas na coletânea que acompanha o pacote, mas o período está melhor coberto no primeiro *ChangesBowie* (76) e em *ChangesTwoBowie* (82). Ainda assim, o lado 3 arrepia, com gemas da fase expatriada (L.A.—Berlim—NY.) como "Golden Years", "Sound And Vision", "Heroes" e "Ashes To Ashes". *Golden years, indeed*. E o que a gente pode fazer? Eles não voltam nunca mais.



JOSÉ AUGUSTO LEMOS

BACK ON THE BLOCK — Quincy Jones (Qwest/WEA)

Por ordem de entrada: os rappers Ice-T, Melle Mel, Big Daddy Kane, Kool Moe Dee; as vozes de Ray Charles e Chaka Khan, Ella Fitzgerald e Sarah Vaughan; Bobby McFerrin e Al Jarreau, um improvável *combo* reunindo Dizzy, Miles, George Benson, Joe Zawinul, George Duke, Herbie Hancock, Sheila E. Parece filme japonês: só mesmo o prestígio de Quincy para arregimentar tanto monstro em um único cenário...

Na verdade, o hip hop forneceu, ao lado do bebop, o ângulo que ele precisava para abordar uma velha idéia — a de um disco-síntese de sua carreira, de trompetista de jazz e soul, bandleader na Europa, compositor e arranjador a *boss* negro da indústria — o primeiro dos EUA — e produtor pop milionário. Uma trajetória colada à própria evolução da *black music*. Ao longo de oito meses, em estúdios de Los Angeles, São Francisco e Nashville, Quincy costurou as participações de 90 (!) músicos e vocalistas. O primeiro lado do disco impressiona. Na abertura, os rappers saúdam a volta do "Dude" ao vinil, depois de nove anos — e é um gozo ouvir T, Mel e Dee juntos, seguidos por um coro zulu em que pontifica o menino Tevin Campbell (doze anos, um substituto para o Michael Jackson que a CBS não liberou). Ray Charles e Chaka Khan fazem de "I'll Be Good To You" outro ponto alto, de um balanço acachapante. "Wee B. Dooinit" é uma fantasia vocal, com as peças de bateria, baixo e sopros sampleados ou gravados diretamente de ruídos humanos (cortesia de Bob by McFerrin), mais os *scats* de Ella e Sarah (juntas pela primeira vez) e Al Jarreau.

No lado B, no entanto, o truque de Quincy dá para trás. Um diálogo (montado) de Lester Young e Dizzy sobre Charlie Parker, seguido de um trecho do próprio Bird em "Night In Tunisia", introduz "Birdland" (do branco Zawinul, bem calcada no arranjo original), com uma edição de solos dos trompetes de Dizzy e Miles — o que seria outro encontro inédito —, e mais James Moody, George Benson, Ella e Sarah. Mas a faísca incendiária do bop não se produz assim. E nem oito sintetizadores requentam a pentelha "Setembro" de Ivan Lins... Brega por brega, fique com o irresistível vozeirão de travesseiro de Barry White em "The Garden Of Secrets". *Alex Antunes*

VELVETEEN — Transvision Vamp (MCA/WEA)

O Transvision Vamp é pré-fabricado, derivativo e pós-moderno no pior sentido da palavra. Dito isso, a banda é uma delícia. Primeiro e antes de mais nada por causa da falsa loura Wendy James, com sua voz e visual de piranha de doze anos. Segundo, pela atitude do T-Vamp. As letras são hilárias e o som é um chiclete hard-pop de primeira. Os clássicos instantâneos são "Born To Be Sold", "Kiss Their Sons" (alô Lou Reed) e a tórrida "Baby I Don't Care". Tesão total. *A.F.*

THE GOLDEN WIRE — Andy Summers (Private Music/BMG-Ariola)

Guitarrista de quilométrico currículo desde meados dos anos 60, Summers sempre demonstrou certa indefinição musical em sua trajetória posterior ao Police: primeiro nos dois álbuns ao lado de Robert Fripp e depois em sua extemporânea carreira solo, iniciada em 87 com o LP *XYZ*. Se ali ele ameaçava render-se ao pop sem muita convicção, no álbum seguinte — *Mysterious Barricades* (88) — Summers optaria por etéreos climas instrumentais, igualmente sem maior inspiração. É nesta mesma linha, mas com muito mais foco e consistência, que se situa este seu terceiro LP (como os anteriores, coproduzidos com o tecladista David Hentschel): um disco digno, mas que não chega a entusiasmar. *C.P.*

PLURAL — Gal Costa (RCA/BMG-Ariola)

A diva leGal fa-tal mistura *standards* de Cole Porter e Rodgers/Hart, MPB dos anos dourados, Bahia, Arnaldo Antunes e Jorge Benjor e demonstra o que é *cool* e *savoir faire* a novatas que usam o "pluralismo" como suporte para o exibicionismo. De quebra, faz seu melhor LP desde *Tropical* (79). Infelizmente há um efeito pastiche à solta em alguns teclados de bufê e na mixagem que relega o ritmo a segundo e terceiro planos. Mas, *comme d'habitude*, Carlinhos Brown faz milagre, transformando "Brilho De Beleza" e "Zanzando" em banquetes dançantes. A própria Gal já está acostumada a brilhar apesar de produções de glacê e poliéster. Quando será que ela vai gravar a versão de Augusto de Campos para o *Pierrot Lunaire*? *J.A.L.*

...TWICE SHY — Great White (Capitol/EMI-Odeon)

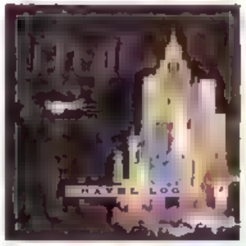
Este novo trabalho do GW pode ser considerado o melhor de sua carreira, iniciada em Los Angeles de forma muito mais pesada em 82. Isso porque o grupo conseguiu adquirir uma personalidade sonora própria, afastando-se em parte das influências zeppelinianas que marcam tantos outros grupos atuais do estilo. Na dúvida, ouça a cover de "Once Bitten, Twice Shy" (de Ian Hunter), que inspirou o título do LP. *L.R.*

WAKEY, WAKEY! — The Toy Dolls (Receiver/Stiletto)

Em 68, o rock ganhou — através do grupo inglês Love Sculpture — uma frenética versão para "Sabre Dance". Vinte e dois anos depois, os Toy Dolls retomam o célebre tema de Khatchaturian e simplesmente pulverizam seu antecessor. Além desse desvario, o novo LP do trio punk vai ainda bem mais além: exuma os despojos de Leadbelly ("Goodnight Irene"), joga pó-de-mico em Chuck Berry ("No Particular Place To Go") e, em mais onze composições inéditas, consuma sua bem-humorada iconoclastia musical. *A.G.C.D.*

BOOK OF DAYS — Psychedelic Furs (CBS)

O sempre popular truque do artistinha torturado ataca novamente. O Psy Furs, que, lá por 83, habitou durante uns quinze minutos o olimpo pop reservado ao Echo e quetais, pisa na bola de novo com este *Book Of Days*. O disco é especialmente desapontador porque se esperava maravilhas de Richard Butler, seu vocalista e principal compositor pós-desintoxicação. Pois eu gostava mais dele quando era um bêbado. Salvam-se do naufrágio "Torch", *passée* mas singelinha, e a hendrixiana "Mother-Son", em que Jon Ashton prova de vez que é um grande guitarrista. *A.F.*



TRAVEL LOG — J.J. Cale (Silvertone/BMG-Ariola)

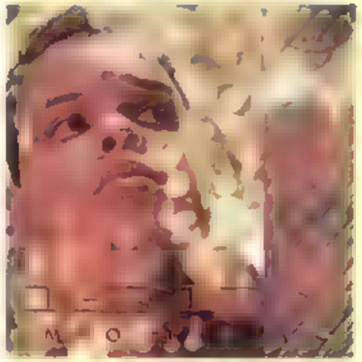
Mesmo contando com apenas seis álbuns gravados entre 72 e 81, este cantor/guitarrista/compositor natural de Oklahoma teve influência decisiva na fase anos 70 de Eric Clapton — cujo primeiro hit em carreira solo foi a canção "After Midnight", de Cale, também autor da famigerada "Cocaine" — e nos trabalhos iniciais dos Dire Straits. Isso devido ao seu peculiar estilo de tocar, com fraseados limpos, contidos e econômicos que indiretamente remetem aos riffs de blues, aliados aos seus vocais *cool* e semi-sussurrados. Agora, aos 51 anos, depois de um longo período de afastamento do vinil, ele retorna com este *Travel-Log*. Gravado em esporádicas sessões de estúdio entre 84 e 89, o LP mesmo assim apresenta uma notável unidade intrínseca, mérito principal do inspirado material de Cale (com especial destaque para o balanço de "Lady Luck" e "Lean On Me" e as intimistas "End Of The Line" e "Humdinger"), sem se esquecer de seu discreto, mas sempre eficiente, grupo de apoio. *C.P.*

RAIN DANCE — Naná Vasconcelos & The Bushdancers (Antilles/PolyGram)

Depois do solo *Bushdance* (seu álbum de 85, de inflexão pop, e o primeiro em que utilizou a *drum machine* combinada com ritmos brasileiros), o percussionista Naná parte agora para um trabalho em banda (Cyro Baptista, percussão; Sérgio Brandão, baixo; e o tecladista suíço Teese Gohl). Momentos de grande beleza melódica — "Bird Boy" (parceria com Don Cherry), "Bemtevi", "Rain Dance" — ou de irresistível balanço (o tecnobaião "Aname"), além do trabalho que credenciou Naná entre os grandes do jazz moderno, com berimbau e voz (em "Eh! Bahia"), convivem com alguns clichês de teclados ou MPB meramente singela ("Olhos Azuis", "Cantei Oba"). No conjunto, muito bom. *A.A.*

LED ZEPPELIN (Atlantic/WEA)

No ano passado, os agraciados foram os fãs de Eric Clapton (quatro LPs) e Elvis Presley (cinco LPs). Em 90, depois da pisada na bola da PolyGram, que resolveu suspender o lançamento da aguardada *The London Years*, dos Stones, a WEA edita uma caixa (de material plástico) contendo nada menos que os cinco primeiros álbuns do Led Zeppelin. A princípio, seria motivo suficiente para os admiradores da banda darem pulos de alegria, mas as coisas não são bem assim... Talvez o maior problema desta caixa seja a supressão das capas originais dos LPs, substituídas por um encarte com algumas das ilustrações contidas nelas e um texto informativo um tanto incompleto. Outro porém seria a ausência das fichas técnicas dos LPs originais, que também deveriam constar deste pacote. No entanto, nenhum desses detalhes irá embaçar o puro prazer que os zeppelinmaníacos terão em (re)ouvir em vinil novinho cinco das obras máximas do Led. Do delírio elétrico do I e II, passando pelo peso acústico do III e o esoterismo do álbum sem título, até chegar na diversidade de *Houses Of The Holy*. Imperdível para neófitos. *C.P.*



UM CONTRATO COM DEUS — Ed Motta (WEA)

Competência, convicção e criatividade. Este trinômio deve estar sempre presente (e bem dosado) quando se espera algo de qualidade na música pop. Em sua precoce carreira, Ed Motta ainda não encontrou equilíbrio entre os três mandamentos acima. OK, ponderemos sua pouca idade.

O quesito competência merece nota dez em *Um Contrato Com Deus*: acompanhado exclusivamente por Bombom (salvo sopros e cordas), Ed compôs, arranjou, executou, produziu e mixou todas as faixas do LP — sempre dividindo as tarefas com seu fiel escudeiro ex-Conexão Japeri. Convicção também não é o que falta, já que Ed acredita que faz o melhor e sua voz superdotada garante um desempenho infalível.

Aos dezoito anos e com a experiência de um álbum de estréia que o lançou ao estrelato com dois hits de peso, Ed Motta já poderia ter descoberto que a cópia é inimiga da perfeição. Por enquanto, ele parece estar convicto do contrário. Por melhor intencionado que estivesse, o *príncipe brasileiro do soul* não soube fazer muito senão reproduzir os mestres norte-americanos que educaram seus ouvidos, sua voz e sua musicalidade. Ao menos teve bom gosto — expresso em todos os aspectos do disco, da capa ao selo, do primeiro ao último sulco. Até a infantilidade das letras não incomoda. Afinal, são meros acessórios em um gênero onde a *música* é supervalorizada.

Neste disco ainda é possível detectar novidades: ele é bastante homogêneo e suas canções são quase sempre agradáveis. As faixas não se assemelham muito com hits, embora "Shake, Shake Baby" e "Body" devam cumprir este papel. Isoladas, no entanto, não representam exatamente o que é o LP.

A novidade não se encontra em nenhuma das faixas, mas sim no que está entre elas. Nove vinhetas ligam cada uma das composições. São sutis, bem-feitas e na medida certa. A maior delas ("Bye Bye Bird", com quase um minuto e meio) tem na gaita do *blues etílico* Flávio Guimarães uma das melhores surpresas do vinil. No conjunto, as vinhetas quase superam o resto, indicando que a dupla Bombom/Ed Motta ainda tem de percorrer uma longa estrada até aprender a compor.

Ed já sabe fazer tudo num disco. O tempo o ensinará a fazer melhor. *Celso Masson*

MOSAIQUE — Gipsy Kings (CBS)

O sexteto de guitarristas ciganos volta à carga neste segundo LP respaldado pelo sucesso do anterior, ampliando seu leque de referências — há inflexões de música árabe ("Viento Del Arena"), bossa nova ("Bossamba") e jazz ("Mosaque") — e decididamente mais inclinado ao pop. Apesar de não ter no conjunto a mesma inspiração do álbum de estreia, há momentos de brilho, especialmente nos vôos instrumentais das guitarras flamencas ("Passion", "Liberte"). Para não perder a mania, desta vez a versão brega é "Volare (Nel Blu, Di Pinto Di Blu)" *C.P*

TRIAL BY FIRE (LIVE IN LENINGRAD) — Yngwie Malmsteen (Polydor/PolyGram) **THE 7TH OF NEVER — Chastain** (Leviathan Rock Brigade)

Levado à URSS pelos ventos da perestroika, Malmsteen — o Paganini da guitarra metálica — demonstra neste LP ao vivo toda sua perícia no instrumento, com solos ininterruptos ao longo de nove dos seus temas mais marcantes e até em uma versão de "Spanish Castle Magic", de Hendrix. Como sempre, o grupo que o acompanha funciona como mero coadjuvante para suas evoluções guitarrísticas, baseadas em influências clássicas e no metal dos anos 70, uma mistura na qual fez escola. Nesta trilha aberta por Malmsteen, surge David T Chastain. *The 7th Of Never* é seu segundo trabalho a sair no Brasil e traz um heavy competente escorado por uma boa banda. Vale notar também que Chastain não é tão egocêntrico como Malmsteen, deixando espaço para seus companheiros mostrarem serviço. *L.R*

BREAK OF HEARTS — Katrina & The Waves (A&M, EMI-Odeon)

Quando este grupo surgiu em 85 fazendo uma saudável trama de *tex-mex*, blues, baladas e rock n roll, chegou a insinuar que teria fôlego para transitar no setor revivalista junto a formações como The Blasters, Los Lobos, Bodeans e Del Fuegos. Ledo engano. Deteriorando-se a olhos vistos, eles debandam agora para os domínios do mainstream e do mais nefasto rock de arena. Restam ao menos duas exceções: a suingante faixa-título e o sangelo single do álbum, "Rock n'Roll Girl" *A.G.C.D*

BIG TRASH — Thompson Twins (Warner /WEA)

Em 83, eles despontaram como um dos expoentes do pop chic, mas logo tombaram feio nas criadas da descartabilidade. Agora, tentando dar a volta por cima, o duo formado por Tom Bailey e Allanah Currie retoma com este LP infelizmente, a essência do trabalho é oca e os arranjos quase sempre derrapam no convencionalismo. O maior destaque fica mesmo com a microapanção de Debbie Harry em "Queen Of The USA" *F.N.*

READING, WRITING AND ARITHMETIC — The Sundays (Rough Trade/Stiletto)

Felizmente, os Sundays não são apenas mais uma daquelas "sensações" produzidas pela imprensa inglesa e condenadas ao esquecimento rápido. Embora eles não proponham nada de original, há algo mais aqui do que simples nostalgia vestida de arrogância (da qual os maiores representantes são, atualmente, os Stone Roses): o que os sulcos do vinil revelam é um pop irresistivelmente belo, que cresce a cada nova audição.

A principal responsável por isso é a vocalista Harriet Wheeler, uma espécie de cruzamento de Suzanne Vega com Liz Fraser, dos Cocteau Twins. Eis é o tempero especial que empresta um novo sabor a um prato já requentado inúmeras vezes: pop suave inspirado nos *sixties*, com estrutura simples, melodias lineares e guitarras delicadamente dedilhadas.

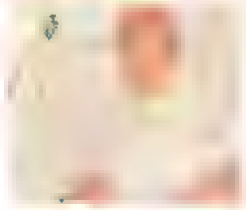
Qualquer semelhança com os Smiths não é mera coincidência. O grupo nunca negou ter sido fortemente influenciado pelas composições de Morrissey e Johnny Marr. É verdade que no caso de "I Kicked A Boy", essa influência chega bem próximo do plágio propriamente dito. Mas no restante do LP as semelhanças estão apenas nos ecos da guitarra de Marr, ou na mesma atração por títulos longos e auto-explicativos. Prevalece o brilho de composições como "Can't Be Sure" ou "You're Not The Only One I Know", em que o guitarrista David Gavurin conduz habilmente a gradual sobreposição de cordas, criando um clima hipnótico e envolvente.

A serenidade só é quebrada em dois momentos: "A Certain Someone" e "I Won", as faixas dançantes (bem, quase...) do disco. Em "My Finest Hour", a banda prefere enveredar pelos caminhos da balada folk, enquanto Harriet arrisca seus vôos mais ousados, no melhor estilo Liz Fraser. Destaque ainda para o belo trabalho de guitarra de "Skin And Bone" e para as texturas delicadas de "Joy", a faixa que encerra o álbum.

Quem está atrás de novidades irá fatalmente se decepcionar com *Reading, Writing and Arithmetic*. Mas ele continua sendo uma boa indicação para os que gostam de pop bem-feito — ainda que, no final, dê uma vontade danada de ouvir os primeiros LPs dos Smiths.

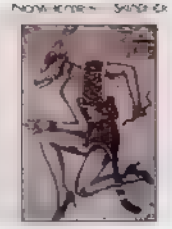
Marisa Adán Gil

DENISE ASSUNÇÃO



A MAIOR GAROTA BRASILEIRA — Denise Assunção (Baratos Afins)

Em seu álbum de estreia, a cantora Denise Assunção prova que nem só através de mero oportunismo e apadrinhamentos surgem novas vozes femininas na atual MPB (e exemplos disso existem aos montes). Com uma produção modesta, Denise conseguiu estrear em vinil com uma segurança e personalidade notáveis, secundada por uma banda extremamente eficiente e um ótimo repertório, em que brilham "Puisars E Quasars" (de Macalé e Capinan), "Planeta X", "Baby" e "Coração Absurdo", assinadas pelo menino Itamar. *C.P*



SURRENDER — Nona Hendryx (Private Music/BMG-Ariola)

Nona, a diva negra que estreou no soul com o trio LaBelle e brilhou em colaborações com a vanguarda branca — Material e Talking Heads —, desta vez caiu na armadilha: o selo *new age* Private Music, do produtor alemão, radicado nos EUA, Peter Baumann (ex-Tangerine Dream). Sem vestígio da garra e da graça que sempre marcaram suas atuações, Nona canta letras pretensiosas ensopadas num caldo raio de sintetizadores e percussão brochada. Não se deixe enganar pela bela capa: fuja. *A.A*

POR QUÊ ULTRAJE A RIGOR? — Ultraje A Rigor (WEA)

Afinal, que banda de rock que se preze não amargou no passado temporadas em alguma garagem abandonada, ensaiando — para desespero da vizinhança — um repertório à base de covers? Fiel às suas origens, o Ultraje escancara o baú, espana a poeira e vem rememorar em público alguns dos números que constavam de seu beabá musical. Com quatorze das dezessete faixas abaixo dos três minutos de duração, essa impagável coleção reúne gemas *trash* ("Nobody But Me" obra dos Isley Brothers imortalizada pelo Human Beinz), temas de seriados televisivos (*Os Monstros*) *surf music* ("Barbara Ann"), canções da jovem guarda ("Vem Quente Que Eu Estou Fervendo") e rock n roll básico ("Slow Down", "Runaway"), além da primeira música composta pelo grupo: a inenarrável "Mauro Bundinha". Em suma, uma coleção de canções que trazem dança e diversão plenamente garantidas. *A.G.C.D*

THE LONDON SESSIONS — Howlin' Wolf/Muddy Waters/Chuck Berry/Bo Diddley (Chess/WEA)

Tanto de casa nunca fez miragre, ainda mais no terreno profano do rock n roll. A prova disso poderia ser encontrada nos últimos anos da década de 50, enquanto os EUA tendiam a diluir esta nova forma musical em arranjos adocicados, a Inglaterra começava a ser tomada de assalto pelos discos do cast da gravadora Chess, de Chicago e pelas primeiras excursões dos grandes *bluesmen* pelo país. Estes seriam fatores determinantes na formação da musicalidade dos Beatles, Stones, Animals, Yardbirds, Kinks e outros grupos que, no reverso da moeda, a partir de 64, atravessariam o Atlântico para explodir nos EUA, iniciando assim a chamada *british invasion*.

Claro que aqueles ilustres patriarcas do blues e rock n roll haveriam de merecer de seus discípulos vários tributos e, dentre eles, esta coleção de quatro álbuns — editada originalmente pela Chess entre 71 e 73 — teve um lugar de destaque. O LP que inaugurou a série foi *The London Howlin' Wolf Sessions*, trazendo a voz roufenha de Chester Burnett (Wolf) em doze antológicas interpretações, junto a um acompanhamento *all star* que incluía Eric Clapton, Steve Winwood e a cozinha dos Stones (Bill Wyman e Charlie Watts), além de *sessionmen* veteranos de Chicago como o guitarrista Hubert Sumlin e o pianista Lafayette Leake (em três faixas). O álbum seguinte, *The London Muddy Waters Sessions*, obedecia praticamente a este mesmo esquema, só que com um grupo de apoio um tanto mais modesto (com destaque para o guitarrista irlandês Rory Gallagher e Mitch Mitchell, ex-baterista do Jimi Hendrix Experience) para secundar o velho e bom McKinley Morganfield (Muddy). Já *The London Chuck Berry Sessions* traz só um de seus lados gravados em estúdio (com as presenças do pianista Ian McLagan e do baterista Kenny Jones, dos Faces), enquanto a maior atração ficava com a hilária versão ao vivo de "My Ding-A-Ling". Finalmente, *The London Bo Diddley Session* apresentava o ritmo inconfundível da guitarra-turbo de Elias McDaniel (Bo) um tanto longe de sua crueza original e cercada por um instrumental massudo, mas sem nunca perder seu toque de classe. Em suma, quatro bolachas de primeira. *Celso Pucci*

RESULTS — Liza Minelli (Epic/CBS)

Esse LP é a obra máxima da gavozice 89. Não perde nem para o último de Marc Almond. É puro cabaré, filtrado pelo comercialismo *blasé* dos Pet Shop Boys, produtores do disco. Mas o que pode ter caído em mera paródia bem-acabada terminou rendendo um vinil simultaneamente cafona e podre de chique. Da capa à participação do sax de Courtney Pine e à citação de Shakespeare em "If There Was Love"; da voz de quem já tomou todas de Liza à versão revista e melhorada de "Twist In My Sobriety", hit da chata Tanita Tikaram, tudo é perfeito em *Results*. *A.F*

READ MY LIPS — Jimmy Somerville (London/PolyGram)

Nos tempos do Bronski Beat, como um "filho amancado de Whitman", ele cantou a saga do gay massacrado pelas discriminações. Com os Communards se tornou um implacável militante do lado obscuro das minorias. Agora, em seu primeiro LP solo, Jimmy uniu seu background a diretrizes ainda mais contundentes: entre requintados artifícios de disco *music*, suas palavras derramam lágrimas em canções próprias, na versão disco de "Comment Te Dire Adieu" e na sublime releitura para "You Make Me Feel (Mighty Real)". *F.N.*

LEVEL BEST (A COLLECTION OF THEIR GREATEST HITS) — Level 42 (Polydor/PolyGram)

Liderando um imenso rol de formações inglesas — Funkapolitan, Linx, Galaxy etc. — voltadas para o hibridismo soul/funk/pop no início dos anos 80, o Level 42 sempre colocou a técnica acima do feeling e da criatividade. Se a fórmula deu certo na terra natal, nos EUA o grupo encontrou um merecido desprezo, tendo faturado apenas um reles 14.º lugar na Billboard ("Lessons In Love") durante toda sua carreira. Para quem se importa, esta coletânea reúne seus "melhores momentos". *A.G.C.D.*

RÁPIDO & RASTEIRO

Invasão dos tiranossauros! A lista de lançamentos recentes das "cinco irmãs" (as gravadoras que controlam, na prática, 90% do que você ouve) sugere que ninguém abaixo dos 35 anos está fazendo nada de interessante. A lista dos matusaiens yuppies do mês começa obrigatoriamente com **Eric Clapton**, o rei das FMs americanas. Seu [illegible] (Reprise/WEA) requenta todos os chavões de que eu já ouvi falar, passando até por uma constrangedora versão para "Hound Dog". Mas Clapton até que faz jus ao velho apelido de "deus" se comparado ao LP do **Bad English** (Epic/CBS) — a saber, uma parceria arena rock de John Waite (ex-Babys) com dois andróides saídos do babão Journey. Ou com **LEGACY** (RCA/BMG-Ariola), ressurreição do country rock dos anos 70 engendrada pelo **Poco**, remédio certo para insônia de bovinos. [illegible] (Geffen/WEA) prova que a lista de cirurgias por que **Cher** já passou inclui uma lobotomia frontal — agora, ela podia dar um trato em suas cordas vocais. Mas triste mesmo é o LP da volta do "semi-nal" [illegible]fferson Airplane (Epic/CBS), um dos mais importantes grupos da cena psicodélica de San Francisco nos anos 60, reduzido aqui a menos que nada. O disco é tão ruim que sugere uma paródia deliberada, tipo sobreviventes da hippielândia destroem seus cérebros com ácido e acabam fazendo covers de seus próprios imitadores". **IDOL SONGS (11 OF THE BEST)**, do Chrysalis/EMI-Odeon, é a milionésima antologia de [illegible] e até que é bem divertida, levando-se em conta que o termo "punk de butique" foi inventado para ele. Bom disco para festas. **A**lguma gravadora quer, por favor, trazer seus contratados baianos para virem gravar no sul-maravilha? Apesar dos conglomerados afro-baianos não serem bem a minha praia, está na cara que tanto o **Olodum** como a Banda R[illegible] podiam render muito mais do que mostram os LPs [illegible] [illegible] 10 ANOS DO DESERTO DO SAARA AO NORDESTE BRASILEIRO da Continental, e [illegible], da EMI-Odeon. Ao vivo, até que o reggae/afoxé dos caras funciona, a transição para o vinil ainda não deu certo. Ah, e uma sugestão: que tal cantar em norueguês, swahili ou algo assim? Pode ser difícil, mas pelo menos ninguém seria obrigado a escutar letras cretinas como as dos dois discos. Bem melhor é [illegible]rônimo: seu **DANÇARINO** (EMI-Odeon) é uma injeção de Bahia nas veias, apesar de ter também problemas de gravação. Quem dera a nova geração de baianos tivesse o preciosismo sonoro de **João Gilberto**. A antologia dele que a Verve/PolyGram soltou é bem marreta, mas só suas versões para "Izaura" e "Águas De Março" já valem o preço do LP. **E** agora para dançar: THE BIZ NEVER S[illegible] (Warner/WEA) com **The Diabolical Biz Markie** não é nada de mais, mas vale pela raridade dos discos de *raggamuffin'* no Brasil. E [illegible] (RCA/BMG-Ariola), a colagem de velhos hits dos anos 40, 50 e 60 da **Jive Bunny And The Mastermixers** leva o prêmio de mais repugnante armação dançável desde *Hooked On Classics*.

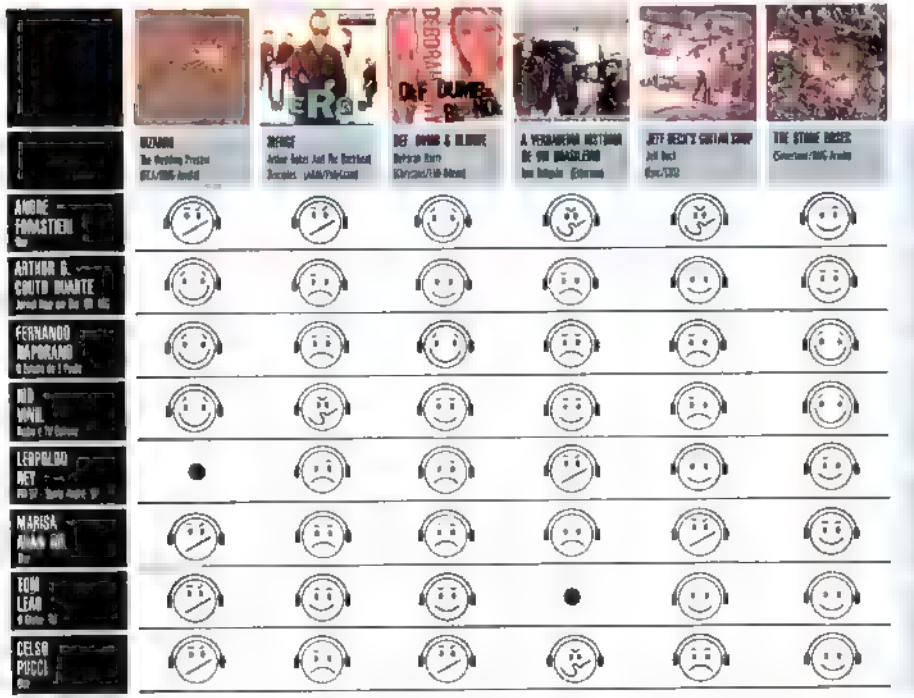
ANDRÉ FORASTIERI

COMPACTO DISC

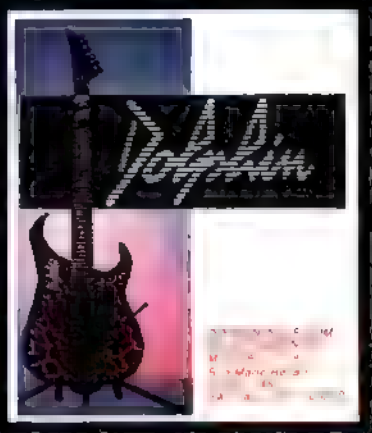
Com a nova realidade de recessão econômica que o país vem atravessando, houve uma significativa redução no número de títulos lançados em CD, o que diminuiu ainda mais a parca quantidade de bons títulos disponíveis no mercado. Entre as poucas boas opções, temos a antologia dupla **THE STORY OF THE CLASH** (Epic/CBS), que localiza alguns dos momentos mais importantes da carreira do grupo londrino, inclusive várias faixas que não constam dos LPs da banda já lançados por aqui (que poderiam muito bem ter versões também em *compact disc*). **THE GOLDEN WIRE**, de **Andy Summers**, e **SKINDIVER**, de **Nona Hendryx**, (ambos Private Music/BMG-Ariola) não são edições muito convidativas mas, de qualquer forma, ainda conseguem ser melhores que os insípidos trabalhos mais recentes de **Eric Clapton** (**JOURNEYMAN**, Reprise/WEA) e **Phil Collins** (**...BUT SERIOUSLY**, Warner/WEA). No setor nacional, o maior destaque fica com o segundo álbum de **João Bosco**, **CAÇA À RAPOSA** (RCA/BMG-Ariola). Editado originalmente em 75, o disco revelou algumas das melhores músicas do compositor e violonista mineiro, como "O Mestre-Sala Dos Mares", "De Frente Pro Crime" e "Kid Cavaquinho". Vale citar também os lançamentos de **PLURAL** (RCA/BMG-Ariola), de **Gal Costa**, e **TODOS OS LADOS** (Polydor/PolyGram), do **Capital Inicial**.

CELSO PUCCI

DISCADEDISCOS



INSTRUMENTOS & ACESSÓRIOS



PESSOAS TALENTOSAS SEMPRE EMOCIONAM

instrumentos importados e nacionais
instrumentos sob encomenda
orientação especializada
máquinas e mesas para gravação

KORG · ONKYO · FOSTEX · TASCAM · Tagima · Ibanez · YAMAHA · METEORO · Works · Olivar · RANE · Pearl · YAMAHA

GANG
INSTRUMENTOS MUSICAIS
Rua Teodoro Sampaio, 826
Pinheiros CEP 05406 São Paulo SP
Tels.: (011) 883-1673 e 881-7619

MUSICOS
Instrumento de última geração
BAIXOS TECLADOS
GUITARRAS MESAS
AMPLIS BATERIAS
NACIONAL E IMPORTADO
Rua Teodoro Sampaio, 825
Tels. (011)282 8002 e 280 2655
CEP 05406 - Pinheiros
São Paulo - SP

Giannini
SEMPRE EM BUSCA DO MELHOR

Escala de Ébano com Trastes Jumbo
Ajustável vibrato Kahler importado com Micro Afinação
Captadores Seleci EMG importados
Circuito Ativo
Tarrachas importadas.
LANÇAMENTO NOVA LINHA
7 CORDAS
6 BAIXOS
Rua Guaipá, 518 CEP 05089
Tel. (011)261 4322 São Paulo - SP

O SILÊNCIO NO SOM
Santo Angelo
Rua Maria Candida Pereira
Tel. (011)940 4155 Telex 11 65221

INSTRUMENTOS MUSICAIS IMPORTADOS DAS MAIS FAMOSAS MARCAS
Fender · Gibson USA · REMO · ART · Ovation
Violões, Guitarras, Pedais de Efeitos, Baterias, Pratos, Contra-baixos, Peles, Encordoamento, etc.
INTERCONTINENTAL IMP. E EXP.
Av. 7 de Setembro, 1251 - Sobre Loja nº 7 Centro
Tels (092)234-5796 e 233-3741
Manaus - AM

Irmão daquele esquentadinho favorito dos *papparazzi*, **Michael Penn** inaugurou sua carreira com um álbum eleito entre os melhores pela crítica da *Rolling Stone*. **MARCH** (RCA) demonstra que ele ouviu com extrema atenção todo o catálogo dos Beatles: são harmonias, arranjos e escolha de instrumentação pinçados diretamente do arsenal de assinaturas características do *fab four*. Com menos "homenagens" ("No Myth" cabeia sem remendos, num disco solo de John Lennon), Michael poderia fazer jus às expectativas que criou.

Saído das profundezas de Oakland, o **Digital Underground** é um dos grupos mais experimentais e conceitualistas surgidos no rap. São reverentes à "velha escola" (sampleando Donna Summer) e alucinados o suficiente para não apenas construir uma canção inteira ("The Way We Sing") em torno de um riff de Hendrix ("Who Knows") como também inventar uma nova droga: **SEX PACKETS** (Tommy Boy) são pílulas que garantem um gozo imaginário sem risco de vida.

Assim que os **Havalinas** (os "javalis") gostam de rock, acústico e malpassado, quase cru. Nascido num *pub* de Hollywood, da mistura dos estilhaços rockabilly dos Rockats (Tim McConnell e Smutty Smith) com o que sobrou dos fundamentalistas Cruzados (Charlie Quintana), o grupo se apresenta em seu álbum de estreia homônimo (Elektra) tão básico quanto se pode ser — nenhum músico convidado, um mínimo de *overdubs* — sem perder o apelo pop. Quando pegam fogo ("Not A Lot To Ask For") lembram os Stones na era protozoana.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

Batizando seu nome da fusão de uma canção dos Violent Femmes com o célebre personagem de Fritz Lang, o grupo **M. Walking On The Water** é um dos destaques da cena *indie* alemã. Mas, ao contrário da maioria de seus conterrâneos, este quarteto de Bremen dispensa os recursos eletrônicos em favor de uma instrumentação esdrúxula — acordeão, marimba, guitarras, percussão e algo chamado "nirostaphon"! — para criar uma música que se acerca tanto do country trebado dos Pogues quanto da lisergia dos *sixties* e das divagações oníricas do *oceanic rock*. No LP **PLUTO** (Fuego), a faixa-título sumariza bem ta, mixordia, com seu andamento (131 bpm) e tom (140,25 hertz) relacionando-se matematicamente à órbita que Plutão descreve ao redor do Sol.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

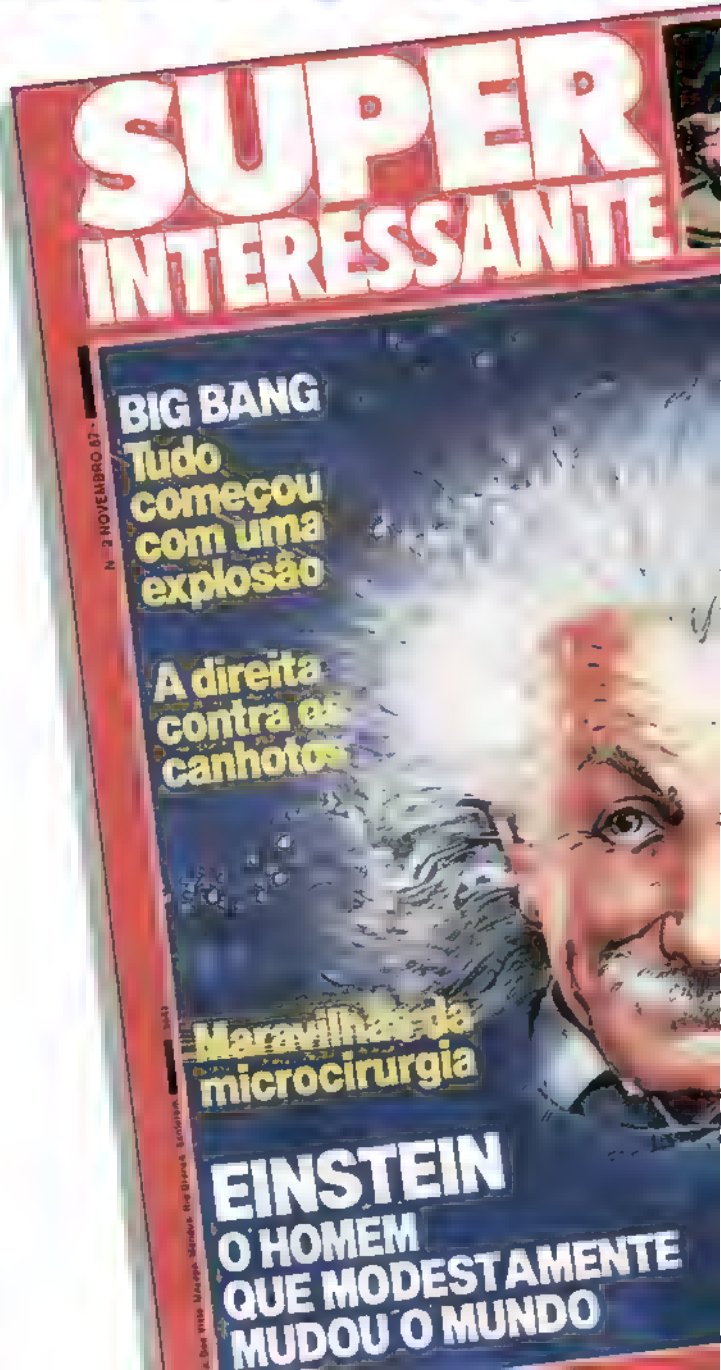
Unido pelo vocalista/guitarrista Peter Perrett e pelo ex-baterista do Spooky Tooth, Mike Kellie, o quarteto **The Only Ones** foi talvez a mais injustiçada banda da quarta geração do rock. Agora, quase sem nenhum alarde, dois antigos trabalhos deles vieram à luz: **THE PEEL SESSIONS ALBUM** (Strange Fruit) e **LIVE** (Mau Mau). Ambos resgatam divinas essências das *guitar bands*, algo como o elo perdido entre Lou Reed e o Television, envolto numa aura de beleza e espontaneidade que o tempo fingiu que não viu.

Apesar de ter nascido nos idos de 85, em Utah, só agora o quarteto **Iowa Beef Experience** conseguiu lançar seu primeiro álbum, **COOL-ASS GRAVITY TRAIN** (Vinyl Solution). Pesados e distantes de qualquer característica pop, eles demonstram ter um instrumental viril, ladeado por catarses intermitentes de heavy metal e pela violência do *hardcore*.

FERNANDO NAPORANO

Curiosidade sem limite.

Você sabe o que é a Teoria da Relatividade?
Como o corpo humano se defende dos vírus e das bactérias que o atacam?
Como foi formado o Universo?
Por que os gordos são gordos e os magros são magros?
Quais são as ameaças criadas pelo homem à sua própria sobrevivência?
Tudo aquilo que você não aprendeu na escola, porque era chato, difícil ou cheio de regras, e as novas descobertas que nem sempre dá para entender, por serem complicadas, estão todos os meses nas páginas de SUPERINTERESSANTE de forma simples, atraente, bem ilustrada.
Você vai ver como é fácil e gostoso saber mais sobre todas as coisas.
Leia SUPERINTERESSANTE, a revista para curiosos de todas as idades.



PENSE SUPER
4 ANOS
EDITORA ABRIL
TODO MÊS NAS BANCAS

P A R A D A

DAVID COVERDALE (WHITESNAKE)

LEITORES

1. *O Blesq Blom* (1) — Titas — WEA
2. *As Quatro Estacoes* (2) — Legiao Urbana — EMI-Odeon
3. *Amor Imenso* (5) — Engenheiros do Hawaii — BMG Ariola
4. *Stay* (N) — Oingo Boingo — WEA
5. *Steel Wheels* (R) — Rolling Stones — CBS
6. *In Brazil* (9) — Bon Jovi — PolyGram
7. *Bu Bung* (4) — Paraamas do Sucesso — EMI Odeon
8. *Acorde* (R) — Barao Vermelho — WEA
9. *The Seeds Of Love* (8) — Tears For Fears — PolyGram
10. *Sob O Sol De Paraisopolis* (R) — Lobao — BMG Ariola
11. *A Night To Remember* (3) — Cyndi Lauper — CBS
12. *A Parceria Do Diabo* (R) — Raul Seixas e Marcelo Nova — WEA
13. *Move To Move* (12) — Kon Kan — WEA
14. *Todos Os Lados* (N) — Capitai Inicial — PolyGram
15. *Crackers International* (R) — Erasure — WEA
16. *Forever Your Girl* (19) — Paula Abdul — EMI-Odeon
17. *Neither Fish Nor Flesh* (N) — Terence Trent D Arby — CBS
18. *Oh Mercy* (N) — Bob Dylan — [illegible]
19. *Club Classics Vol 1* (N) — Soul II Soul — EMI-Odeon
20. *Results* (N) — Liza Minelli — CBS

Lojas Consultadas: Camelo Negro e Cogumelo Discos, Belo Horizonte; Pop Som, Porto Alegre; Modern Sound e Sub Som, Rio de Janeiro; 220 Volts (Campinas), Baratos Afins, Musica Box e Woodstock Discos, São Paulo

L O J A S

1. *Slip Of The Tongue* (2) — Whitesnake — EMI-Odeon
2. *Tear By Fire (Live In Leningrad)* (16) — Yngwie Malmsteen — PolyGram
3. *Freedom* (16) — Neil Young — WEA
4. *Stay* (1) — Oingo Boingo — WEA
5. *GNR Lies* (5) — Guns N'Roses — WEA
6. *As Quatro Estacoes* (14) — Legiao Urbana — EMI-Odeon
7. *Wonderland* (N) — Erasure — WEA
8. *Controlled By Hatred* (N) — Suicidal Tendencies — [illegible]
9. *Journeyman* (N) — Eric Clapton — WEA
10. *Def, Dumb And Blonde* (N) — Deborah Harry — EMI-Odeon
11. *Brain Drain* (N) — [illegible] — EMI-Odeon
12. *O Blesq Blom* (17) — Titas — WEA
13. *But Seriously* (7) — [illegible] — WEA
14. *The Album* (N) — Jive Bunny & The Mastermixers — BMG-Ariola
15. *Labour Of Love II* (N) — UB-40 — EMI-Odeon
16. *The Stone Roses* (N) — Stone Roses — BMG-Ariola
17. *Um Contrato Com Deus* (N) — Ed Motta — WEA
18. *Travel-Log* (N) — J.J. Cale — BMG Ariola
19. *Brasil* (19) — Ratos de Porão — Eldorado
20. *Skid Row* (N) — Skid Row — WEA

LPs (EUA)

1. (1) *Forever Your Girl* — Paula Abdul (Virgin)
2. (2) *Rhythm Nation 1814* — Janet Jackson (A&M)
3. (4) *...But Seriously* — Phil Collins (Atlantic)
4. (N) *Soul Provider* — Michael Bolton (Columbia)
5. (N) *Nick Of Time* — Bonnie Raitt (Capitol)
6. (3) *Cosmic Thing* — B-52's (Reprise)
7. (N) *Cry Like A Rainstorm...* — Linda Ronstadt (Elektra)
8. (N) **Alannah Myles** (Atlantic)
9. (6) *Full Moon Fever* — Tom Petty (MCA)
10. (5) *Stormfront* — Billy Joel (Columbia)

LPs (GB)

1. (N) *I Do Not Want What...* — Sinead O'Connor (Ensign)
2. (N) *Now Dance 90* — Varios (Virgin/EMI/PolyGram)
3. (N) *Changesbowie* — David Bowie (EMI)
4. (1) *...But Seriously* — Phil Collins (Virgin)
5. (N) *Vivaldi, The Four Seasons* — Nigel Kennedy (EMI)
6. (N) *Missing...* — Notting Hillbillies (Vertigo)
7. (N) *Violator* — Depeche Mode (Mute)
8. (N) *Deep Heat 6 — The Sixth Sense* — Varios (Telstar)
9. (N) *2 Minutes To Midnight* — Iron Maiden (EMI)
10. (N) *The Essential* — Luciano Pavarotti (PolyGram)

LPs Independentes (GB)

1. (N) *Spectrum* — Sonic Boom (Silvertone)
2. (2) **The Stone Roses** (Silvertone)
3. (3) *The Comfort Madness* — Pale Saints (4AD)
4. (N) *Hallelujah* — Happy Mondays (Factory)
5. (1) *Reading, Writing...* — Sundays (Rough Trade)
6. (5) *Bummed* — Happy Mondays (Factory)
7. (N) *Scar* — Lush (4AD)
8. (N) *Violator* — Depeche Mode (Mute)
9. (N) *Sound Clash* — Renegade Soundwave (Mute)
10. (6) *Squirrel And G-Man* — Happy Mondays (Factory)

Compactos (EUA)

1. (N) "Black Velvet" — Allanah Myles (Atlantic)
2. (N) "Love Will Lead You Back" — Taylor Dayne (Arista)
3. (3) "Escapade" — Janet Jackson (A&M)
4. (N) "I Wish It Would Rain Down" — Phil Collins (Atlantic)
5. (N) "I'll Be Your Everything" — Tommy Page (Sire)
6. (N) "All Around The World" — Lisa Stansfield (Arista)
7. (6) "Roam" — B-52's (Reprise)
8. (N) "Don't Wanna Fall In Love" — Jane Child (Warner Bros.)
9. (N) "Price Of Love" — Bad English (Epic)
10. (N) "Keep It Together" — Madonna (Sire)

Compactos (GB)

1. (N) "Love Shack" — B-52's (Reprise)
2. (2) "Dub Be Good..." — Beats International (Go! Beat)
3. (N) "Strawberry Fields Forever" — Candy Flip (Debut)
4. (N) "That Sounds Good..." — Jive Bunny (Music Factory)
5. (N) "Blue Savannah" — Erasure (Mute)
6. (N) "I'll Be Loving..." — New Kids On The Block (CBS)
7. (N) "Lily Was Here" — David A. Stewart (Anxious)
8. (N) "The Power" — Snap (Arista)
9. (N) "Infinity" — Guru Josh (deConstruction)
10. (N) "Don't You Love Me" — 49ers (4th & Broadway)

Compactos Independentes (GB)

1. (N) "This Is How It Feels" — Inspiral Carpets (Mute)
2. (N) "Made Of Stone" — Stone Roses (Silvertone)
3. (N) "Loaded" — Primal Scream (Creation)
4. (9) "Elephant Stone" — Stone Roses (Silvertone)
5. (N) "Mad Love" — Lush (4AD)
6. (N) "Strawberry Fields Forever" — Candy Flip (Debut)
7. (N) "Blue Savannah" — Erasure (Mute)
8. (3) "Enjoy The Silence" — Depeche Mode (Mute)
9. (N) "Ship Song/Train Song" — Nick Cave (Mute)
10. (N) "Bring For The Guillotine" — Silver Bullet (Tam Tam)

Fontes: Billboard e Cash Box, EUA; Melody Maker e New Musical Express (GB), de 03/03 a 31/03. Para a Parada dos Leitores foram consideradas as cartas recebidas até 31/04/90.

CONVENÇÕES:

(R) indica retorno à Parada
(N) indica novidade na Parada
(-) indica a posição na Parada anterior

[illegible] Sua participação é importante para a Parada. Escreva para: "Parada dos Leitores" — Caixa Postal 60881 — CEP 05863 — São Paulo — SP, dizendo quais [illegible] nesta até. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consulta-lo.

Woodstock
The rock shop
COMPACT DISCS
ATENDEMOS TODO O BRASIL E ACEITAMOS ENCOMENDA DE QUALQUER DISCO
R. Br. Faicão, 157 - 181 Cep: 01007 Fone: (011) 353976
Metrô Anhangabaú Centro SP

DAVID BOWIE

FAME

(DAVID BOWIE/JOHN LENNON/CARLOS ALOMAR)

	FAMA
Fame makes a man take things over fame lets him loose and hard to swallow fame puts you there where things are hollow	*Fama* *faz um homem assumir o controle* *fama* *o põe à solta e difícil de engolir* *fama* *te coloca ali, onde as coisas são ocas*
Fame it's not your brain, it's just the flame that burns your change to keep you insane fame...	*Fama* *não é teu cérebro, é apenas a chama* *que incinera tua mudança* *para te manter insano* *fama...*
Fame what you like is in the limo fame what you get is no tomorrow fame what you need you have to borrow fame...	*Fama* *aquilo que você gosta está na limusine* *fama* *o que você recebe é nenhum amanhã* *fama* *o que você precisa, tem de emprestar* *fama...*
Fame it's mine, it's mine, is just his line to bind your time it drives you to crime	*Fama* *é minha, é minha, faz exatamente a linha dele* *amarrar teu tempo* *te leva ao crime*
Fame is it any wonder I reject you first? fame...	*Fama* *será alguma surpresa* *eu te rejeitar primeiro?* *fama...*
Is any it any wonder you're too cool to fool? bully for you, chilly for me got to get a raincheck on pain	*Será alguma surpresa* *você frio demais para ser enganado?* *violenta intimidação para você, gelada para mim* *é preciso tirar um boletim meteorológico da dor*
Fame what's your name?	*Fama* *qual é o teu nome?*

© Chrysalis Music Ltd. (Direitos cedidos para o Brasil à Warner Chappell Ed. Musicais Ltda.)
Bewlay Bros Music/Fleur Music/EMI Music Publishing Ltd. (Direitos cedidos para o Brasil à EMI Odeon F.I.E. Ltda. Div. Itaipu)

QUEM QUER ENTENDER AS LETRAS DAS MELHORES MÚSICAS,

QUER

BIZZ
LETRAS TRADUZIDAS
NAS BANCAS

EDITORA AZUL

CARTAS

DURAN DURAN

É muito desagradável ler na BIZZ uma carta como a publicada na edição de fevereiro. (...) O pior de tudo é ler a carta até o final e saber que no fundo o Duran Duran não tem medo de aparecer. Já esta pessoa prefere assinar com o pseudônimo de Cry Freedom.

Oswaldo Kerchsan Janeri, São Paulo — SP

O Duran Duran não é uma banda preocupada com política, religião ou qualquer outra entidade social. É uma banda preocupada em fazer dinheiro e músicas para as pessoas dançarem, escutarem e esquecerem. Por que essa mania de pensar que o músico é tão responsável por mudar o mundo?

Marc Ritley/Tec Noir, São Paulo — SP

Se o Duran Duran não quer escrever sobre miséria ou política nas letras de suas músicas, não significa que seja um grupo alienado. São pessoas que se interessam pelas causas mundiais, mas não querem resolvê-las cantando. (...) E ninguém pode obrigá-los a isso.

Lizandra M. Moreira Sanchez, São Paulo — SP

Esse negócio de bandas de porte saírem fazendo letras políticas é pura cascata. (...) Pedimos a você, Cry Freedom, que se ajude e, quem sabe, aprenda a não ter inveja do sucesso de bandas que você não curte.

Notorious Fan Club do Brasil, São Paulo — SP

Lendo a BIZZ de fevereiro deparei-me com uma ridícula carta de um idiota. (...) Não sou fã do Duran Dura, mas realmente não entendi o que esta pessoa estava pretendendo.

Ainez, São Paulo — SP

Li o "grito de liberdade" e fiquei indignada. Como pode alguém se rebaixar a um papel desses!

Terezinha Marinho Pereira, João Pessoa — PB

Fiquei intrigado com a carta enviada pela pessoa autodenominada Cry Freedom a respeito do Duran Duran. Um texto tão grande e de conteúdo tão pobre. (...) É ingênuo demais pensar que o Duran Duran precise de ajuda.

Douglas Barroso, São Paulo — SP

As pessoas que acreditam no Duran Duran são aquelas que foram sensivelmente tocadas por suas mensagens, muito mais verdadeiras do que muitos apelos políticos e manifestações sociais. (...) Agora podemos entender por que o Duran Duran não diz coisa alguma a pessoas como esta!

Alessandra Prioreo, São Paulo — SP

(...) As pessoas devem treinar mais o ouvido para discernir a música de paixão e a feita pela armação sob o dogma da manipulação. Por sinal, muito bem explicado na edição de fevereiro por quem usou o cognome Cry Freedom.

Barbara Martins, Rio de Janeiro — RJ

Estou atendendo ao pedido de socorro para o Duran Duran feito pelo Cry Freedom. (...) Quero ajudá-los. E fico feliz que haja outras pessoas cientes de que eles precisam de uma "chacoalhada". Gostaria somente de sugerir que para ajudá-los um bom começo seria fazer com que esse "Desabafo Duranie" chegue às mãos deles. Mas tenha cuidado! O texto pareceu-me um tanto sensacionalista. Tenho a impressão de que se o Duran Duran lesse esse desabafo, ou eles matariam o autor ou cometeriam suicídio! Não se desespere, procure ser um pouco mais otimista, OK?

Seek R. Coelho, São Paulo — SP

THE WHO

Gostaria que fosse publicada na BIZZ a discografia completa do conjunto The Who.

Oswar F. de Matos, Brasília — DF

Aí vai a discografia. O primeiro LP, *My Generation*, é de 65. *A Quick One*, que nos Estados Unidos recebeu o nome de *Happy Jack*, e *The Who Sell Out*, respectivamente 66 e 67, não saíram no Brasil. *On Tour: Magic Bus*, de 68, só foi lançado nos Estados Unidos. Em 69 saiu o álbum duplo *Tommy*, uma ópera-rock, e no ano seguinte o LP ao vivo *Live At Leeds*. *Who's Next* é de 71, e neste mesmo ano foi lançada a coletânea *Meaty, Beaty, Big And Bouncy*. *Quadrophenia* (álbum duplo) é de 73. *Odds And Sods* (74) é mais uma coletânea do grupo. Em 75 foi lançado *The Who By Numbers*. Seguiram-se a coletânea *The History Of The Who* (76), o LP *Who Are You* (78), a trilha sonora *The Kids Are Alright* (79), *Face Dances* (81), uma participação no álbum duplo *Concert For The People Of Kampuchea* (81), *It's Hard* (82) e *Who's Last* (um álbum duplo ao vivo), também em 82. Os LPs *Rarities Vol. I* (83), *Rarities Vol. II* (83), *The Singles* (84), *Who's Missing* (85), *Two's Missing* (87) e *Who's Better, Who's Best* (89) são coletâneas. Exceto esta última, as outras não foram lançadas no Brasil. Para 90 está previsto o lançamento do LP *Join Together*, uma gravação ao vivo da turnê que o grupo realizou no ano passado nos Estados Unidos. Carreiras solo: **Peter Townshend** — *Who Came First* (72), *Rough Mix* (77), *Empty Glass* (80), *All the Best Cowboys Have Chinese Eyes* (82), *Scoop* (83), *White City* (85) e *The Iron Man* (89). Com o Baba Society: *Happy Birthday* (70), *I Am* (72) e três canções no LP *With Love*, de 76. **John Entwistle** — *Smash Your Head Against The Wall* (71), *Whistle Rhymes* (72), *John Entwistle's Rigor Mortis Sets In* (73), *John Entwistle's Ox: Mad Dog* (75) e *Too Late The Hero* (81). **Keith Moon** — *Two Sides Of The Moon* (75). **Roger Daltrey** — *Daltrey* (73), *Ride A Rock Horse* (75), *One Of The Boys* (77), *Mc Vicar* (80), *Best Bits* (82) e *Parting Should Be Painless* (84).

YAHOO

Outro dia, entre uma mudança e outra de canal, flagrei uma entrevista com os boyzinhos do Yahoo que me deixou embasbacado. Eles afirmavam piamente ser os donos de letra e música de todas as composições de seu novo LP, inclusive "Anjo", que nada mais é que a versão brega de "You're An Angel", do *hardgroup* americano Aerosmith. (...) Esta falta de ética com que age o grupelho do suposto grande guitarrista Robertinho de Recife é facilmente explicável uma vez que o público que seu trabalho atinge é totalmente desinformado e passivo. É fácil enganar o povão. Possivelmente o nome do conjunto também possa ter sido copiado do Yazoo, antiga banda de Vince Clarke, atual Erasure.

José Geraldo Nogueira, São Vicente de Minas — MG

ED MOTTA

Meu Deus! Foi o que pensei quando li a entrevista com o "ilustríssimo" sr. Ed Motta (BIZZ 56). É incrível como um cara que faz músicas imbecis como "Manoel" possa dizer que é fodão, ou, "Eu, na verdade, sou o cara que mais gosto (sic)"! Tudo bem, vou fingir que não tenho nada contra suas músicas (eu até respeito os grandes nomes do soul, funk etc.) nem contra o "americano Ed". (...) Mas dizer que o rock não deve se misturar com o funk, "como existe lá fora, onde o lance do funk, soul e reggae é superfechado", é um absurdo! Por que um cara que faz heavy metal não pode ter influências da black music? (...) Abra os olhos, pois o mundo não é só você nem é só seu!

Silvia Bailey, Belo Horizonte — MG

Em defesa dos grandes roqueiros nacionais venho falar de um adolescente metido à besta que deu entrevista na BIZZ 56. (...) As melhores músicas nacionais são feitas por conjuntos ou cantores de rock. Tanto fazem letras ótimas quanto tocam instrumentos muito bem — alguns tocam vários. Só como exemplo: Lobão, Cazuza, Ira!, Paralamas, Titãs e outros que dão um show de música em cima desse "grande músico". Até concordo que tem muita gente que não sabe tocar nem cantar, muito menos fazer música. Isto há em todo lugar, está cheio de *melozinhos* tomando o lugar da música. Mas as declarações de Ed Motta são uma falta de respeito aos grandes músicos que são roqueiros.

Caetano Barbosa de Aguiar, Guaratinguetá — SP

CORRESPONDÊNCIA INTERNACIONAL

Desejo me corresponder com jovens de todo o Brasil para troca de postais, revistas, cassetes etc. Escrevo em português e inglês. **Steven Joseph Linda Amaral, 61 Country St., East Providence, R.I. 02914 — 0061, USA**

Gostaria de me corresponder com jovens brasileiros que gostem de rock ou qualquer outro tipo de música. Tenho dezesseis anos. **Luciano Rossi, Route 02, Box 56, Lone Wolf, OK, 73655 — USA**

Estou à procura de qualquer material sobre a apresentação de Bob Dylan no Hollywood Rock, incluindo fotos, reportagens, fitas gravadas ao vivo, qualquer coisa! Muito obrigado. **Lee Anderson Right'Stone, Prinzenallee 52/GH, 1000 Berlim 65, República Federativa da Alemanha**

FANZINES

Absurdo?! — Caixa Postal 990, CEP 11010, Santos — SP

Back Stage — R. Gomes Fraga, 05, apto 202, CEP 20541, Rio de Janeiro — RJ

Midsummer Madness — R. Antônio Parreiras, 126/501, CEP 24210, Boa Viagem, Niterói — RJ

Atenção zineiros! Mandem suas publicações para a redação da BIZZ — **Conexão Brasil.** Caixa Postal 60081, CEP 05096, São Paulo — SP.

FÃ-CLUBES

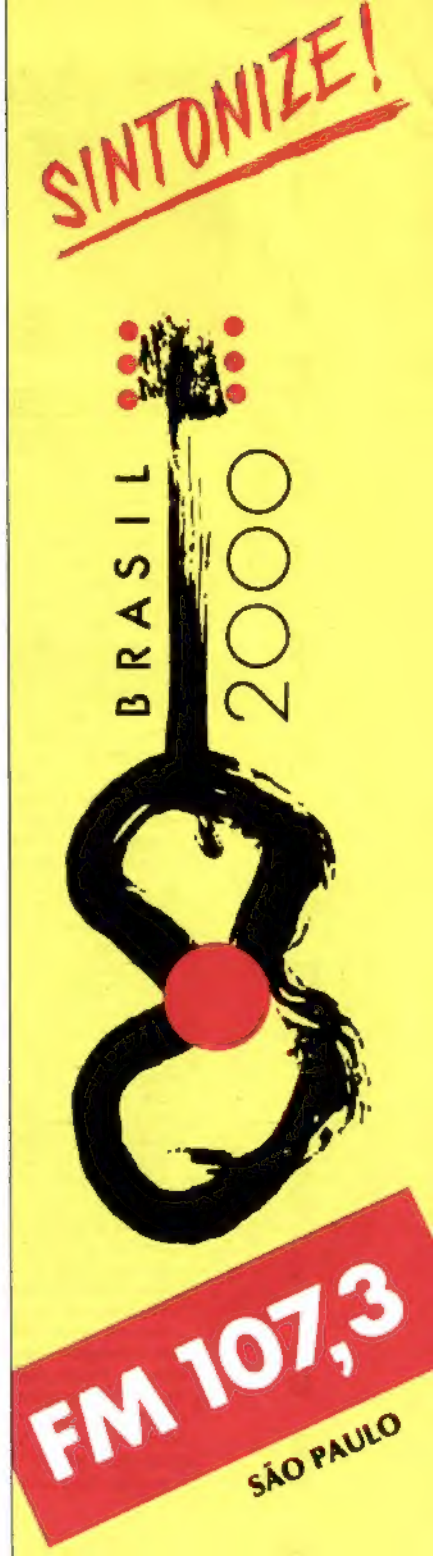
Elvis Presley *São Paulo Elvis Presley Society (SPEPS)* Av. Brig. Luís Antônio, 2050, Cj. 94, CEP 01318, São Paulo — SP

Guns N'Roses *Sweet Child By Guns N'Roses* A/C Katia, r. Sargento Agostinho Ferreira, 484, CEP 02129, São Paulo — SP

Oingo Boingo *Stay In Our Fan Club* R. César do Rego M. F.°, Bl. 6/206, CEP 20760, Rio de Janeiro — RJ

Ramones *Fã-Club Ramones Pet Sematary* Av. Rio Grande do Sul, 374, CEP 85590, Dois Vizinhos — PR

Sepultura *Fã-Clube Sepultura Beneath the Remains* A/C Denilson, r. Aureliano Aredes, 678, CEP 17470, Duartina — SP



SLY AND FAMILY STONE

STAND! (1969)

Eram duas da manhã do dia 17 de agosto de 1969 quando Sly Stone — usando uma veste branca de franjas longas e imaculadas luvas de pelica — subiu ao palco de Woodstock para detonar a mais selvagem e extasiática celebração comunitária jamais vista na história da música pop. Ao comando da palavra mágica "higher", uma horda de quatrocentas mil pessoas dançou e suou sobre um mar de lama, só permitindo que seu xamã — já completamente afônico — a deixasse após o quarto bis!

Congeladas pelas lentes do cineasta Mike Wadleigh, parte dessas imagens ganhou o mundo, tornando Sly Stone uma das grandes celebridades do final dos anos 60. Só que ele era muito mais do que uma *overnight sensation*. Praticamente sozinho, modificaria radicalmente a estrutura do soul, injetando nele cores e sons da nascente psicodelia. O resultado era algo totalmente diferente para a época: "a whole new thing", como ele mesmo orgulhosamente anunciaria no título de seu LP de estréia (67).

As origens de Sly, ou Sylvester Stewart, foram essenciais para o ineditismo de sua música. Embora nascido no Texas (onde, aos cinco anos, já tocava guitarra e bateria), foi num subúrbio de San Francisco que ele se criou, o que o levou a envolver-se desde cedo com o emergente rock da costa oeste. Na Autumn Records, por exemplo, Sly compôs e produziu hits para grupos como Beau Brummels e o Great Society, de Grace Slick. Como DJ da KSOL, a segunda rádio black da área, ele dinamitaria a segmentação da emissora ao intercalar singles da Motown e Stax com canções dos Beatles e Bob Dylan. Todavia, foi no intervalo destas funções que ele criou seu projeto-mor: a banda The Stoners, mais tarde rebatizada The Family Stone. No *line up*, seus irmãos Freddie (guitarra) e Rose (voz, piano), o primo Larry Graham, Jr. (baixo), Cynthia Robinson (trompete), Jerry Martini (sax) e Greg Errico (bateria).

A partir desta base intersexual, inter-racial (além de primos, Martini e Errico eram brancos) e consangüínea, a "família de pedra" urdiu — junto aos subestimados Chamber Brothers — a fusão acid/soul/rock. Se é verdade que o primeiro álbum apenas sugeriu o que viria a seguir, os subseqüentes *Dance To The Music* e *Life* (ambos de 68) souberam preparar as massas para a explosão de *Stand!*.

Gravado em Nova York e Hollywood, o disco alterou definitivamente o curso da música negra, batendo recordes de vendagem durante os dois anos em que permaneceu nas paradas. Incrustadas em seus sulcos, estavam as faixas que edificaram o nome da banda: a intoxicante "I Want To Take You Higher", a anti-racista "Everyday People" (que consagrou a expressão "different strokes for different folks"), a fluida e ritmicamente complexa "Sing A Simple Song" e o suingue politizado de "Stand!", logo adotada pelos Black Panthers como hino do partido. No entanto, foi no longo tema instrumental "Sex Machine" que Sly And The Family Stone anteciparam os sons que, no correr dos anos, desdobraram-se em funk, hip hop, rap e até mesmo no rock mimético de bandas, como Dan Reed Network, MDMA, Fishbone e Stone Roses (vide "Fool's Gold"). Lógico que George Clinton, Prince e seus acólitos também não ficaram imunes a tamanha influência.

Com o fim da era hippie, o recrudescimento do racismo, o massacre no presídio de Attica e a capitulação de seu mentor à cocaína, Sly And The Family Stone despencariam em queda livre ao longo dos anos 70. Mesmo assim, o seu legado musical já estava irremediavelmente consolidado.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Sílvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editor: André Forastieri
Editores-Assistentes: Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil, Lorena Calabria (Rio de Janeiro)
Assistente de Redação e Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan
ARTE
Editora: Deise Bitinas
Diagramação: Angelo Asson, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidvel Heredia
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Annemarie G. de Lemos (Londres)
Colaboradores
Texto: Alex Antunes, Arthur G. Couto Duarte, Ayrton Mugnaini Jr., Camilo G. da Rocha, Carlos E. Miranda, Fernando Naporano, Hagamenon Brito, Leopoldo Rey, Tom Leão.
Fotos: Mariano Coelho, Mauro de Hollanda, Patricia Abdo, Vavinha Hilbert Mendes.
Arte: Antonio Fernando Morra, Jair Farias
Revisão de Texto: Thais Helena de Souza Juarez
Projeto Gráfico: OZ Desenho & Associados
Diretora Responsável: Lilga de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
SP - Diretor: Eduardo S. Rosa
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Arthur de Oliveira Neto, Carla Covolo
RJ - Diretor: Maria Fernanda Jorge
Contatos: Eduardo Barros, Romualdo Ayres Costa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. Botelho

Representantes
Rio Grande do Sul e Santa Catarina: SR Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone (0512) 23-9521 - **Porto Alegre** - RS Centro-Oeste Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 - Brasília - DF SP 2 Intermídia Repres. e Public. S/C Ltda. Fones: (016) 622-4262/623-4291 - Ribeirão Preto - SP

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403. New York, NY 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex: 237670, Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil. 75008, Paris. Phone: (00331) 42.68.31.18, Telex: 660731 ABRILPA, Fax: (00331) 42661399
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP. Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos-Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarini
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco Castro Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos Alberto Araújo, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ, é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, tel.: (011) 826-6777, CEP 01139, Caixa Postal 6008, CEP 05096, Telex (011) 26076. **Telegramas:** Editorial Abril Press. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editorial Abril Press. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Abrunheira dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. Ao fazer sua assinatura exija a credencial do vendedor e pague somente com cheques nominais à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 3. **Número atrasado:** Ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000 Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CFS-210 S

O RESTO FICOU QUADRADO.

O Compact Slim Design do CFS-210S da Sony é a última tendência internacional em rádio-gravadores.
É leve, moderno, fácil de carregar.
O design arredondado do CFS-210S tem um visual jovem, descontraído e esportivo. E um som à altura de muito equipamento maior que ele. Dentro ou fora de casa.
Tem 15 Watts (PMPO) de potência de saída, 4 faixas de onda (AM, FM, SW1 e SW2), microfone embutido e excelente nível de reprodução das gravações.
CFS-210S. A nova forma do som.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

SONY

Pires e Associados

75
BRASIL